MARIA DE LOURDES BELCHIOR: COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA (PÁGINA 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 645 ANO 49.º UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

Filiados da M. P., da escola de equitação, quando desfilavam, esta manhã, perante o monumento a Pedro Álvares Cabral

Flores no monumento a Álvares Cabral para assinalar o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira»

Foi hoje celebrado com diversas cerimónias o «Dia da Comunidade Luso-Brasileira».

A primeira cerimónia, organizada pela Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina, efectuou-se às 10 horas, junto ao monumento a Pedro Alvares Cabral. Ali se concentraram representações das duas organizações paramilitares juvenis, para uma cerimónia presidida pelo subsecretário de Estado da Juventude e Desporto, comissário e comissária nacionais das duas organizações e com a assistência do ministro conselheiro da Embaixada do Brasil.

O grupo coral do Liceu

(Continua na página seguinte)

APÓS OS BOMBARDEAMENTOS NO CANAL DE SUEZ

Novo ataque de "comandos" egípcios

CAIRO, 22 — (F. P.) — «Uma unidade de «comandos» egípcios efectuou, a noite passada, uma missão de reconhecimento na margem oriental do Canal de Suez, tendo destruído posições inimigas situadas bem atrás das suas linhas de defesa» — anunciou Rádio Cairo citando um informador militar egípcio.

A unidade egípcia travou combate com uma patrulha inimiga que registou cinco baixas. Todos os membros da patrulha egípcia regressaram á sua base. Dois ficaram feridos.

TRAVESSIA A NADO

Entretanto, o jornal «Al-Ahram» escreve hoje que os «comandos» das Forças Armadas egípcias, que atravessaram o Canal de Suez, no sábado e no domingo, pertencem ás unidades de homens-rãs, aos pára-quedistas e ás tropas de choque.

Estes «comandos» utilizaram embarcações especiais ou fizeram a travessía a nado, acrescenta o jornal. O facto de um «comando» ter ocupado durante horas uma posição israelita, considerada como a melhor fortificada, mostra que as forças israelitas, supreendidas pelos «comandos», foram incapazes de reagir — diz ainda «Al Ahram».

AGRESSAO

Por seu lado, o jornal «Al Goumhouria» afirma que as fortificações construídas pelos israelitas no Sinai constituem uma agressão contra a R. A. U. e as Forças egípcias, bombardeando-as, limitaram-se a usar do direito de legítima defesa.

O diário acrescenta que a R. A. U. não pode tolerar tais fortificações, que permitem ás Forças israelitas

(Continua na 15.ª página)

Civis armados guarnecem uma trincheira numa rua da cidade egípcia de Ismaília, na zona do Canal de Suez, onde, aos duelos de artilharia se sucedem agora os «raids» de «comandos» egípcios, contra as posições israelitas. A travessia do canal por forças da R. A. U. constitui um aspecto na sequência de incidentes israelo-árabes desde que Israel ocupou a península do Sinai, durante a «guerra dos seis dias», em Junho de 1967

Demonstração de força no Mar do Japão

TÓQUIO, 22. — (F. P.) — O couraçado «New Jersey» juntar-se-á provàvelmente aos navios da esquadra norte-americana que cruzam ao largo da Coreia do Norte, para protegerem os voos de reconhecimento.

Segundo os especialistas japoneses, três ou quatro porta-aviões, entre os quais o «enterprise», três cruzadores e uma dezena de contratorpedeiros participam na «demonstração de força» norte-americana no Mar do Japão.

OUTRO «PUEBLO» EM OPERAÇÕES

SASEBO (Japão), 22—(A. N. I.) — O navio de informações da marinha de guerra dos Estados Unidos «Banner», de 906 toneladas, largou hoje de Sasebo, «aparentemente com rumo ao Mar do Japão, onde uma força naval de combate norte-americana está a operar» — anuncia a agência noticiosa japonesa Kyodo.

O «Banner» tem uma guarnição de 80 homens e é do mesmo tipo do «Pueblo», que foi apresado pelos comunistas norte-coreanos em JaçuMBlõu-1V shrdl shrdl sd neiro de 1968.

DOSSIER ALGARVE

Começamos hoje a publicar (pág. 11) uma série de reportagens efectuadas no Algarve pelo nosso colaborador **João Silva Roque.**

Vamos escolher a princesa das «Teen-Agers» portuguesas

(LER REGULAMENTO NA ÚLTIMA PÁGINA)

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

A «PAX LUSITANA»

A velha ideia imperial romana, com o Mediterrâneo transformado em lago caseiro e a pax a reinar no mundo, como se acentua no começo de um dos Evangelhos, havia de ressurgir no final do primeiro quarteirão deste século. Sòmente o novo César romano não tinha a garra imperial, nem o sobretudo os tempos eram os mesmos nem tão-pouco as gentes. Essa «pax romana» foi o fito e o modelo de todos os agregados nacionais. Continua a sê-lo para quantos ambicionam uma estabilidade e, entre outras comunidades, a comunidade portuguesa espalhada pelos quatro mares já que depois de Gama, «a raça humana começou a viver sob o mesmo tecto», como o disse Tenyukeo e o lembrou ontem o almirante Sarmento Rodrigues, ao proferir a conferência inaugural da 41.ª Semana do Ultramar, na Sociedade de Geografia. Presidiu o sr. Presidente da República e assistiram muitas personalidades em destaque na política e nos meios ultramarinos. Tema da conferência — «Portugal e o Ocidente». Disse o antigo ministro do Ultramar e governador-geral de Moçambique: «A nossa tarefa de hoje, como de sempre, consistirá em empenhar, sem reservas, os principais recursos da Nação nas suas parcelas mais carecidas de defesa e de progresso. Nas mais novas, nas mais prometedoras, nas mais pujantes de seiva e de aspirações. E desde há séculos que essa exigência se tem localizado nas novas terras e novas gentes portuguesas de além-mar. Por isso mesmo, as grandes linhas da política de vida nacional não se alteraram. Os desvios dessa orientação é que ficaram sempre tristemente assinalados na história da nossa vida. As épocas em que se descuraram os ideais ultramarinos, em que empalideceu a nossa determinação de lutar e de viver, trocada por tentações de confortável abdicação; ou em que prevaleceram as influências interesseiras que levaram a concentrar as melhores energias nacionais em problemas de conforto e de riqueza e fora das zonas de expansão e de grandeza futura da Nação, acabaram por ser tempos de desgraça e de estagnação. Para todos. Tempos de vergonha. Pelo contrário, os grandes períodos de progresso, para não dizer de glória, coincidem sempre com a atribuição da primazia no empenhamento de energias nacionais ás tarefas ultramarinas. Nunca, nesses anos de ascensão, prevaleceu a primazia do continental europeu. As preocupações dominantes, e consequentes, energias a empenhar, tinham de estar no Ultramar.» E a findar disse: «...não podemos estar subordinados nem ao poderio económico nem ao formulário ideológico, a cada instante variável, das chamadas potências ocidentais. Alcançámos uma «Pax Lusitana» que temos a cada momento de defender, sobretudo das fraquezas internas.»

«CIDADE DE AVEIRO»

O arrastão «Cidade de Aveiro» adornara na Gafanha em 8 de Março. Preparavam-se entretanto os trabalhos para o pôr de novo a flutuar. Findos esses trabalhos, a elegante e moderna embarcação bacalhoeira voltou ontem a balançar-se na água, embora ainda, de lados aos lados, ela tenha um desvio de 15 graus. Mas são trabalhos que em breve estarão findos.

«ANGÚSTIA E ESPERANÇA DO HOMEM MODERNO»

No auditório do Colégio do Sagrado Coração de Maria, proferiu, ontem, á noite, uma conferência o bispo de Carmona, D. Francisco da Mata Mourisca. Veio propositadamente a Lisboa para uma série de conferências, de que a de ontem foi a primeira. Tema da palestra de ontem: «Angústia e Esperança do Homem Moderno».

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu em audiência, os srs. brigadeiro Fernando de Oliveira, ministro das Comunicações; general Julio Pereira, comandante da 1.ª Região Militar (Porto); eng. Soares Carneiro, director-geral de Minas e Serviços Geológicos; dr. José Herédia da Federação Portuguesa de Ténis; e eng. Carlos Soares de Oliveira de Chaby; os componentes da direcção do Clube Português de Canicultura; e uma representação de cerca de meia centena de poveiros.

O PRESIDENTE DO CONSELHO EM LISBOA:

«OITO DIAS DE VIAGEM DE TRABALHO E EMOÇÕES»

O Chefe do Governo pronunciou ontem, á sua chegada a Lisboa, a seguinte alocução transmitida directamente pela R. T. P., E. N. e estações de rádio particulares:

«O acolhimento que o Chefe do Governo teve nesta breve deslocação de uma semana a terras da Africa Portuguesa caracterizou-se pela espontaneidade e autenticidade das manifestações populares. Manifestações assim, em que as saudações vão de coração a coração, não se preparam, não se organizam, não se comandam; acontecem, e só acontecem quando exprimem sentimentos reais e sinceros.

O sentimento dominante, aquele que fez deslocar multidões, vibrar as vozes e espalhar no ambiente um clarão de alegria expresso nos sorrisos, nos acenos e tantas vezes também nas lágrimas de comoção, era o amor á Pátria, era a fidelidade a Portugal uno e indivisível.

Gente de todas a cores, de todas as etnias, de todas as religiões, nascidos na terra una, vindos de longínquas paragens do Norte ou do Oriente outros, todos se confundiam no grito imenso e caloroso de aclamação a Portugal!

No meio desta multidão o Presidente do Conselho andou sempre escoltado: foram os rapazes e as raparigas que rodeavam o automóvel gritando vivas, os moços motociclistas que fizeram cortejo na Beira e os pára-quedistas que o acolheram no aeroporto, os estudantes universitários que vieram de Sá da Bandeira a Nova Lisboa, os escuteiros com os archotes em Lourenço Marques, as crianças que mal eu punha os pés no chão me cercavam para me beijar, as raparigas encantadoras da Mocidade Portuguesa Feminina em Luanda, as centenas de nativos e nativas que num ápice se reuniram á minha volta quando de surpresa me apeei para visitar a Sé de Bissau, e sempre o povo, o povo em massa compacta, o povo entusiasta, o povo delirante, o povo que me cercava, empolgava, tocava, abraçava, beijava aclamando Portugal!

Nenhum governante no Mundo inteiro pode, estou certo disso, deslocar-se com uma escolta assim: a escolta segurissima de uma multidão de pretos, brancos, mestiços, amarelos... unidos no mesmo propósito de manter portuguesa a terra onde vivem e que querem conservar progressiva e em paz.

E quando, na Beira, ao inaugurar a nova sede do Centro Africano de Manica e Sofala, no meio de milhares de associados, alguém entoou, no recinto onde o Presidente do Conselho se encontrava, o hino nacional, o coro que, de repente, foi formado por nós todos, ergueu aos céus da Africa, para ser ouvido no Mundo, a mais bela versão de «A Portuguesa» que jamais se cantou! O mesmo hino que vinte e quatro horas depois, em Nova Lisboa, outra multidão igualmente variada, reunida em frente do Palácio do Governo do Distrito de Huambo, cantaria a plenos pulmões, á luz dos archotes que iluminavam, de um lado, a estátua poderosa de Norton de Matos e, do outro, a varanda onde se encontrava um homem que fora seu adversário político mas que estava unido á sua memória pelo comum designio de honrar e engrandecer a Pátria.

Foram oito dias de viagem, de trabalho e emoções. Mas não de fadiga. Não venho fatigado: venho com a alma em festa, venho mais animoso do que nunca, venho, se é possível, mais português do que parti, venho com a certeza de que vale a pena sofrer, de que vale a pena lutar, de que vale a pena insistir ao serviço desse povo admirável, do qual se destacava a cada momento uma juventude generosa em busca do seu futuro.

Eles, os portugueses de Além-Mar, querem continuar a ser portugueses! E não vacilemos na decisão: ADIANTE Sigamos intrépidamente — para a frente!»

DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

(Continuação da pág. anterior)

Padre António Vieira entoou o hino brasileiro, a iniciar a cerimónia, tendo sido, depois, colocadas flores na base do monumento, e os emblemas, também de flores, da M. P. e da M. P. F.

Seguiu-se a declamação do poema «Brasil», de Eugénio Ribeiro Rosa, pelos «Jograis do Liceu Gil Vicente»; depois deste, voltou, de novo, o grupo coral do Liceu Padre António Vieira, para cantar «A Portuguesa».

No final, um esquadrão da M. P., a cavalo, deu uma volta ao monumento. A cerimónia terminou exactamente ás 10 e 20, com a campainha do Liceu Pedro Nunes a tocar para o intervalo, e as criancinhas do Jardim Escola João de Deus a recolherem, nos seus bibes de gala.

O dr. José Saraiva e o embaixador do Brasil no Palácio da Independência

Pelas 18 horas, no Palácio da Independência, sob a presidência do ministro da Educação Nacional, e com a presença do embaixador do Brasil e outras entidades, realiza-se uma sessão cultural, que começará com algumas palavras pelo comissário nacional, sr. tenente-coronel Gomes Bessa, seguindo-se uma conferência do sr. dr. Ruben Andresen Leitão, sobre «A actualidade da Cultura Luso-Brasileira».

Depois, o ministro da Educação Nacional entregará á Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina, uma reprodução de um quadro de Grão Vasco.

Em seguida será inaugurada a exposição de trabalhos escolares de estudantes portugueses e brasileiros, subordinados ao tema «Portugal e Brasil», e a sessão será encerrada com poesia e música dos dois países, com interpretação ao piano pela brasileira Zuleika Barbosa e pelo português Adriano Jordão, e ao violão pela brasileira Maria Livia São Marcos. As poesias serão ditas por grupos de estudantes brasileiros da Universidade de Lisboa, e portugueses do Liceu de Gil Vicente, da Escola Ferreira Borges, universitários e do Liceu Rainha D. Leonor.

Simultâneamente, também hoje, em diversas escolas técnicas do País e Liceus foram organizadas sessões dedicadas á «Comunidade Luso-Brasileira», com audições de música brasileira e sessões de leitura de autores dos dois países.

Designadamente, as sessões foram organizadas na Escola Industrial e Comercial de Viseu e, em Lisboa, na Escola Técnica Elementar Nuno Gonçalves, Escolas Preparatórias Manuel da Maia e Paula Vicente, Liceu D. Filipa de Lencastre e na Escola Preparatória de Alexandre de Bá Pinto.

Estas sessões foram organizadas por determinação do titular da pasta da Educação Nacional.

Escola Preparatória «Pedro de Santarém»

O dia de hoje, «Dia da Comunidade Luso-Brasileira», foi assinalado na Escola Preparatória «Pedro de Santarém», nomeadamente nas aulas de Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal dedicadas á exaltação do valor da fraternidade luso-brasileira.

O director daquela Escola informa-nos ainda que este tema foi centro de interesse de todas as actividades escolares e circum-escolares no decurso do segundo período e terminará no fim deste mês.

Palestra de Sarmento Rodrigues no Rotary Clube de Lisboa

Efectuou-se hoje a reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, presidida pelo sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro. Na mesa da presidência viam-se os srs. prof. dr. Adriano Moreira, comodoro Jaime de Azevedo Monteiro de Barros e dr. Almerindo de Vasconcelos Lessa, presidente do Elos Club.

Aberta a sessão, o presidente convidou o sr. contra-almirante Sarmento Rodrigues para saudar a bandeira nacional.

O director do protocolo eng.º Magalhães Ramalho apresentou os convidados e os rotários visitantes.

Por sua vez, o sr. dr. António Manuel Nunes de Oliveira, secretário do clube, anunciou que a entrega da Carta Constitucional ao Rotary Club de Lisboa-Oeste se efectuará na Feira das Industrias Portuguesas, a 10 de Maio, pelas 21 e 30 horas, com a presença do governador do Distrito e que o Rotaracte Clube de Lisboa foi oficialmente reconhecido pelo Rotary Internacional sendo a cerimónia inaugural no dia 3 de Maio com a entrega do Certificado de Organização.

O presidente do clube, depois de saudar os convidados, referiu-se ás comemorações do Dia da Comunidade Luso-Brasileira e, em especial á Comissão Rotária que tem levado a cabo as cerimónias relacionadas com o centenário do nascimento do almirante Gago Coutinho, que foi sócio honorário do clube. E anunciou que está em estudo uma grande reunião luso-brasileira de rotários, a realizar no próximo ano, em Brasília. Foi distribuida pelos sócios uma luxuosa «plaquette» editada pelo clube, com efemérides e recordações daquele notável português.

O dr. Almeida Ribeiro fez, seguidamente, a apresentação do sr. almirante Sarmento Rodrigues, sócio do clube e a cargo de quem estava a palestra regulamentar sob o tema «Gago Coutinho, Símbolo da Comunidade Luso-Brasileira.»

As diversas comissões, em estreita colaboração com a Comissão Central, trabalham activamente, em meio de grande entusiasmo, para o êxito das Festas da «Queima das Fitas» em Coimbra, que têm larga projecção além-fronteiras. Uma destas comissões, a de livre-trânsito, com importantes tarefas a seu cargo, é constituída pelos estudantes (da esquerda para a direita): Vasco Augusto Cunha Baptista (Ciências), Raul Geminio Martins de Melo Santos (Direito), Fernando José Lopes dos Santos (Medicina), Alda Maria Moura Maia (Letras) e Bobbian Amélia Pinto Nunes (Farmácia)

PAQUETES

Precisam-se para voltes e pequenos serviços de escritório com idade entre os 14 e os 17 anos. Telefone 366608.

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade e permanência do luso-brasilismo

Por Maria de Lourdes Belchior

Apeteceu-me plagiar Nuno Simões e encabeçar estas linhas como título «Actualidade e permanência do luso-brasilismo».

Entretanto, quase abruptamente, tive consciência de que a imagem da comunidade luso-brasileira dos Nuno Simões, dos João de Barros, dos Jaime Cortesão, dos Hernâni Cidade e outros talvez não corresponda à imagem que desta comunidade têm outras gerações.

Por comunidade entende-se, segundo a definição dicionarística, a qualidade daquilo que é comum, ou ainda a «agremiação de indivíduos que têm a mesma crença ou a mesma norma de vida.» O que é comum na comunidade luso-brasileira é a língua e a tradição. O português do Brasil e o português de Portugal, apesar das variantes que os caracterizam, são uma mesma língua. Não é por cá se dizer *adesiva* e lá *esparadrapo* nem por cá se dizer *o mais novo* e lá o *caçula* ou por cá se dizer *homónimo* e lá *xará* que a unidade da língua se fragmenta. António Houaiss em *sugestões para uma política da língua* foi inequívoco, ao concluir um inquérito sobre «a língua brasileira»: a língua falada no Brasil é essencialmente a língua portuguesa.» Os inquiridos — Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Silvio Elia — foram, com carácter de unanimismo, categóricos na mesma conclusão. Não é que eu tenha a superstição das autoridades, mas sempre dá gosto e conforto verificar que os nossos pontos de vista e a nossa experiência são confirmados pelos sábios. A experiência demonstrou-me que de norte ao sul do Brasil, de Manaus e S. Luís do Maranhão a Porto Alegre e Curitiba, em todo o lugar, o meu ouvido português escutava falares portugueses, saborosos e melódicos, que não me causavam embaraços ao entendimento. As vezes acontecia que a palavra corrente, diferente da de Portugal, para certo objecto, a ouvia igual à de cá, como regionalismo. É o caso, por exemplo, de *rebuçado*, que ouvi no Recife, e que no Rio se diz *bala*. O carioca a quem, um dia, pedi: «rebuçados de mentol» traduziu: quer então «balas de menta». Mas para o pernambucano era desnecessária a tradução...

Uma comunidade de língua, uma língua comum que possibilita e veicula duas literaturas que possuem «um denominador comum instrumental»: a língua portuguesa. Esta língua portuguesa encontra-se do lado de lá do Atlântico, enriquecida, viva, como organismo vivo que é, desenvolve-se e progride. Há que admirar este seu crescimento, na pujança e na liberdade. Temos nós portugueses, uma vez por outra, reacções de defesa, considerando espúrias ou deformantes ou ousadas certas palavras ou construções usadas no Brasil. Ora o que acontece é que lá como cá, também, às vezes, se fala ou escreve mal. Posso, porém, garantir que se escreve tão bem no Brasil como em Portugal e que os donos da língua somos nós todos portugueses e brasileiros. Recordo a reacção solene de um português, apegado ao vernáculo, que me confessava a sua repugnância pela colocação brasileira do pronome «*me* dá, *me* viu», etc. Quando lhe lembrei que os brasileiros guardavam a liberdade de colocação do pronome que nós preferimos perder, fixando-lhe, quase rigidamente o lugar, na frase, admitiu que tal liberdade não significava *ipso facto*, degenerescência da língua.

Escrevi: «O que é comum na *comunidade luso-brasileira* é a língua e a tradição.» Da língua nada mais direi, a não ser que compreendo os grandes escritores brasileiros que se recusam a permitir alterações nos seus textos, com vista a «soit-disant» aportuguesá-los...

A propósito da tradição ou seja do passado comum recordo a impressão que me causou ouvir, em 1964, na Rádio Ministério da Educação e Cultura uma voz que dogmàticamente declarava «o Brasil é um país sem passado.» Só certo sectarismo podia justificar a asserção, pois que do ponto de vista da história o erro era grosseiro. Ainda que admitindo que o Brasil é o país do futuro — e é-o, sem dúvida — parecia inconcebível renegar o passado. Mas foi quase só uma voz efémera e episódica. O passado do Brasil é também nosso em grande parte. Mas numa época «prá-frente», ou seja numa época em que o futuro atrai e quase perturba, é o tempo daquele prodigioso desenvolvimento material e intelectual» que entusiasmou João de Barros, o tempo de agora e de amanhã que interessa integrar na comunidade luso-brasileira. O tempo de ontem, esse faz parte do património comum de tradições e costumes.

E a propósito em referência ao passado, não seria agora a altura oportuna de fazer uma revisão nos compêndios da História do Brasil? No «Correio da Manhã», há vinte anos, fez o brasileiro Costa Rego essa proposta que conviria retomar, não só nas perspectivas, em que o jornalista a situava, como em tudo quanto respeite a presença portuguesa no Brasil. Evitar-se-iam muitos preconceitos, muitas reticências, se sem edulcorar a verdade, esta, entretanto, se restabelecesse. Radicar-se-iam mais lisas e mais fundas as linhas de encontro e de construção da comunidade luso-brasileira. Enquanto se não tentar tudo para a confrontação, para o reconhecimento mútuo, a comunidade luso-brasileira arrisca-se a ser uma palavra vã. Poderá acontecer que nos iludamos e restrinjamos as fecundas dimensões dessa comunidade.

Segundo Nuno Simões o luso-brasilismo tem duas grandes fases. Sem ser pelo prazer de contestar o mestre, ousarei escrever que tem de ter três fases. A primeira é a que Graça Aranha assinala: «Portugal, vencendo a resistência da terra que não se entregava fàcilmente e num momento de indústria ainda mal aparelhada, realisou uma consciente obra de Estado. O País foi descoberto, varado, estudado, organizado por militares e funcionários. Uma nação política foi fundada. Os vestígios dessa organização são os alicerces do Estado brasileiro.»

Depois, segundo a síntese de Tristão de Ataíde-Alceu Amoroso de Lima, a independência do Brasil «foi antes uma evolução que uma revolução.» E então, após a independência, quando esta se consolidava, começou a segunda fase, a da reaproximação com Portugal, que, entretanto, foi difícil e morosa. Nesta fase se hão-de integrar, nos tempos já próximos de nós, os admiráveis esforços de toda uma geração a que pertencem João de Barros, Nuno Simões, Jaime Cortesão e outros. Mas dir-se-ia que, entretanto, apesar de louváveis iniciativas e gestos que convirá recordar, quando se fizer a história exaustiva da «construção» da comunidade luso-brasileira, esta se atenuou como consciência. As novas gerações de portugueses e brasileiros têm escassa noção e pálida imagem dos elementos e valores construtivos de uma comunidade — a luso-brasileira — que só lúcida e empenhadamente se sentirão com-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

REATAR IDEIAS

O RESUMO DE IMPRESSÕES que o dr. Marcello Caetano transmitiu ao nosso conhecimento logo após o seu regresso a Lisboa não contraria nem amplia a ideia que já fora possível formar-se da sua viagem, do estilo em que ela decorrera e dos resultados que nela fora possível reunir. Resultados esses, esclareça-se desde já, que foram para ele próprio e para a sua posição bastante positivos e se nos afiguram também como possivelmente favoráveis à desejada evolução do nosso problema africano.

O que há de fundamental a acentuar como traço característico nesta ida e volta a terras do Ultramar é o propósito do governante que procura estar presente, informar-se, ver como é, qual a «cor local» dos problemas que tem de defrontar, as coisas e as pessoas. Só isso, com efeito, pode permitir a presença de todos os elementos que deverão intervir numa decisão, em cada decisão das que sucessivamente houverem de ser tomadas quando está em curso um empenhamento histórico de tão grandes dimensões.

Essa dimensão é dada pela perspectiva do passado e do futuro sintetizada no presente com todas as interrogações e todos os sofrimentos inerentes ao esforço de muitas dezenas de milhares de jovens, interrompidos nas suas carreiras de vida para se darem ao cumprimento do dever a que foram chamados... «Juventude generosa em busca do seu futuro» lhe chamou o Chefe do Governo na sua breve declaração de ontem. Certamente. Não há juventude onde não houver generosidade. E essa é uma flor que bem merece cultivar-se no nosso tempo.

Resumindo o quadro desta semana de funda respiração africana, o prof. Marcello Caetano evocou a recepção que por toda a parte lhe fizeram, acentuando que manifestações como essas não se encomendam nem organizam, mas «acontecem», como disse para sublinhar o traço da espontaneidade. «Nenhum governante do mundo» lhe pareceu que pudesse experimentar tão à vontade um tal desafogo de gente. Com o que isto possa conter de compreensivelmente emocional (de parte a parte) estamos em presença de um clima de que é possível extrair conclusões.

Nesse clima insere-se o que nos parece permanecer como propósito do dr. Marcello Caetano no sentido de fomentar convergências. A evocação que fez de Nova Lisboa, vendo-se diante da estátua de Norton de Matos, fundador da cidade, não é que possa simplesmente supor-se um «rodriguinho», um simples recurso literário, que num político da sua craveira e com a sua experiência haveria de considerar-se um deslize. Haverá, sim, que interpretá-la como o propósito de afirmar uma posição.

Desta política haverá, pois, que recolher as consequências possíveis, ao menos para se tentar a sua interpretação. É terreno perigoso, o das interpretações, onde sempre a ambição de objectividade corre o risco de ser em parte traída pelo impulso subjectivo. Mas não pode ser ignorada a insistência com que o Presidente Marcello Caetano vem a mostrar-nos a todos a complementaridade das ideias de progresso e de paz.

RECTÂNGULOS DA VIDA

QUANDO EU...

Aconteceu-nos uma catástrofe, uma desgraça, um simples contratempo. Quaquer dessas coisas. Há pessoas que aparecem, a outras encontramo-las em casa de amigos comuns ou na rua, por acaso. Entre elas os «quando eu». Os «quando eu» são espantosos, nunca me canso de os admirar. Nós, modestamente, a querermos meter na nossa pequena história actual, o nosso problema do momento, grande ou insignificante, e eles logo a interromper-nos porque aquilo lhes fez lembrar uma coisa que lhes aconteceu há um, há dez, há vinte anos, mas que é, claro está, muito mais importante, até porque se passou com eles. «Quando eu...» Meu Deus, quando eles tiveram aquela doença e estiveram a morrer, pensaram, sim, sim, mesmo nessa altura... E ali vêm os pensamentos, em fileiras compactas, marchando direito a nós, sem uma falha, sem uma hesitação. «Quando eu...» «Quando foram despedidos, ah, disseram ao patrão das boas, nunca ele ouviu coisas assim. E não teve resposta, pois o que havia de dizer?» E todas as palavras, tintim-por-tintim. Todas. «Quando eu...» Mas são sem fim os monólogos deste género. Os «Quando eu...» não querem ajudar a pessoa que está a ouvi-los (com que esforço). As coisas que dizem não são exemplares mas pessoais, não têm nada a ver com o problema actual daquele que os escuta. O «Quando eu» é um homem ou uma mulher contente consigo, egoísta, que há anos (um, dois, dez? Vinte?) recorda e rumina com prazer as palavras que proferiu um dia, os pensamentos que teve em dada altura. Está-se nas tintas para os outros, para aquele, ali, na sua frente, que o escuta por boa educação, mas que talvez nem o ouça porque tem na sua vida — hoje — uma catástrofe, uma desgraça ou um simples contratempo.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos das praias)
Passe as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços acessíveis. Redução especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convívio com ar condicionado. Marcações pelo telef. 490.

TAUROMAQUIA

Sevilha deu o bom exemplo

SEVILHA, Abril — Duas corridas das onze da Feira haviam decorrido quando, domingo, 13, estalou «el petardo», a bomba, em Sevilha, da unica plaza que vê, todavia, los toros con ojos de aficionado», como disse Cañabate na sua conferência do dia anterior. Estavam anunciados seis touros de Benítez Cubero, para Vitoriano Valencia, Curro Romero e Palomo Linares, mas surgiu a notícia da proibição do espectáculo, porque os touros apresentavam «descarada falta de trapío», pezo y edad aparente» — dizia o aviso que o governador-civil ampliou com a declaração de que agira velando pelo prestígio e pureza da festa e que os apoderados de Palomo Linares, srs. Lozano, depois de recusados pela autoridade touros de Pallarés, igualmente insignificantes, se haviam oposto a que se lidassem outros maiores, de Guardiola e de Camacho. Mais declarou o governador, sr. Utrera Molina, que estava disposto a proibir, assim, todas as corridas e a não chaudicar em oferecer á aficion espectáculos impróprios duma feira como a de Sevilha. E, pela primeira vez na história da Feira de Sevilha se ficou sem corrida de touros, e, para mais, num domingo.

Antes, na primeira das corridas anunciadas, a de sexta-feira, lidaram touros de Guardiola, bem apresentados e bravos, Alfredo Leal, um mexicano que sabe do officio, Rafael de Paula, um cigano de Jerez, e António Barea, outro em «rodagem», e o único interesse do espectáculo residiu na animada lide que a um touro de Pilar Herrera de Urquijo, com 563 quilos, deram os rejoneadores Peralta, bem Rafael e muito bem Angel, em prodígios de equitação e de combinação e entre ovações entusiásticas e volta á arena.

Na segunda corrida, a de sábado, haviam lidado touros, gordos, de Álvaro Domecq os «diestros» Jaime Ostos, com volta á arena, Paco Camino, que cortou a primeira orelha, e «Limeño», muito aplaudido por sua arte fina.

A proibição da terceira corrida foi comentada com elogios dos aficionados e dos críticos ao governador, que assim deu o bom exemplo que se impunha, para prestígio da festa, que deve ser de touros e não de touritos, como desejam alguns dos que assim pretendem forjar toureiros caros.

Na segunda-feira lidaram seis bravos touros de Carlos Urquijo mestre António Ordoñez, que cortou uma orelha, «Viti», que cortou outra, matando bem, sério, mas com a distância que no toureiro vai de Ronda a Vitigudino, agradou tão plenamente, bandarilhando e toureando, que cortou, também, uma orelha e foi amplamente aplaudido.

No dia 15, com um touro seu, rojoneou Fermin Bohorquez, e com seis de Gerardo Ortega, vimos Jaime Ostos e Vitoriano Valencia e entusiasmamo-nos com Manolo Cortés, que foi o triunfador da tarde, cortando duas orelhas, e, na do dia seguinte, três e saindo em ombros pela Porta Grande, como aquele toureiro que o genial Martínez de Leon recordou numa tela da magnífica exposição que apresentou durante a Feira de Sevilha.

Aos touros de Carlos Nuñez, que foram bravos, cortaram, também, orelha Ordoñez e Camino, este duas. Não foram os touros de D. Lisardo Sanchez, recentemente falecido, com os seus tão bravos do ano anterior, mas «Viti» e Angel Teruel luziram-se, e a Palomo Linares apresentou o público a factura da famosa suspensão, tão comentada e não esquecida.

O crítico do «Correo de Andaluzia», o dr. Manuel Murga, que assina Delavega, comentou assim: «Há vezes na vida em que os excessivos cuidados dos dirigentes dum artista, e a propaganda mais ou menos desorbitada, prejudicam».

Na corrida de 18, lidaram touros de Bohorquez, António Ordoñez, Alfredo Leal e Curro Romero, tão predilecto dos sevilhanos como o Betis, o menino querido.

No dia 19, foi a corrida chamada dos remendos impostos pelos touros de António Perez, substituídos três por dois de Camacho e um de Guardiola, e Júlio Aparício teve triste despedida.

Para inauguração de nova instalação eléctrica, deu-se uma nocturna, que foi um pesadelo, e em que rejoneou o conde de San Remy e lidaram touros que antes foram da Viúva de Concha y Sierra, Alfredo Paula, André Hernando e «Zurito», que cortou uma orelha.

Finalmente, no último dia, os touros que haviam de ser dos mais bravos da Feira, de Carlos Urquijo, para «Limeño», que cortou quatro orelhas e saiu em ombros pela Porta Grande, e para Hernando e Rojas. Rejubilámos com o novo êxito de «Limeño», que já no ano passado triunfou com os Miuras que outros não querem.

Cento e vinte anos conta a Feira de Sevilha, e como Enrique Vila disse pela Rádio, há cerca de sessenta que assistimos ás suas corridas de touros. Sempre as primeiras figuras de cada época mataram a corrida de Miura, na Feira de Sevilha e em todas as de Espanha. Agora, porém, as chamadas primeiras figuras não querem os Miura, que haviam de ser os mais bravos da Feira, um com volta no arrasto. Entre tantas coisas feias de hoje, é esta das que mais nos impressiona, pelo que representa de irresponsabilidade. «Limeño» matou os Miura triunfalmente e brindou ao governador, sr. Utrera Molina pelo bom exemplo que deu.

Para honra dos nossos, nunca estes se recusaram a matar os Miura, e, ultimamente, José Júlio, que cortou a orelha de um e foi colhido por outro, houve de voltar a fazê-lo dois anos depois. José Falcão estava disposto a matar os Miura nesta Feira, mas o empresário, e nosso bom amigo, Canorea, respondeu, a uma nossa sugestão, que, apesar da sua boa vontade, no cartaz já não cabiam mais toureiros.

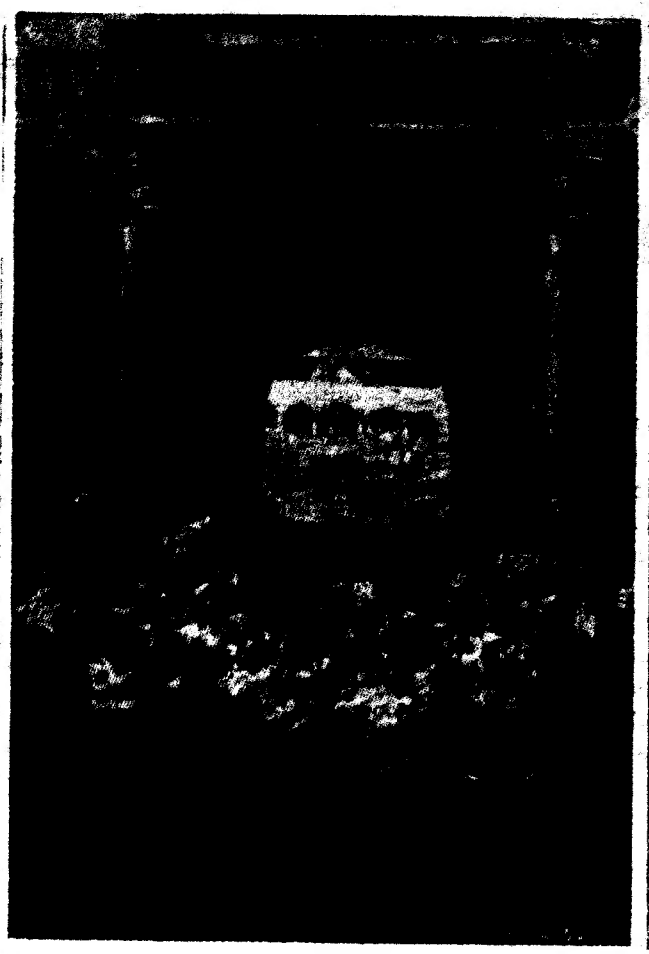
Já a uma Feira de Sevilha faltámos porque no cartaz das corridas não figurava um único português, e então sí, que tínhamos vários em activo. À Feira de Sevilha deste ano faltou-nos valor para dela nos apartarmos, não seja que Deus queira que outra não nos reste, que esta seja a última.

«Todo lo consume en tiempo con la muerte tó se acaba».

Desta Feira com sol e enchentes regressámos já tão velhos que em algumas confusões teremos incorrido neste relato, pelo que damos o número exacto das orelhas cortadas, que em Sevilha têm mérito as orelhas. Assim, cortou o triunfante Cortés 5 orelhas em duas tardes; o fino «Limeño», 4 numa; Camino, o sábio de Camas, 4 em três tardes; mestre Ordoñez, 3 em três tardes; «Viti», 2 em três tardes; Teruel, Ostos, Barea, Zurito, Rojas e Angel Peralta, uma cada um.

E lá deixámos os sevilhanos com o problema do projecto de desvio do rio Guadalquivir, tão de Sevilha, já com tantos «monstros» no Bairro dos Remédios, que até parece um bairro de Madrid. E tão altas construções implicam o desaparecimento daquela areia de Alcalá, que alegrava a Maestranz, mas que, dizem, é boa para fazer o cimento necessário aos «arranha-céus»...

«El T. PEREZ»



«EN OMBROS POR LA PUERTA GRANDE»
(Quadro da Exposição de Martinez de Léon)

Artes plásticas

Antônio Areal na Galeria Quadrante

Na Galeria Quadrante, á Avenida Luís Bivar, 85-C é inaugurada, amanhã, uma exposição do pintor António Areal.

Abre a exposição ás 18 horas.

Raquel Roque Gameiro volta a expôr na S. N. B. A.

É um nome grande na arte portuguesa, sobretudo na arte da aguarela e na ilustração, o de Raquel Roque Gameiro. Herdeira de nome alto, tem-no sabido honrar através de uma obra sólida e valiosa.

Raquel Roque Gameiro volta a expor em Lisboa, na sala onde tantas vezes expôs anteriormente. É essa sala da S. N. B. A. que vai acolher a retrospectiva da artista, numa exposição de 77 quadros que mostram perfeitamente uma vida consagrada a fixar o carácter e os costumes do povo português e a beleza das nossas paisagens.

A completar a exposição, uma série de ilustrações feitas por Raquel Roque Gameiro para grande número de contos e romances de grandes nomes da literatura portuguesa. Ainda, na exposição, quadros da artista pertencentes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea e para o efeito cedidos pelo Ministério da Educação Nacional. Homenageando seu pai, o grande artista Roque Gameiro, se expõe o retrato que ele fez de Raquel Roque Gameiro.

À inauguração, que se efectua no dia 24, ao meio-dia, assiste o sr. Presidente da República.

Vai realizar-se na Costa do Sol O XII Salão da Primavera

Abrirá, no próximo mês, na Junta de Turismo da Costa do Sol, o XIII Salão de Primavera, ao qual podem concorrer trabalhos de aguarela, cerâmica, desenho, escultura, gravura, guacho, pastel, óleo, têmpera, tapeçaria e vitral.

Serão atribuídos os seguintes prémios: medalha de prata e bronze, galardoando os melhores trabalhos apresentados em cada modalidade; dois prémios pecuniários, no valor de dois mil e destinados a distinguir os dois melhores trabalhos presentes nos salões, podendo ser feita a sua escolha em qualquer das modalidades.

Todas as informações podem ser solicitadas á Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril).

CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO I. S. C. S. P. U.

Na Aula Magna do I. S. C. S. P. U., o sr. prof. dr. Luís de Matos profere, esta tarde, mais uma conferência integrada no «Curso de Extensão Universitária» sobre «A História do Presente — 1945/1966». A conferência subordina-se ao tema: «Limitações jurídicas da soberania dos Estados».

Ontem, o sr. prof. dr. Luís de Matos falou sobre «Política das Relações Culturais Internacionais».

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 22 — (L.) — O gabinete militar do comando chefe das Forças Armadas em Angola distribuiu o seguinte comunicado especial:

«No dia 19, terroristas, que vários indícios levam a crer que sejam do chamado M. P. L. A., desaparafusaram carris de linha do Caminho de Ferro de Benguela, entre Saleno e Chicala, no distrito de Mexico, provocando o descarrilamento de uma composição. Em resultado do criminoso acto, verificou-se a morte de seis pessoas e ferimentos graves em duas, além de importantes danos no material circulante e na linha.

Já foram iniciados os trabalhos de desobstrução e reconstrução da via, que, no entanto, se prevêem demorados, pelo que o tráfego nacional se está a fazer por transbordo com as dificuldades a que tal sistema obriga. O tráfego internacional, dado o seu volume, terá, possivelmente, de ser interrompido por um período que, de momento, se considera imprevisível».

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na provincia da Guiné, o soldado n.º 008163368, José Manuel Ribeiro, natural de Felgueiras e filho da sr.ª D. Alice Ribeiro; e, na de Angola, o segundo-sargento miliciano António Paulo Cunha Santos, filho do sr. José Santos Morgado e da sr.ª D. Isabel de Afeição Paulo Cunha; e o soldado n.º 09417068, Guilherme Maurício Henriques Neves, natural de Góis, filho do sr. José Lourenço das Neves e da sr.ª D. Rosa de Jesus.

O mesmo S. I. P. comunica o falecimento do alferes miliciano Manuel Maria Pires, que estava internado no Hospital Militar Principal por ferimentos recebidos em combate na provincia da Guiné, de onde fora evacuado. Era natural da freguesia de S. Salvador, do concelho de Mirandela, e completara há poucos dias 23 anos. Pertencente á arma de Infantaria, embarcara para o Ultramar em 1 de Maio do ano passado, após haver concluído o curso de oficiais milicianos, tendo como unidade mobilizadora o Batalhão de Caçadores n.º 10. O jovem oficial era filho do sr. Candido Manuel Pires e da sr.ª D. Julia Natividade de Lemos Pires.

Militares falecidos

BISSAU, 22 — (L.) — Em consequência de desastre faleceu na Guiné o soldado Adelino de Jesus Salgueiro, natural de Abrantes, filho de José Dias Salgueiro e de Laurinda de Jesus.

★

LUANDA, 22 — (L.) — Faleceram em Angola os seguintes militares: vítima de desastre, o soldado Albano Figueira Machado, natural de Vila Pouca de Aguiar, filho de Virgílio Jesus Machado e de Teresa de Jesus Machado; e por doença, o soldado Pedro José Gaspar, natural do Cacuso, filho de Jorge Gaspar e de Isabel Domingos; e o primeiro-cabo miliciano Mário Vieira Monteiro.

★

LOURENÇO MARQUES, 22 — (L.) — Faleceu em Moçambique, vítima de doença, o soldado n.º 04395567, Domingos Gomes Albano.

Actualidade e permanência do luso-brasilismo

(Continuação da pág. anterior)

prometidos. Uma comunidade é uma «agremiação de indivíduos que têm a mesma crença ou a mesma norma de vida.» Ora a crença comum dos brasileiros e dos portugueses é a crença no homem — no homem cordial — que vive segundo determinados padrões e valores e que fala a língua de Camões, de F. Pessoa, de Jorge de Lima e Jorge Amado. Uma terceira fase, pois, terá de assinar-se ao luso-brasilismo — a fase em que as juventudes dos dois países tentarão reconhecer-se para, seguindo embora rumos independentes e vários, forjarem, no concreto e para o futuro, a *comunidade luso-brasileira*. Frontalmente, encarando-se, hão-de procurar, através da mesma língua que é veículo de vida e cultura, as dimensões e o significado da comunidade luso-brasileira, a que pertencem e que assim se renovará, reconstruindo-se. Tenho, quase pânico, receio das palavras; só as aprecio pesadas e medidas; por isso remato, não vá acontecer que se possa dizer do que ficou escrito o mesmo que de muitos oradores: «estão falando». Este «estão falando» é equivalente a *flatus vocis*, e significa falam sem nada dizer.

A comunidade luso-brasileira forjar-se-á e consolidar-se-á mais do que com palavra, com gestos e acções.

Como conserva.
Dentes postiços
com mais firmeza no seu lugar
A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó absolutamente (não basta) fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. Evita aquela sensação constante e penosa tão desagradável. Não mancha. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

NOVO CASINO ESTORIL

Apresenta

MADALENA IGLESIAS

THE AKIMOTO'S

ORIGINAIS ACROBATAS

e directamente da Broadway

"ÇA C'EST L'AMOUR"

produção de

PIERRE FRANCK PERRY MC CANN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

Nadja Nadlova só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e 21.30
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
(M/ 17 ANOS

OMAR SHARIF CATHERINE DENEUVE
JAMES MASON AVA GARDNER

NO SÃO JORGE

ESTREIA
5.ª-FEIRA ÀS 21.30

A TRAGÉDIA, A MAJESTADE
A MAGNIFICÊNCIA DE:

MAYERLING

com JAMES ROBERTSON JUSTICE · GENEVIEVE PAGE · ANDREA PARISY e IVAN DESNY

Produtor Executivo MARCEL HELLMAN Produtor ROBERT DORFMANN Realizador TERENCE YOUNG

EASTMANCOLOR Música de FRANCIS LAI PANAVISION

ADULTOS

o filme seleccionado para inauguração da mais moderna casa de espectáculos de Lisboa

um filme que entra pelo fantástico, onde o normal toma as proporções do bizarro...

JOGOS PERIGOSOS

JAMES CAAN · KATHARINE ROSS

SIMONE SIGNORET

ADULTOS UNIVERSAL SONORO FILME

TECHNICOLOR SCOPE

5.ª FEIRA ÀS 22 HORAS

EXCEPCIONAL ESTREIA PARA INAUGURAÇÃO DO CINEMA
Av. Frei Miguel Contreiras (à Av. de Roma)

VOX

Tel. 720808

Teatro Capitólio
Tel. 320379
QUINTA-FEIRA, 24
às 21.45 h.
ESTREIA DO ORIGINAL DE NUNO MONIZ PEREIRA
ESFERA FACETADA
(M/17 anos)

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova dá a prova

CONCURSO «PEPSIE» N.º 3

RECORTE, COLECCIONE E TERÁ UM PRÉMIO... Só faltam mais 2 desenhos

«INTERDIT AU PUBLIC»
(COMÉDIA DE JEAN MARSAN)
AMANHÃ NO SÃO LUIZ

Prossegue amanhã, no São Luiz, o Festival de Teatro Parisiense que, já este ano, em Janeiro e Fevereiro, nos deu três êxitos indiscutíveis: «Fanny», «Comme au Théâtre» e «Le Cheval Evanoui». Amanhã (à tarde e à noite), reatando o ciclo de teatro francês, o São Luiz apresenta «Interdit au Public», comédia de Jean Marsan, que se cotou como o mais alegre espectáculo da última temporada de Paris.

Público e crítica consagraram esta peça admirável, cujas situações e graça de diálogo despertam as mais francas gargalhadas, e que constitui, ao mesmo tempo, uma risonha sátira à gente de teatro e ao seu pequeno mundo.

Com Jean Le Poulain, no protagonista — e também como encenador — «Interdit au Public» reune os artistas que a criaram no Théâtre de Saint Georges, á cabeça dos quais se contam Micheline Dax e Jacques Bodoin e apresenta-se, assim, á conquista de Lisboa, sem perder nenhum dos valores que fizeram dela um dos mais cotados espectáculos da última «saison» parisiense.

Os artistas são esperados esta tarde, vindos de Nice.

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

Dançarinas luba no filme «O Romance do Luachimo» realizado por Baptista Rosa para a Diamang

«O ROMANCE DO LUACHIMO»
(FILME DE BAPTISTA ROSA)
É ESTREADO AMANHÃ

No salão de cinema do Palácio Foz, é estreado, amanhã, pelas 22 horas, o filme a cores «O Romance do Luachimo», realizado por Baptista Rosa. À estreia assiste o Chefe do Estado.

Trata-se de um documentário de grande metragem produzido pelos Serviços Culturais da Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), em Dezembro do ano passado. A realização é de Baptista Rosa a quem pertence também a montagem; a fotografia, de Aquilino Mendes; a música de Hermínio do Nascimento; a direcção musical de Silva Pereira; a locução de Rui de Carvalho e Carlos Cruz. A assistência de realização pertenceu a Navarro de Andrade e são responsáveis pelo som e mistura musical Alexandre Gonçalves, Heliodoro Pires e Luís Barão. O filme tem música folclórica da Lunda por elementos dos povos Quioco, Benra n'Sapo e Baluba e canções da Metrópole pelo Orfeão de Trabalhadores da Diamang.

O filme destina-se a abranger, embora de forma sumária, a totalidade da acção da Diamang em África.

NOS PALCOS DO MUNDO

■ *As autoridades de Amsterdão decidiram processar os organizadores da peça intitulada «Panorama Erótico», por considerarem um atentado ao pudor. Além disso, o burgomestre da cidade proibiu a representação pública da peça.*

■ *Chegou a Espanha Amparo Rivelles, para uma temporada de repouso junto de sua mãe, a actriz Maria Fernanda Ladron de Guevara, intérprete de «La Dama Del Alba».*

■ *Para o princípio da temporada, prepara-se no Teatro Alexis, de Barcelona, a estreia por Carmen de Lírio do «Espectáculo Barcelona-Carmen de Lírio». Trata-se de uma obra da vanguarda que conta a vida da actriz catalã, escrita por Martin Recurerda.*

O triunfo de «O Último Trunfo» no Mundial

Em segunda semana de indiscutível êxito, continua na tela do cinema Mundial o filme em «technicolor» e «techniscope», «O Ultimo Trunfo», com Edward G. Robinson, Janet Leigh, Adolfo Cell e Richard Hoffman nos principais papéis.

Richard Hoffman, um dos intérpretes de «O Ultimo Trunfo»

História empolgante de um audacioso roubo de jóias efectuado no Rio de Janeiro, durante a eufórica quadra do Carnaval, «O Ultimo Trunfo» põe em ebulição os nervos do publico, que vibra como nunca com as peripécias porque passam os heróis de tão louca aventura.

Filme de amor, de «suspense» e de emoção, com musica lindíssima e belas panoramicas da ex-capital do Brasil, de Nova York, de Londres, de Paris e de Roma, o actual grande sucesso do Mundial tem sido justamente aplaudido pelo publico e enaltecido pela crítica lisboeta.

NO • Maria Vitória •
● HOJE, Às 20.45 e às 23 horas ●
ADULTOS
● Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam
● A SENSACIONAL REVISTA
MÃOS À OBRA!
UM GRANDE ÊXITO DE GARGALHADA COM
● SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA
MAX DORA LEAL
● MAX ● ANITA ● DORA ● VITOR MENDES ● HELENA CARDINALI
● MARIANO FRANCO ● VITOR ESPADINHA e a atracção
● MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO
● ESPECTACULO QUE DIGNIFICA O TEATRO DE REVISTA!

ABC
TEL. 36 67 45
(ADULTOS)
As 20.45 e 23 horas
Amanhã não há espectáculo para descanso oficial da companhia
Tony de Matos
Elas é que sabem
REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natalina José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria do Carmo Barroso (Herdeiros), Av. Major Joaquim José Paiva, 10, 3.º-Dt.º

OS PROBLEMAS DE UMA MULHER QUE QUERIA SER FELIZ
UNIVERSAL
SONORO FILME
ROSALIND RUSSELL · SANDRA DEE
BRIAN AHERNE · AUDREY MEADOWS · JAMES FAREntino · LEONE RUSSELL
VANESSA BROWN · JOANNA MOORE
OS MILIONARIOS
A HISTÓRIA DE UMA MULHER RICA, ALEGRE E EXCÊNTRICA EM LUTA CONTRA UM MUNDO DE GANÂNCIA E HIPOCRISIA!
AMANHÃ ESTREIA
MAIS UM ÓPTIMO FILME DA FAMOSA SELECÇÃO DO CINEMA TECHNICOLOR
MAIORES DE 12 ANOS
MUNDIAL

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
TEMPORADA POPULAR DE ÓPERA
(Maio a Julho)
Dedicada aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.
COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA DO TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)
A TRAVIATA de Verdi
BODAS DE FIGARO de Mozart
SERRANA de A. Keil
AMÁLIA AL BALLO de Menotti
IL GOBBO DEL CALIFFO de Casavola
WERTHER de Massenet
LA CAMBIALE DI MATRIMONIO
ADINA de Rossini
SCALA DI SETA
HOJE — Ultimo dia para os antigos assinantes
Dia 24 — Novos assinantes
Dia 27 — Começa a venda avulso
Inauguração da temporada em 1 de Maio, com a ópera «A TRAVIATA»

Só 5 ESPECTACULOS
★ ESTREIA DIA 25 ★
Sexta-feira / Às 21.45 h.
(12 anos)
BILHETES À VENDA
TEATRO VILLARET
SHOW • RECITAL
acompanhados pelo conjunto BOSSA-JAZZ-3
VINICIUS de moraes .. CHICO buarque ..... NARA leão
CHICO • NARA viajaram para Portugal pela TAP
BOSSA NOVA

«VOLPONE», DE BEN JONSON PELOS ESTUDANTES DE DIREITO

• Um espectáculo de elevado nível

Aguardado com grande expectativa, estreou-se ontem no Politeama o espectáculo deste ano do Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa: «Volpone», a comédia de Ben Jonson que Adolfo Gutkin, o encenador argentino que actualmente dirige aquele Grupo, adaptou numa original realização.

Seria pouco dizer que se trata de um bom trabalho. Estamos, de facto, em presença de um óptimo espectáculo, cujo nível artístico denuncia, constantemente, a capacidade criativa do seu realizador.

Abandonando as linhas tradicionais de construção da comédia de caracteres típicos do teatro elisabetino, Gutkin engendrou, com base no texto de Ben Jonson, uma montagem cénica que se define pela utilização total dos recursos do teatro. Homem de teatro integral (actor, encenador, autor, cenógrafo), como o queria Gordon Craig e como o foram Brecht ou Piscator, Adolfo Gutkin deixa perceber claramente a linha fundamental de inserção das suas propostas ideológicas e estéticas em relação ao espectáculo. Essa linha é a que, reclamando para o encenador uma liberdade só limitada pelo rigor na própria definição do seu sentido, supõe a utilização do texto como suporte de uma visão criadora e imaginativa, que interpretando-o e mantendo-se fiel aos seus valores primordiais, o faz através do aproveitamento integral das suas possibilidades de tradução cénica.

Para que esta posição estética-ideológica, próxima de algumas outras em relação às quais se acendem constantes polémicas, chegasse a ser discutível, seria preciso que ela tivesse, no trabalho de Adolfo Gutkin, os sinais do radicalismo que alimenta as correntes artísticas anti-realistas. Tal, porém, não sucede. «Volpone» é na realidade um espectáculo em que se encontram diversas tendências estéticas modernas, desde o expressionismo ao realismo crítico de raiz brechtiana. Contràriamente ao que é hábito, esse encontro não se verifica aqui gratuitamente nem o seu resultado é a confusão formal e conceptual que tantas vezes se observa. Todos esses contributos estéticos estão, de facto, sistematizados num conjunto de efeitos plásticos cujo objectivo é evidente: uma linguagem que actue directamente sobre o espectador, despertando-o para a acção que se desenrola no palco e solicitando-o para o estabelecimento das relações existentes com a sua época, a sua vida, a sua sociedade. Formam essa linguagem, isso sim, todos os recursos de expressão ao alcance do teatro, desde os que visam o violento choque ou a exaltada adesão do espectador àqueles que apelam para a sua compreensão ao nível do racional.

A recriação do texto de Ben Jonson serviu a Gutkin para acentuar, utilizando um formulário moderno, os valores que, menos truculentamente embora, estavam já contidos na obra do autor de «O alquimista». Não se serviu, portanto, o encenador de um texto como mera plataforma de construção de um espectáculo plàsticamente belo, atraente ou chocante. Ao contrário, todos os efeitos plásticos utilizados foram concebidos no sentido de servir o texto, isto é, de se extrair dele e de comunicar com eficácia as suas principais linhas de força. Cènicamente este objectivo foi servido por vários processos, como a criação de um coro que actua de forma dialéctica em relação à intriga, comentando criticamente (sempre de modo satírico) o procedimento das personagens, o tom «distanciado» imposto à interpretação, a utilização do material humano como facto integrante da cena, definindo limites de zonas, ou como símbolos interpretativos da situação das personagens (o caso dos cães que vigiam «Célia» e impedem que alguém dela se aproxime), a riqueza da expressão corporal e de efeitos histriónicos que robustecem o tom da farsa, as irreverentes falas claramente dirigidas ao público ou ainda os apontamentos cenográficos, que funcionam como elementos complementares significantes e não como simples indicadores de local, no estilo naturalista.

Uma cena de «Volpone»

A lúcida parábola sobre o sentido do dinheiro numa sociedade baseada no individualismo ganha, assim, uma força e uma actualidade que não poderiam ser dadas por uma encenação tradicional. O tom de farsa serve maravilhosamente a este tipo de comédia de caracteres que floresceu no século XVII e que tem, nomeadamente, em Molière, um dos seus grandes cultores. Nesse tom, o intemporal diálogo «Volpone»-«Mosca» ganha uma dimensão típica que lhe confere a qualidade de retrato poderoso não já de uma época mas de um tipo de organização social que, apesar de todas as transformações, adaptações e inegáveis progressos, sobrevive no mundo dos nossos dias. Apenas os «Volpones» e os «Moscas» de hoje usam outros processos para mascarar as suas manhas e as suas ambições desenfreadas...

Porque teatro é trabalho de equipa — mesmo quando o grande obreiro de um espectáculo é, como neste caso, o encenador — não seria justo esquecer o muito que o seu êxito ficou a dever à interpretação de todos os elementos do Grupo Cénico da Associação de Estudantes de Direito que nele colaboraram. António Curvelo e Santos Silva compõem muito bem o par central da intriga famosa: o primeiro é o velho «Volpone», astucioso e lascivo, o orador do dinheiro, tocado por uma filosofia da vida que contém em si uma intuição profunda do sentido da orgia, acompanhada por um visível desprezo das regras humanas; o segundo é o subserviente, miserável, parasita «Mosca», que espreita apenas a sua oportunidade para ascender à posição daquele que se vê forçado a lisonjear e contra o qual, subtilmente, vai tecendo também a sua intriga. Luís F. Rocha cria um «Corvino» hediondo e ridículo a um tempo, servindo-se de uma surpreendente gama de recursos de expressão. José Gomes e F. Brás interpretam caricaturalmente o velho «Corbaccio» e o blandicioso advogado «Voltore», caracterizando muito bem as personagens. Eduarda Pimenta é uma espantosa «Célia», cheia de primitivismo, de pânico perante a dura prova a que seu marido a entrega, mas também excepcionalmente expressiva na forma como traduz o humor mordaz que constitui o contraponto da sua figura. António Ramalho é um ardente capitão «Bonnario», juvenil e apaixonado, dado em inimitável tom grandiloquente. Luís Filipe Coelho e Aires Amaral são dois membros do Senado, de voz pastosa e artificial, vigilantes na recolha de fundos e curvando-se sempre ás pessoas de qualidade que perante eles comparecem. Alexandre Caldas, Alexandrino Rainha, António Dias, Dina Nunes, João Magalhães, José Abrantes, José Rodrigues, Luís Gamito, Luís Varela, Perpétua Gonçalves, Proença de Magalhães e Jordão são os restantes elementos de um elenco muito homogéneo, inteligente e verdadeiramente talentoso.

Uma referência ainda para a luz crua, utilizada com rigor, e para os cenários de Gutkin, que Mário Alberto executou com o sentido de valores plásticos que o tornaram um dos nossos melhores cenógrafos.

Em suma: um espectáculo invulgar que o leitor não deve perder.

JOAQUIM BENITE

«QUANDO ELA SE DESPIU...»

representações em últimas

«Quando ela se despiu...» um original de Claude Magnier, que continua a registar grande êxito, agora que se encontra em últimas representações. A afluência do público junto das bilheteiras do Monumental é enorme, pois não querem perder duas horas de boa disposição.

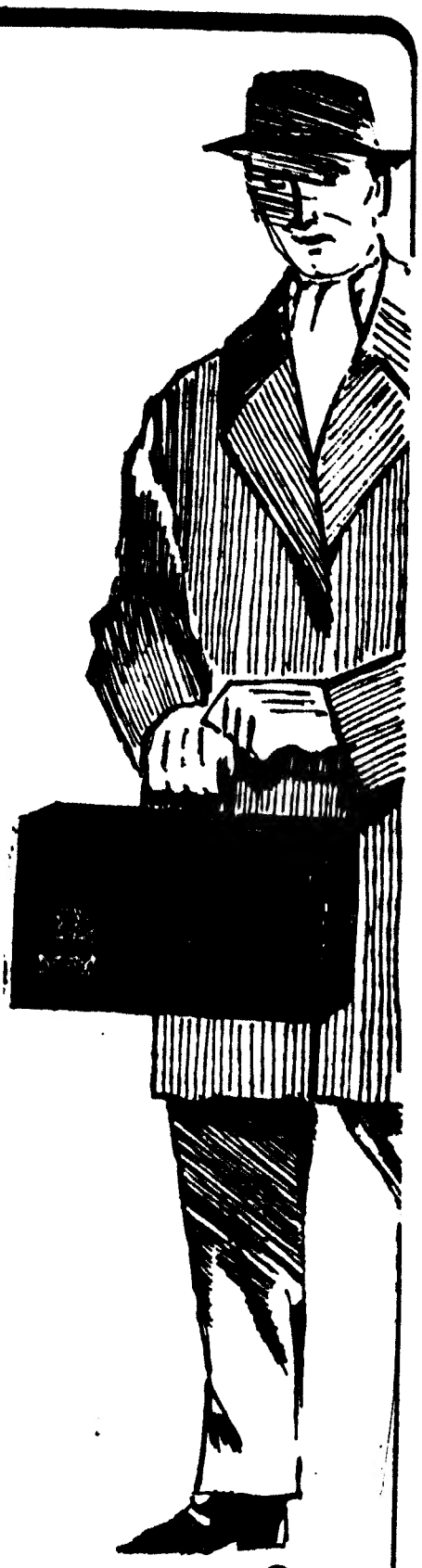
De facto, trata-se de um espectáculo engraçadíssimo, com situações recheadas de crítica e de malícia que mantém o espectador em permanente gargalhada.

São responsáveis pelo grande êxito, Camilo e Florbela, nos protagonistas, ao lado de Carlos Coelho e, ainda, Carmem Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto e Alice Carla.

A encenação pertence a Manuel Santos Carvalho e as cenas são do artista norte-tenho Lucio Estrela Santos.

CASAMENTO

Senhora viúva de meia idade algum rendimento sem filhos casa posto dos. cavalheiro culto. Dá e pede informações. Resposta o este jornal-os n.º 263.



«VIAJE CONNOSCO»

VAI VIAJAR?

AO SEU SERVIÇO

A EXPERIÊNCIA DOS

NOSSOS SERVIÇOS

Queremos dar-lhe todo o apoio na sua viagem.

Assim, criámos para si um serviço especializado em informações bancárias e comerciais:

"VIAJE CONNOSCO"

Que esperamos possa ser-lhe verdadeiramente útil, ainda que vá só fazer turismo.

E mais:

esse apoio acompanhá-lo-á mesmo no estrangeiro.

EXISTIMOS PARA O SERVIR
E AGRADECEMOS A SUA VISITA!

BANCO FONSECAS & BURNAY

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 4 • LISBOA

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO DO ENSINO À EVOLUÇÃO CIENTÍFICA E TÉCNICA

É GRANDE a rapidez com que a Ciência e a técnica transformam as condições da vida moderna; contudo, esta transformação é uma fonte inesgotável de surpresa e de perplexidade.

É na adaptação que reside a solução dos problemas do mundo de hoje e, sobretudo, dos do mundo muito diferente em que viveremos dentro de dez ou vinte anos. O mundo modifica-se tão ràpidamente que é necessário acelerar o ritmo das inovações introduzidas no ensino e na ordem social; é necessário reduzir o tempo que decorre entre a descoberta e a inovação, entre a investigação e a aplicação dos seus resultados.

É notório que, no domínio da educação, as reformas se impõem muito lentamente. Uma inovação nesta matéria parece não se concretizar totalmente senão cerca de cinquenta anos após a sua adopção. Calcula-se serem precisos cerca de quinze anos para que três por cento das escolas adoptem uma inovação, mas esta cadência acelerou-se muito desde há uns tempos, não apenas no que diz respeito às inovações de carácter essencialmente técnico, mas também às modificações introduzidas na organização e nos progressos de estudos. Pode-se citar, como exemplo, o caso do «Physical Sciences Study Committee» nos Estados Unidos: o primeiro texto de um manual estava pronto em 1957 e, a partir de 1961, trinta por cento das escolas do país utilizavam-no. Nas ciências naturais, onde a disparidade entre o ensino — tal como é praticado na escola — e o estado de avanço da ciência era particularmente chocante, o distanciamento foi sensivelmente reduzido, devido a grandes esforços que os Estados Unidos e vários países europeus fizeram nos últimos anos.

As principais dificuldades que se levantam na preparação e execução das reformas dos programas são aparentemente devidos à ausência de mecanismos que permitam introduzir modificações, e há necessidade de criar atitudes mais receptivas. Sob estes dois aspectos, as actividades patrocinadas pela O. C. D. E. tendo em vista a adaptação dos programas de ciências e de matemáticas mostraram evidência, em numerosos países membros, como as reformas podem ser aplicadas à escala dos professores e dos administradores. Estas actividades tiveram como efeito, nomeadamente, transformar a atitude de uns e de outros face às inovações, resultado cuja importância se compreenderá se se pensar na força das tradições e na resistência às modificações que caracterizam os sistemas de educação desde há séculos. **É, sobretudo, devido a esta transformação nas ideias sobre a instrução e o ensino que os educadores, de vários países membros da O. C. D. E., concluiram que no ensino, a inovação consiste, não em revisões periódicas, mas num processo de adaptação ininterrupto, uma «reforma permanente».**

A evolução científica e técnica tem incidências não apenas no conteúdo do ensino, mas nas atitudes e nos hábitos que a educação deve criar. Num mundo sob o signo da técnica, a vida exige reacções rápidas, decisões prontas e supõe numerosos contactos superficiais. Actualmente o homem é muito orientado pelos modernos meios de informação. É mais do que nunca tributário das realizações técnicas que o cercam e as suas opiniões são influenciadas ou mesmo em grande parte determinadas do exterior. A educação tem por objectivo, justamente, ajudá-lo a viver neste mundo, a encontrar nele a sua

(Continua na página seguinte)

CIÊNCIA

Vai ser publicada em França uma grande enciclopédia das ciências e das técnicas

ACTUALMENTE surgem no mercado quase continuamente novas enciclopédias, o que corresponde, tanto se trate de obras volumosas em vários tipos como de séries de revistas de leitura mais fácil, a uma resposta dos editores à existência de uma procura latente.

Com efeito, as razões que levam hoje à aquisição de uma enciclopédia são numerosas. Para uns, é a necessidade de encontrar fàcilmente, sem proceder a pesquisas por vezes longas e fastidiosas, as informações precisas em domínios que não lhes são familiares. Para outros, é o desejo de adquirirem, nem que seja sob uma forma elementar, determinados conhecimentos sem obedecer a um longo ciclo de estudos. Para todos, a impossibilidade de estar hoje a par de tudo e a necessidade conjunta de ter acesso comodamente a um mínimo de informações sobre um determinado assunto.

Tais obras atingiriam um âmbito, enorme, particularmente no domínio científico e técnico. Tende-se para uma especialização crescente., e especialmente um homem ligado à ciência ou um engenheiro não pode, actualmente, possuir todos os conhecimentos relacionados com a sua especialização.

Não é fácil, sem dúvida, concretizar uma obra que apresente todo o saber científico e técnico sob uma forma simultâneamente precisa — é necessário que o especialista veja nela um seguro auxiliar — e acessível — é preciso que o não especialista não se disperse ou se perca. É talvez a razão pela qual, apesar do espantoso que possa parecer, não existe na língua francesa uma grande enciclopédia das ciências e das técnicas. É-se pois obrigado a consultar tanto enciclopédias gerais, que só tratam das ciências e das técnicas, de um modo relativamente superficial, como obras estrangeiras. Mesmo estas não são em grande número, pois dificuldades idênticas se lhes puseram.

Contudo, é uma lacuna que será preenchida pròximamente. As edições Presses de la Cité apressam-se, associadas com a casa editora italiana Mondadori, a publicar, em francês, uma enciclopédia internacional das ciências e técnicas. A obra compreenderá dez volumes e um volume de adendas — a saída do primeiro volume está prevista para Junho.

De facto, esta enciclopédia não pretende constituir uma obra inteiramente original. Não será mais do que a tradução em francês de uma obra italiana publicada pelas Edições Mondadori, em colaboração com o editor americano Mac Graw Hill e traduzida já em inglês.

É claro que este processo de transcrição múltipla leva a adaptações do texto e a uma cuidadosa actualização. No seu conjunto, a obra, que será a primeira em língua francesa, apresentar-se-á como uma versão sensivelmente modificada da edição italiana. Com efeito, muitos artigos serão inteiramente redigidos por especialistas franceses. Além disto, cada tomo será acompanhado por uma introdução com explicações sobre os principais termos empregados na obra. O tomo de adendas apresentará também inovações.

A realização da obra, cujo preço de assinatura até à saída do primeiro tomo será de 1300 francos (1650 francos até à publicação do terceiro tomo e 1800 francos depois), é patrocinada por uma comissão constituída pelos professores Louis Armand, François Penin, Jean Rostand, Pierre Aigrain e Pierre Auger que assegura a direcção científica da obra, e pelo professor Grmek, secretário-geral da Associação Internacional da História das Ciências.

PELA PRIMEIRA VEZ CAPTAM-SE EM CUBA SINAIS ENVIADOS POR SATÉLITES ARTIFICIAIS

A ESTAÇAO RECEPTORA de dados meteorológicos inaugurada recentemente no Instituto de Meteorologia da Academia das Ciências de Cuba recebeu as suas primeiras fotografias tiradas por satélites artificiais meteorológicos a 35 000 quilómetros da Terra.

Estas fotografias correspondem a uma área de radiovisibilidade que vai desde o Canadá até ao Peru, ao sul do equador e compreende importantes porções dos oceanos Atlantico e Pacifico.

As fotografias tiradas pelos satélites meteorológicos e captadas pelas estações receptoras são de extraordinária importancia para o prognóstico do tempo, pois oferecem uma visão «gráfica» e directa das formações de nuvens. Com elas se elaboram estudos da situação do tempo nos lugares que nelas aparecem, que, juntamente com outros dados registados pelos métodos usuais dão maior certeza aos prognósticos meteorológicos.

Os modernos equipamentos que começaram a funcionar recebem as fotos directamente dos satélites por meio do sistema de radiofotos. Na sua passagem pela área de radiovisibilidade, o satélite tira fotografias dessa parte da superfície da terra e das formações de nuvens na atmosfera, emitindo sinais de rádio que são captados pela estação receptora. Nas estações, esses sinais recebidos «traduzem-se» em impulsos luminosos que impressionam um negativo fotográfico. Para captar essas emissões provenientes dos satélites, a estação utiliza as suas antenas direccionais e vai corrigindo o seu movimento ao longo da trajectória do satélite artificial.

Depois de recebida a fotografia, realiza-se a localização da área fotografada, quer dizer, identificam-se as zonas que inclui e assinalam-se os seus contornos geográficos.

A estação receptora de dados enviados por satélites meteorológicos, instalada na sede do Instituto de Meteorologia da Academia de Ciências de Cuba

A estação receptora, cedida pela U. R. S. S. à Academia de Ciências de Cuba, equivale a 250 radares meteorológicos de alta potência, sendo, contudo, conveniente usar os dois métodos de observação, satélites e radares, pois os primeiros dão uma imagem de grande amplitude, enquanto que os segundos dão em pormenor áreas mais reduzidas.

Uma nova revista científica europeia

EM JANEIRO DE 1969, apareceu o primeiro número de um novo periódico europeu mensal, em três línguas, de astronomia e astrofísica: «Astronomy and Astrophysics, a european journal» que substitui, continuando-os, cinco jornais «nacionais» que cobriam o mesmo domínio de investigação fundamental, alguns dos quais com mais de cinquenta anos de existência. Todos com grande reputação, três eram publicados em França, um nos Países-Baixos e um na Alemanha.

É importante notar que esta decisão foi tomada sem qualquer pressão exterior, administrativa ou financeira, exclusivamente por cientistas de oito países (Alemanha, Bélgica, França, Holanda e países escandinavos). Provàvelmente dois outros países se juntarão próximamente ao empreendimento, sendo o Reino Unido o único país que até agora se recusou a participar.

A nova revista é dirigida por uma comissão de direcção formada por representantes dos organismos nacionais que participam no empreendimento; o seu número, por cada país, depende do produto nacional bruto da nação considerada e do volume de publicações nesse domínio.

Foi nomeada uma comissão de redacção, constituída por especialistas dos diferentes ramos da astronomia, independentemente da sua nacionalidade. Estas comissões elegeram dois chefes de redacção que são, um holandês, outro francês, para começar.

O editor, ligado por contrato com a comissão de direcção, é alemão. As despesas de edição e o custo dos suplementos (distribuidos gratuitamente) são cobertos por um subsídio dos diferentes organismos científicos dos oito países participantes proporcionalmente aos produtos nacionais brutos.

São numerosas as publicações periódicas científicas que publicam resultados de investigação fundamental, e

(Continua na página seguinte)

UMA NOVA REVISTA

(Continuação da pág. anterior)

que torna a documentação cada vez mais difícil. Por esta razão há tendência a criar revistas europeias, que nada têm a ver com o Mercado Comum ou a zona de comércio livre. Assim, o «European Journal of Biochemistry», fundado em 1967, é o órgão da Federação europeia das sociedades de bioquímica, da qual são mebros certas sociedaes dos países de Leste.

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO

(Continuação da pág. anterior)

via, a adquirir hábitos e atitudes que o façam dominar situações em face das quais se poderá encontrar desamparado.

Durante muito tempo, os educadores descuraram ou mesmo desprezaram os aspectos técnicos que caracterizam a civilização nos países industrializados. Obstinaram-se em preparar os jovens para a vida como se nada tivesse mudado nos hábitos culturais ancestrais. Só muito recentemente admitiram a necessidade de uma abertura para um mundo moderno e apareceram ideias construtivas sobre a adoptação dos programas escolares às obrigações atribuídas aos alunos no mundo de amanhã.

«La Modernisation de l'Enseignement», O. C. D. E. — 1966.

ora diga-nos...

— Que cor prefere para escrever?

«Embora uma pessoa quase sempre escreva a azul, a verdade é que muitas vezes está encarnada pela cólera dos nossos dias.» (Pensamento arguto).

● *Disse-nos o sr. José Manuel Casquinha de Abreu, aluno do 3.º ano comercial:*

— Cá para mim, é o azul.

— Mas isso obedece a uma escolha ...?

— Penso que não. Talvez o acaso... Até porque nem sempre escrevo a azul. Também escrevo a preto.

● *Afirmou-nos o sr. Jorge Domingos Albuquerque, também aluno do 3.º ano comercial:*

— Sempre com azul. Fica a letra mais perceptível e não cansa a vista como o preto.

— Sim...?

— Acho que sim

Quando quero sublinhar qualquer expressão, escrevo a encarnado.

● *Finalmente (e também do 3.º ano comercial), disse-nos Jorge Manuel Santos Alvares:*

— Escrevo a preto, isto é: quando não escrevo a preto escrevo a azul. Tenho um amigo que escreve a verde — e já vi um outro a escrever com duas cores ao mesmo tempo

— Como...?

— Escrevia primeiro a preto e depois a azul. Ficava muito giro, acredite. Alegrava a vista... Quanto a mim também gosto de escrever a branco...

— E como faz isso...?

— Basta um pau de giz

«O DIREITO À SAÚDE, CAMINHO PARA A PAZ»

— TEMA DE UM COLÓQUIO PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS

A Associação dos Médicos Católicos Portugueses vai realizar um colóquio sobre «O direito à saúde, caminho para a paz», depois de amanhã, às 21 e 30, no salão da Acção Católica, ao Campo dos Mártires da Pátria, 43.

A importante reunião, para a qual aquela Associação convida todos os colegas, tem como moderador o prof. Miller Guerra e nela participam o padre dr. Reis Ribeiro, que se ocupa de «O direito à saúde no Magistério da Igreja»; o prof. Mário Cordeiro, que fala de «O direito à saúde e responsabilidade do médico cristão»; o dr. Prado Quintino, que se ocupa de «O direito à saúde e a medicina rural»; e a dr.ª Fernanda Sampaio, que versa o tema «O direito à saúde e a medicina urbana».

Exposição de trabalhos feitos pelos doentes no Hospital Júlio de Matos

Organizada pelos Serviços de Terapêutica Ocupacional do Hospital Júlio de Matos, abrirá ao público, no dia 26, as 16 horas, no salão nobre daquele estabelecimento hospitalar, uma exposição de trabalhos feitos por doentes, em regime de terapêutica ocupacional.

Trata-se de uma exposição artesanal e artística que ocupa, além daquele salão, as dependências anexas, dividindo-se por várias secções, onde são apresentados curiosos artigos, muitos deles reveladores de apurado gosto e sentido artístico, como sejam os trabalhos de cerâmica, pintura, metais e lavores femininos.

A exposição estará patente ao público até 5 de Maio.

DESASTRE NO TRABALHO

ILHAVO, 22 — Quando carregava sacos de cimento para um camião, em Quintães, o sr. Vítor Casimiro Correia Martins, trabalhador, de 36 anos, casado, natural da freguesia de Mourisca do Vouga (Águeda) e residente no Fontão (Vagos), um dos sacos rebentou e provocou a queda violenta do pobre homem. Recolheu ao Hospital Sub-regional em estado grave.

«SORTEIO GAZCIDLA 1969»

900.000 CONSUMIDORES!

A CIDLA SORTEIA 900 ESQUENTADORES ENTRE OS SEUS CLIENTES

A Cidla registou no princípio deste ano o número impressionante de 900 000 contratos de Gazcidla

Como já vem sendo tradição desde que a Cidla atingiu a primeira centena de milhar de consumidores, aquele a quem este ano correspondeu o contrato com o n.º 900 000 vai receber a oferta de um magnífico automóvel.

De acordo com a mesma tradição, os consumidores de Gazcidla cujos contratos têm os números 900 001, 900 002, 900 003, 900 04, 900 005, 899 999, 899 998, 899 997, 899 996 e 899 995 receberão também valiosas ofertas em fogões e esquentadores.

Atingir 900 000 consumidores é uma vitória comercial notável. E a Cidla quis assinalar o acontecimento, agora que caminha para a celebração de UM MILHÃO de contratos, de forma a contemplar de algum modo todos os consumidores de gás butano que em qualquer altura tenham subscrito o respectivo contrato.

Assim decidiu oferecer-lhes 900 esquentadores, cuja atribuição fará depender de três sorteios, tal como segue:

1.º SORTEIO — LISBOA

Inclui todos os consumidores de Gazcidla de parte da zona centro e zona sul do País, das Ilhas Adjacentes, Cabo Verde e Guiné — e será realizado em Lisboa (Praça Marquês de Pombal, 1) no dia 23 do corrente, pelas 18 horas.

2.º SORTEIO — PORTO

Inclui a zona Norte do País e será realizado no Porto (Praça D. João I, 28), no dia 24 do corrente, pelas 18 horas.

3.º SORTEIO — COIMBRA

Inclui a parte da zona centro do País, não considerada no 1.º sorteio e realizar-se-á em Coimbra (Rua Mário Pais, 16) no dia 25 do corrente, pelas 18 horas.

A Cidla fará anunciar oportunamente o nome e a morada dos felizes contemplados através dos seguintes jornais: «Diário de Notícias», «O Século», «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «A Capital», «A Voz», «Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Diário do Norte», «Diário de Coimbra», «Jornal do Fundão», «Diário do Minho», «Diário de Notícias» (Madeira), «Jornal do Algarve», «Notícias de Beja», «Jornal da Madeira», «Diário dos Açores», «O Telégrafo» e «Diário Insular».

As normas fundamentais que regulam os referidos sorteios são as seguintes:

a) — Abrangerão todos os indivíduos que em algum tempo tenham subscrito com a Cidla, o contrato de consumidor de gás butano (Gazcidla), desde que o mesmo não tenha sido rescindido ou anulado até 3 dias antes da data de cada sorteio.

b) — Não são abrangidos pelos sorteios mencionados
— Os funcionários da Cidla
— Os funcionários das empresas do grupo Sacor
— Os agentes, depositários, sub-depositários e revendedores da Cidla, bem como os respectivos funcionários.

O CHEFE DO ESTADO VISITA O CLUBE DE CAÇADORES

O sr. Presidente da República, que aceitara o convite do Clube de Caçadores do Porto para assistir á inauguração das suas novas instalações e que só o não fizera por motivos inadiáveis, visitará aquelas instalações, aquando da sua deslocação a esta cidade, no fim desta semana.

Diário do Porto

Professor francês fala sobre o Pensamento português

Encontra-se entre nós desde o dia 20 do corrente e até ao próximo dia 1 de Maio, o prof. dr. Raymond Cantel, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Poitiers, que a convite do Instituto de Alta Cultura, visita o nosso País em missão cultural.

Na próxima sexta-feira, pelas 11 horas, aquele professor francês profere no anfiteatro da Faculdade de Letras do Porto, uma conferência intitulada «A influência do messianismo sobre o pensamento português entre o século XVI e o século XX».

Sousa expõe no Grupo Desportivo do B. P. A.

No ginásio do Grupo Desportivo do Pessoal do Banco Português do Atlântico, no 8.º andar do Palácio Atlântico, foi inaugurada uma exposição de artes plásticas de Sousa, jovem artista portuense que mercê de uma constante procura de novas técnicas, consegue dar aos seus trabalhos de colagem, desenho, monotipia e pintura um cunho muito pessoal.

Instituto Francês

Amanhã, pelas 18 e 30, na sede do Instituto Francês, nesta cidade, será apresentado o filme «Le Blé en herbe», realizado por Claude Autant-Lara, da célebre obra de Colette.

Conferência na Faculdade de Letras

Com a colaboração do Instituto de Cultura Italiana, a Faculdade de Letras do Porto promove, depois de amanhã, ás 11 horas, uma conferência, no anfiteatro daquela Faculdade, proferida pelo prof. dr. Sílvio Ceccato, sob o tema «A atitude estética e os géneros artísicos».

O prof. Ceccato é candidato ao Prémio Nobre de Cibernética, matéria em que se especializou.

«Rallye do Vinho Verde»

VITÓRIA DE JOSÉ GONÇALVES (Austin Cooper S)

O «I Rallye do Vinho Verde» que o Estrela e Vigorosa Sport, do Porto, levou a efeito no passado domingo e teve a participação de mais de setenta concorrentes, teve como vencedor José Gonçalves, em Austin Cooper S, seguido por Duarte Miguel, em Morris Cooper, e Julio Felix, em carro igual.

Ao jantar durante o qual se procedeu á distribuição de prémios, estiveram presentes várias individualidades entre as quais os governadores civis do Porto, Braga e Viana do Castelo, comandante da Região Militar e outras personalidades.

Posse do presidente da Câmara

Tudo indica que a cerimónia da posse do novo presidente da Câmara Municipal do Porto, sr. eng.º Nuno Vasconcelos Porto, se realize no próximo dia 30, no salão nobre daquele município, devendo presidir ao acto o ministro do Interior.

Uma peça de Lope de Vega apresentada pelo T. U. P.

O Teatro Universitário do Porto leva hoje á cena ás 21 e 45, no Teatro S. João, a peça de Lope de Vega «Fuenteovejuna», num espectáculo integrado na festa da Queima das Fitas.

Apesar de se tratar de uma peça sem personagens individualizados, antes incidindo sobre todo o povo do «pueblo» que dá o nome á obra, e a acção decorre entre 1479 e 1492, espera-se que o trabalho do T. U. P. suscite a mais completa aderência dos espectadores. Para o efeito, foram criados um guarda-roupa sóbrio da autoria do escultor José Rodrigues coadjuvado por Manuel Mouga e um cenário não espectacular de Alexandre Vasconcelos.

O T. U. P., que em Dezembro ultimo completou 20 anos dedicados á causa do teatro, quer divulgando textos de autores nacionais, Fernando Pessoa, Gil Vicente — e estrangeiros — Aristófanes, Lope de Vega, Sartre—, quer organizando cursos de teatro, conferências e colóquios, vai, agora, por intermédio da secção cultural interna tentam a organização de um pequeno curso sobre «Teatro épico brechtiano», dirigido pelo encenador espanhol Ricardo Salvat, que se deslocará ao porto nos dias 25, 26 e 27 do corrente.

Entretanto, espera-se que seja resolvido, o problema da criação do Teatro de Bolso do T. U. P., já que este agrupamento cénico não dispõe de lugar apropriado para ensaiar os seus espectáculos.

O Porto visto pelas crianças

Na sala magna da Escola Superior de Belas-Artes, realizou-se hoje, pelas 18 horas, a sessão de encerramento e de distribuição de prémios da I exposição de arte infantil «O Porto visto pelas crianças».

Sessão do American Field Service

Na sala de espectáculos do Liceu D. Manuel II, realiza-se na próxima quinta-feira, à tarde, uma sessão de divulgação do American Field Service, integrada na campanha «Receba um americano em sua casa.

Do programa consta a projecção dos filmes coloridos «A história do A. F. S.» e «Descubra a América».

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 22: «A Raposa e as Uvas» (17 anos)
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «A Preguiça».

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «Estrada da Vida» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «O Profeta» (17 anos)
TRINDADE—Às 21 e 30: «O Vale do Arco Iris» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «A Piscina» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Uma rapariga de gritos» (17 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Quem tem medo de Virgínio Woolf?»
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «A morte espreita» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Espiões matam em silêncio» e «Gibraltar» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Nas asas do amor» (12 anos).

Amanhã, à tarde

SÃO JOÃO—Às 15 e 30: «O doce corpo de Deborah» (17 anos)
ESTUDIO — Às 15 e 30: «Quem tem medo de Virgínio Woolf?» (17 anos).
TRINDADE—Às 15 e 30: «O vale do Arco Iris» (12 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «A piscina» (17 anos).
do Vida» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «O Profanos).
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Uma rapariga de gritos» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «A 25.ª hora» e «A marca do crime» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Nas asas do amor» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «A morte espreita» (12 anos).
(17 anos).

...e...

...pretende um motor de popa de 4 CV, com 2 cilindros e o depósito de combustível incorporado

...quer navegar na máxima velocidade em marcha-à-ré

...necessita de um motor de baixo peso, como deve ser um 4 CV

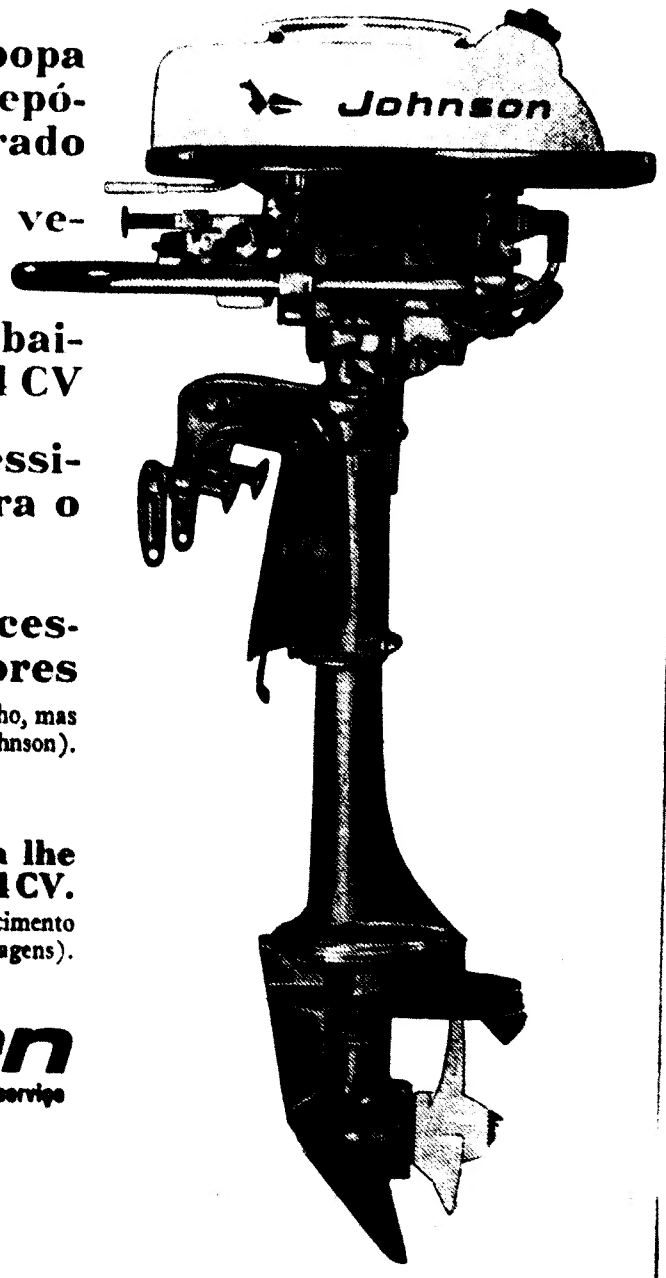
...deseja, em caso de necessidade, uma coluna longa para o seu barco à vela

...pensou num preço mais acessível do que nos outros motores

(conseguimos reduzir o preço à custa do desenho, mas sem afectar a famosa qualidade e assistência Johnson).

Então,
peça ao Agente Johnson local para lhe mostrar o económico Johnson de 4 CV.

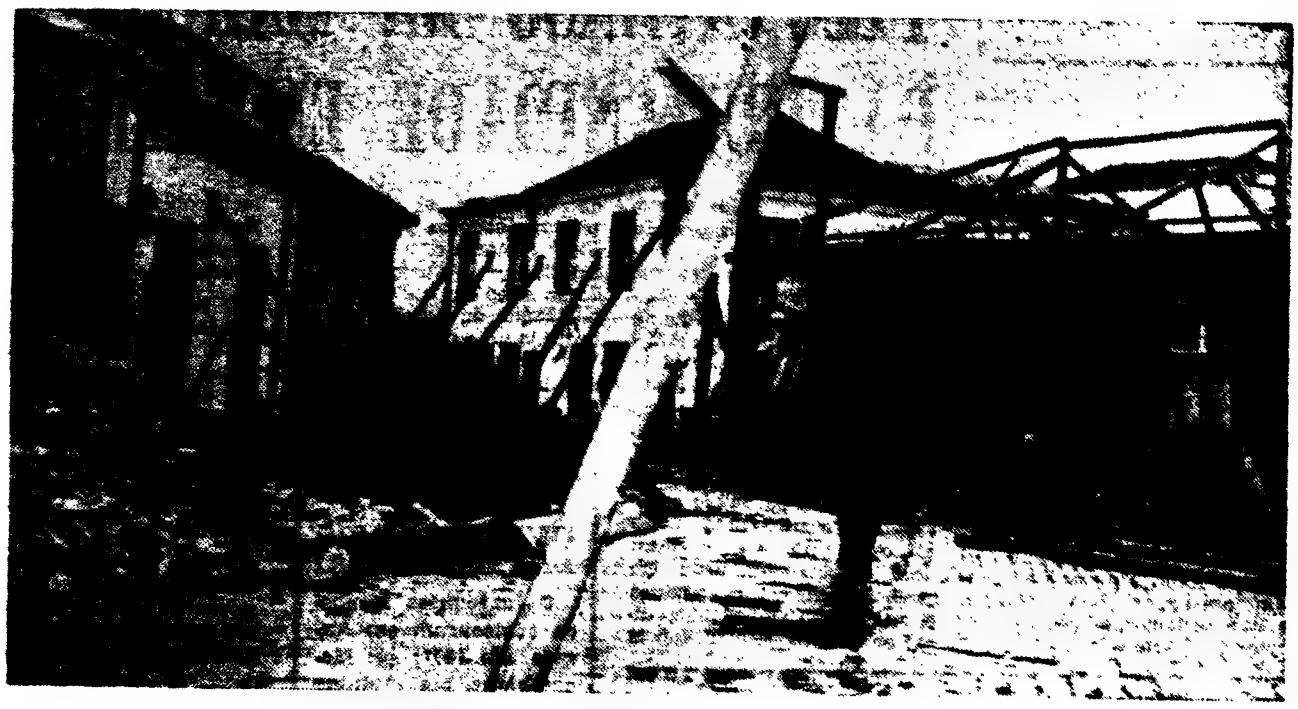
(ele vai falar-lhe do sistema de arrefecimento por água e da sua famosa caixa de engrenagens).



Johnson
O primeiro em segurança e em serviço

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.
Travessa da Praça, 4 (Belém) Lisboa
Tels. 638154 - 637978 ou no Agente local

1—A CARRETA À FRENTE DOS BOIS



Faro — «Tranquila e pachorrenta anfitriã»

"Dossier" ALGARVE

por JOÃO SILVA ROQUE

FARO, às sete da manhã, é uma cidade morta. Pensava nisso e disse-o ao polícia de trânsito, encapotado e triste, que batia os pés na minha frente. O dia nascia de gelo e ninguém passava, à excepção de uma ou outra operária pedalando e dum carro que distribuía pão. Faro, com foro de capital e fama de rainha, é uma tranquila e pachorrenta anfitriã que não oferece comboios «de saída» entre as onze e meia-noite e as oito e meia da manhã. Depois duma ceia tardia, ali estava eu esperando que algum carro me levasse para Portimão e barafustando intimamente contra a falta de transportes que assistem as chamadas zonas de turismo».

Tinha ceado numa taberna enorme, refúgio de párias e de homens do campo, suja e barulhenta, a única aberta na madrugada de Inverno e a única que conhecia dum Verão antigo. Lembrei com gratidão chocos com tinta e pedi chocos com tinta, a repetir prazer, epicurista e guloso. Pelo menos, pesasse isso ao Algarve inteiro, aquela tasca não mudara: reconhecia-lhe a fidelidade em cada tacho pendurado, nas mesas desengonçadas, nos bancos cambados, nos otavios da cozinheira, até nas teias de aranha do tecto.

Às sete da manhã, entretendo o tédio, eu pensava na falência da minha ceia e na promoção turística de Faro. Dos chocos gostara, mas a salsinha picada não era farta e o azeite sabia mal. Reclamei batatas cozidas e deram-me duas pequeninas por desprezo; pedi guardanapos e eram de papel. Dos chocos ainda gostara, talvez por teimosia, e exigi um trapo molhado para limpar os vestígios da luta, negro todo eu de prazer e sofrimento, a chupar os dedos lambuzados e a reviver vivências repletas de cebola e de batatas cozidas e onde não entravam guardanapos de papel.

Quando pedi a conta, por vingança e por má qualidade do vinho, trouxeram-na num pires (num pires!), impressa e bem apresentada, cheia de números gordos. Nem queria acreditar: aquilo tinha um título ao alto com distinções por baixo: «OS DOIS IRMÃOS — casa especializada em caldeiradas, choquinhos e outros aperitivos regionais», e, ao fundo, na zona mais aflitiva, percentagens de serviço e de turismo capazes de provocar a mais imprevista digestão a quem procura uma tasquinha pobre para prover carências alimentares e saciar desejos que a distância recalcara. «E não aquela sopinha custa vinte e cinco tostões?», perguntei timidamente ao rapaz mal vestido. «É preço fixo», disse-me ele num sorriso fixo. Esporulei dinheiro que serviria para jantar num restaurante qualquer, com empregados de casaco branco, com toalhas brancas, com talheres lavados e pratos inteiros, sem teias de aranha nem mau cheiro regional.

NO BOM CAMINHO

A manhã ia levantando, fria e pesada, como a cozinheira da taberna, e Faro não despertava. Passou uma das duas carretas existentes para a Ilha, e levou dois pescadores encadernados em oleado, canas em riste, felizes como passarinhos. A minha boleia chegou às oito horas, quando me apercebi de que os meus pés se haviam tornado insensíveis; por força do frio, está claro, mesmo no local onde «o Verão vem passar o Inverno». Um carro japonês, rápido e cómodo, com um belo aquecimento, converteu-se, de súbito, na coisa mais agradável das últimas horas. Um homem de meia-idade guiava tranquilamente, sem manifestar qualquer espécie de curiosidade por mim. «Sou beirão», disse simplesmente, querendo, afinal, sublinhar o facto de não ter nascido no Algarve. «Poder-me-ia ele adiantar alguma coisa ao que eu sabia sobre os problemas da província? Visto que vivia em Faro há muitos anos...» O homem continuou a olhar em frente, com os lábios levemente contraídos pela ironia. «A eles (algarvios-árabes-rurais) cresce-lhes a alfarroba, o figo e a amêndoa sem que seja preciso ralarem-se muito com isso. E não se ralam». Senti que ele fechara um tratado sobre o assunto. Talvez não adiantasse discutir. Desenterrar raízes ancestrais para explicar certos fenómenos etnológicos, arrancar ao tempo e aos mistérios da colonização berbere as razões que, provàvelmente, explicariam um certo fatalismo de raça — trabalhos que dulcificariam pouco aquela manhã e que nos iriam arrastar a uma conversa monótona.

Talvez porque o sol começasse a romper, talvez porque os fados se me tornassem propícios, o diálogo ganhou, subitamente, uma extrema importância, e, até Portimão, a viagem manteve-se tão atento e interessado que abençoei as delongas da espera na saída de Faro. Quem me transportava era um técnico dos serviços de urbanização do Algarve. Ia para Vila do Bispo, chefiando brigadas para estudar a reconstrução das casas desmanteladas pelo terramoto. As decisões do ministro das Obras Públicas tinham carácter de urgência, porque urgente teria de ser o auxílio a quem ficara sem abrigo. Para Barlavento, aquilo assumira proporções desastrosas. E o meu companheiro foi monologando, sem esforço, deixando que as palavras necessárias traduzissem o que pensava, sem laconismo nem verborreia.

«quando acontecem estas desgraças é preciso pesar muito bem o que se faz... há quem especule com a própria miséria... as coisas custam dinheiro, e nós não estamos ricos, como se sabe...»

Com esta simplicidade. Tal como um doente de pele a enumerar ao dermatologista as cataplasmas que aplicou toda uma vida. Com a mesma certeza e a mesma resignação.

Mas eu queria descarnar o cadáver do turismo. E, embora tudo aquilo me acendesse o sangue, eu prometia ao deus do meu equilíbrio dedicar apenas uma croniqueta aos efeitos do abalo; que talvez não fossem tão importante como se propalava, apesar do meu recentíssimo amigo me informar de que, só na região que ia prospectar, algumas centenas de fogos estivessem destruídos ou em risco de demolição.

HERANÇA DOS ÁRABES

Cheguei a Vila do Bispo dois dias depois. Noutra manhã de chumbo, húmida e ventosa, sem sol nem esperança dele. Desde Lagos que a estrada se rasgava em verde, furando amendoeiras e ossadas de figueiras, tão estranha e tão distante como as paisagens dos contos de Grimm. Uma ou outra casa derruída, mostrando o enorme coração de barro vermelho, não espantava nem surpreendia; antes tive a sensação de defrontar um cenário natural. Em Vila do Bispo esperava-me, porém, uma assustadora realidade. A terra havia «mesmo» tremido — viam-se por toda a parte as pavorosas consequências — e o silêncio da gente que remendava telhados, ou os removia aos poucos, era significativo e algo terrível.

Mais tarde, durante o almoço na única pensão da vila, o padre prior falou-me «da resignação do povo, herança dos árabes». Ora eu acho os árabes muito pouco resignados nos tempos que correm. Al Fatah não é fatalismo, é uma fatalidade para a segurança dos israelitas — e, se pareço desmentir o que antes escrevi, estou apenas fazendo uma abertura ao «extremo da outra possibilidade». Mas o que importa é que eram tristes os olhos do povo e vagarosas as mãos que empilhavam telhas. Pois. Há muita telha em Vila do Bispo, não existem as belas e decantadas açoteias algarvias; existe, como me confidenciou um funcionário da Câmara, «um certo ar alentejano» na região.

O padre prior deu-me conta de que se seguia um critério errado na ajuda que se pretende fazer aos sinistrados. Queria-lhe parecer que um doente deve recolher primeiro ao hospital, e depois sofrer questionários burocráticos. Em juízos, mas não eram to acontecia precisamente o inverso. Sucediam-se brigadas que avaliavam prejuízos — mas não eram tomadas quaisquer medidas que suprissem necessidades imediatas da população: as pessoas continuavam dormindo por caridade, arrumando os tarecos como podiam, vivendo o dia-a-dia como qualquer desalojado que se preze.

Leontino Pacheco, um pequeno comerciante de electrodomésticos, confessou-me que «não sabia o que fazer à vida». Ruiu-lhe a residência e a lojeca, perdeu haveres e mercadoria, não pode exigir o pagamento das letras que os clientes (pobres e em desgraça) lhe aceitaram. Leontino Pacheco vive em Vila do Bispo e levanta as mãos ao céu. Quase todos os seus vizinhos fazem o mesmo. E o céu manda chuva. E a chuva faz aluir o resto.

No entanto, depois da visita do prof. Marcello Caetano, as pessoas mais afectadas aguardam com confiança o envio das casas préfabricadas que o Governo prometeu e, dentro do mesmo espírito, o auxílio que o Instituto Nacional de Assistência à Família possa prestar.

A FEBRE DO TURISMO

O sismo veio pôr à prova a capacidade do Algarve em sustentar adversidades. Os poucos pedreiros que existem, e que trabalhavam em remodelações de unidades turísticas, foram mobilizados para acudirem a casas que ameaçam derrocada. Houve um êxodo de operários para a hotelaria. O pessoal dos hotéis e restaurantes recruta-se informalmente: há-os ex-cavadores, ex-pescadores, ex-engraxadores até. Levou-se a improvisação às últimas consequências. Alguns financeiros, tomados pela «febre do turismo» desataram a construir hotéis de luxo, apartamentos de luxo, residenciais de luxo. Sem haver uma infra-estrutura. A vida encareceu espectacularmente, vieram oportunistas e intermediários talentosos que fizeram «Roma e Pavia num dia» só para chatear o indígena. Depois, como não podia deixar de ser, algumas complicações internacionais votaram o Algarve ao ostracismo nove meses por ano, além de não o terem lotado convenientemente os outros três meses. Vem um terramoto e os prédios abrem fendas, cospem revestimentos, necessitam obras urgentes. Verifica-se que não existe pessoal em número suficiente para trabalhar com rapidez suficiente. Pela certa que vamos ter o Algarve rachado no próximo Verão.

Isto, como dizia aquele engenheiro que me trouxe de Faro, numa manhã de frio, é porque «puseram a carreta à frente dos bois». Mesmo assim esperemos que os bois tenham ainda força para empurrar.

TERRENO C/ PROJECTO APROVADO

ALGARVE

Vende-se terreno, ou parte, em zona de grande valorização e expansão turística. Projecto aprovado de características de CLUBE-PRIVADO de férias, ou similar. Interessa a Hotéis, agências de viagens, grupos financeiros, capitalistas e grandes empresas.

Resposta a este jornal ao n.º 261.

DIÁRIO DE LISBOA 22 ABRIL 1969

ECOS

EM torno da demissão de Pierre Moinot, director-geral das Artes e Letras no Ministério dos Assuntos Culturais e «braço direito» de André Malraux, surgem múltiplas hipóteses, controvérsias e especulações.

Pierre Moinot, escritor de inegável talento, cujo romance «La Chasse Royale» (agora transposto para o cinema) obteve em 1954 o Prémio Sainte Beuve, sente-se ainda mais atraído pela acção cultural do que pela criação literária. Por que razão deixou ele André Malraux? Di-lo numa entrevista concedida ao **Nouvel Observateur**, na qual se sublinha o facto de as questões da cultura merecerem apenas 0,43 por cento do orçamento francês. Grandes tópicos: a vocação internacional do «Odéon», impulsionado por Barrault, a ausência de directrizes políticas de que Moinot afirma (aspecto positivo) ter beneficiado, na sua empresa tendente a tornar acessíveis ao maior número possível de franceses as obras capitais da humanidade. Interrogado sobre a forma como encara o futuro do Ministério que acaba de abandonar, Moinot respondeu: «Estamos apenas no início da era cultural. Confio nos próximos cinquenta anos. Já não posso, porém, dizer-lhe que confio igualmente nos próximos cinco anos».

*

LYGIA Fagundes Telles, figura de primeira linha entre os grandes escritores brasileiros de hoje, venceu, em Cannes, o Grande Concurso Internacional do Conto, o que representa uma honra para a literatura de língua portuguesa e uma alegria para todos os que na autora de «Ciranda de Pedra» e «Histórias do Desencontro» têm visto sempre, além da perfeição na tão difícil arte de narrar e sugerir, a invulgar generosidade, o amor pela liberdade e pela dignidade humana. Diz Lygia Fagundes Telles: «O acto de criar, para mim, é como aquele jogo em que se armam paisagens. Sem querer, entra sempre um pedaço de queixo, de mão, uma parte da gente.»

A «TSÉ-TSÉ» ACUSADA PELO ATRASO DA MARCHA DA HUMANIDADE EM ÁFRICA

Um importante simpósio, que visa o estudo da criação em laboratório da mosca tsé-tsé, começou, esta manhã, na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, á Junqueira. Na sessão inaugural, presidida pelo subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, em representação do titular da pasta do Ultramar, que se encontrava ladeado pelo ministro da Saúde e Assistência e pelo prof. Leite Pinto, administrador da Fundação Gulbenkian, usou, em primeiro lugar, da palavra o sr. prof. Cambournac, director da Escola, que, depois de agradecer ás entidades patrocinadoras — ministro do Ultramar e Fundação Gulbenkian — o apoio concedido ao simpósio, referiu a importância da iniciativa, sobretudo no aspecto científico.

Na mesa de honra, além das individualidades já citadas, figuravam o director do Tsetse Research Laboratory da Universidade de Bristol, dr. T. Nash; a director-geral de Saúde, dr.ª Maria Luísa Van-Zeller; o dr. K. Willett, pela O. M. S.; o presidente do Instituto de Alta Cultura, prof. Abreu Faro; o director-geral de Saúde e Assistência do Ultramar, dr. Ferreira Silva; o professor de Entomologia e Helmintologia da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, prof. Fraça de Azevedo (que é, também, o presidente da comissão organizadora do simpósio).

O segundo orador da sessão foi o prof. Fraça de Azevedo, individualidade de renome internacional no estudo destes problemas, pois desde 1959 que têm o maior êxito as tentativas por si levadas a cabo para a criação laboratorial do pernicioso insecto provocador da doença do sono.

Depois de afirmar que se atribui á mosca tsé-tsé papel relevante como uma das pragas mais ameaçadoras da marcha da Humanidade em África, onde, por razões ignoradas, as glossinas se vieram a concentrar, o prof. Fraça de Azevedo referiu as acções promovidas na Ilha do Príncipe, as quais considerou de carácter limitado, por se tratar de território fechado. Disse, depois, ser notável a redução da doença, informando que a propagação do insecto se verifica, sobretudo, ao sul do Sahará, numa área de 11 milhões de quilómetros quadrados para mais de cem milhões de pessoas.

O prof. Cambournac, ao falar, esta manhã, na sessão de abertura do simpósio sobre a mosca tsé-tsé

Fim aparentemente contraditório

O simpósio tem por fim, pois, melhorar as técnicas para a criação em laboratório da mosca tsé-tsé, com o fim, em aparência contraditório, de conseguir o seu extermínio em ambiente natural.

Como se sabe — e o dr. Cambournac acentuou, especialmente, na sua comunicação — as tripanossomíases constituem um dos maiores obstáculos ao progresso económico e social de uma grande parte do Continente Africano.

Falou, seguidamente, o dr. Nash, da Universidade de Bristol, que salientou a importancia da criação laboratorial do insecto, visto que, a partir da vitória conseguida pelo prof. Fraga de Azevedo, é possível estudar-se nos centros científicos, a melhor forma de exterminar a mosca.

Recordou, ainda, os percursores da luta: Roubaud (1913 em Paris); Geigy (deambulações pelo Congo) e Willet, destacando, especialmente, os êxitos conseguidos por Fraga de Azevedo e Costa Pinhão.

Fechou a sessão o subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, que historiou as tentativas promovidas no Ultramar para a erradiação da mosca portadora do sono: na Ilha do Príncipe, em Angola, em Moçambique e na Guiné.

O colóquio prosseguiu, durante toda a tarde, com comunicações (breves) apresentadas porm itos dos participantes, os quais são originários de diversos países, nomeadamente do Quénia, da Bélgica, da Grã-Bretanha, da Rodésia, da França, de Israel, do Tchade, da Áustria, da Checoslováquia, da Itália, e da Suíça.

Ás 19 horas, os congressistas estarão no restaurante de Montes Claros, onde o sr. general França Borges, presidente do Município de Lisboa, lhes oferece uma recepção.

Amanhã, o simpósio continua, a partir das 9 horas, com diversas sessões preenchidas com comunicações havendo, ás 21 horas, no Castelo de S. Jorge, um jantar oferecido pelo ministro do Ultramar.

Por sua vez, as esposas dos congressistas visitarão, a partir das 15 horas, os principais monumentos da cidade, sendo-lhes, seguidamente oferecido um chá na Cozinha Velha, em Queluz.

NÚMEROS EXPRESSIVOS

Os «ataques» á mosca começaram em Angola, em 1907; em Moçambique, em 1910; na Guiné, em 1932. Segundo o subsecretário da Administração Ultramarina, em Angola, de cinco mil casos em 1929 passou-se para nove, sòmente, em 1963; em Moçambique, de três mil casos, em 1943, passou-se para 28 em 1966; e na Guiné, contra três mil casos em 1957, registavam-se, em 1962, apenas algumas dezenas.

No Ilha do Príncipe, onde a praga fora debelada em 1911-14, registou-se nova invasão em 1956, a qual estava sanada dois anos depois.

O INSTITUTO PORTUGUÊS DE REUMATOLOGIA VAI PROMOVER UM PEDITÓRIO PÚBLICO

•DIAS: amanhã e depois de amanhã

O Instituto Português de Reumatologia (cuja situação financeira não é das melhores) vai promover mais um peditório público, amanhã e depois de amanhã. Recebendo do Estado o mesmo subsídio que em 1961, a despeito do maior número dos serviços e do aumento do custo de vida, o Instituto Português de Reumatologia não tem possibilidades de desempenhar cabalmente as funções que lhe foram confiadas. E note-se há em Portugal mais de meio milhão de doentes reumáticos de todas as idades, muitos deles impossibilitados de andar, presos á cama ou á cadeira de rodas.

No entanto, o Instituto tratou até hoje mais de 25 mil doentes, aos quais deu mais de um milhão de serviços e outras ajudas, tais como consultas, tratamentos, medicamentos, alimentos, vestuário, transportes, roupa de cama, materais de construção, etc. Além disso, o Instituto preparou desenas de médicos, realizou cursos e ciclos de conferências com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, participou em congressos, organizou um congresso internacional, publicou dezenas de trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras etc. Em resumo: fez uma experiência valiosa que não se pode perder, antes tem de ser aperfeiçoada e desenvolvida, até porque ela foi feita em grande parte á custa do erário publico.

Néo entanto, o Instituto Português de Reumatologia continua sem uma unica cama privativa, sem um serviço de internanmento que lhe permita observar, orientar, tratar, médica e cirurgicamente, os seus numerosos doentes graves, impossibilitados de andar, ou vindos de longe, dos quatro cantos do País. Por outro lado, continua alojado em três casas acanhadas, mal adaptadas e separadas, com instalações insuficientes, e dispondo apenas de 19 médicos, sendo, por isso, obrigado a recusar assistência a muitos doentes que o procuram, ou a prestá-la com lastimável atraso.

É certo que problemas como este poderiam ser resolvidos de outra maneira e um peditório publico não constitui a resolução que se impõe. De qualquer modo, o peditório vai ser realizado e o Instituto Português de Reumatologia tem confiança.

JOSÉ CARDOSO PIRES

«O DELFIM» SURPREENDERÁ O LEITOR FRANCÊS — afirma «Le Monde»

«Fresco em prosa, «O Delfim» veio recentemente lançar uma brisa de frescura na vida cultural de Portugal», escreve o comentador literário de «Le Monde» num artigo intitulado «José Cardoso Pires ou l'intemporel», a propósito da tradução francesa deste romance, anunciada pela casa Gallimard.

Depois de ter analisado a estrutura «intemporal» deste livro, interpretando-o como «o romance do tempo português», «Le Monde» salienta que ele «vem confirmar a existência real de uma literatura portuguesa digna de figurar entre as melhores da segunda metade deste século. Com efeito, «O Delfim» surpreenderá o leitor francês não apenas pelas suas estruturas como pela qualidade da análise, a clareza do estilo e pela evidência quase mitológica da sua simbologia».

Do mesmo romance anuncia agora a editora Moraes o lançamento de uma nova edição — três edições em cerca de dez meses, o que bem demonstra o excepcional acolhimento do publico a uma obra que, neste caso, corresponde indiscutìvelmente á polémica e á admiração que a crítica lhe consagrou.

Lisboa tem um novo cinema

Depois de amanhã Lisboa passa a contar com um novo cinema: chama-se «Vox» e situa-se na Rua Bulhão Pato, artéria que principia na Avenida Frei Miguel Contreiras.

A nova casa de espectáculos, que fica num edifício misto, onde já funciona o Hotel Lutécia e onde oportunamente será inaugurado o Teatro Maria Matos, é constituída só por uma plateia de 537 lugares disposta perante um «écran» para projecção de filmes de 70 mm.

Beneficiando de uma decoração requintada, o «Vox» dispõe de um bar moderno, ar condicionado, átrios desafogados.

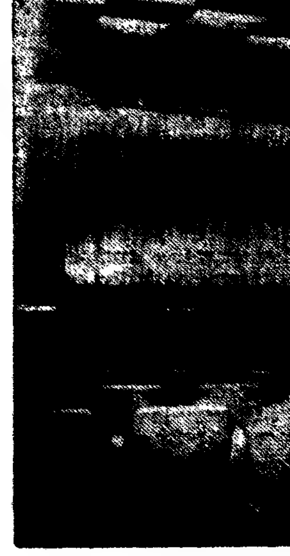
As cores predominantes são quatro: amarelo (a cortina do palco e as cadeiras), encarnado (as tapeçarias), verde (as paredes) e azulado (a alcatifa da sala).

Iluminação muito discreta, de modo a não ferir aquelas tonalidades.

«Vox» estreia com «Jogos Perigosos», seguindo-se «Waddigan» (com Henry Fonda e Richard Widmark) e «Helga», filme alemão sobre a maternidade, e que só poderá ser visto por maiores de 21 anos.

Bilhetes de preço unico: 15$00 (tarde) e 25$00 (noite).

A exploração do novo cinema é da responsabilidade de Filmes Luso-Mundo, encontrando-se na direcção os srs. João Ildefonso Bordalo e tenente-coronel Luís Augusto Silva.



Aspecto da sala de cinema «Vox»

«DIÁRIO DE LISBOA»

Na reunião da assembleia geral ordinária da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Amadora, foi aprovado por unanimidade um voto de agradecimento ao «Diário de Lisboa» pela publicação das notícias respeitantes á actividade daquela Instituição.

NÃO BASTA CRIAR LOTARIAS!

É PRECISO TER EM CONTA AS REALIDADES APOIANDO OS QUE MAIS CARECEM DA SORTE

POR QUE NÃO HÃO-DE FICAR RICOS OS QUE SÓ COMPRAM UMA «CAUTELA»?

Não basta fazer lotarias. É preciso encarar as realidades e ter presentes os anseios do povo que nelas encontra uma evasão à dureza do quotidiano.

Bem nos apercebemos de quanto melindroso é o planeamento, muitos das vezes com mais de seis meses de antecedência, dos esquemas de futuras lotarias. Ao redigir este comentário breve, temo-lo bem presente. Que, as incidências de factores variáveis, tal como o estado do tempo, polarização da atenção do público em eventos de grande emotividade, notícias (ou falta delas) de casos de premiados de profunda simpatia humana, migrações turísticas resultantes de festividades de feriados consecutivos, aspecto gráfico dos títulos, seus preços, maior ou menor receptividade à propaganda e publicidade, etc., etc., são circunstâncias que podem determinar o maior ou menor êxito de um sorteio, nomeadamente no caso de lotarias especiais com mais volumosas emissões e capitais. Como todas as actividades que vivem do favor do público e não têm carácter de premente necessidade, as lotarias estão sujeitas às flutuações da opinião pública. Quanto a nós, são apenas premissos constantes na sua previsão o interesse e carinho do povo por uma actividade cujos lucros vão inteiramente para as pobres e, ainda, pela faceta simpática de concentrarem e redistribuirem nas grandes fortunas dos maiores prémios, os modestos contributos parcelares dos muitos que a eles anseiam (e por quê, ainda, uma infinidade de pequenos prémios sem real significado prático?).

AFINAL, A SORTE TAMBÉM PODE SER UMA MEDIDA DE JUSTIÇA SOCIAL

NOVAS SOLUÇÕES PARA OS TEMPOS QUE CORREM

Visam estas considerações, como dissemos a propósito da próxima lotaria especial, abordar ângulo do problema que, felizmente, constitui primordial preocupação dos responsáveis pela administração da Lotaria Nacional. E para ele cremos haver já sido encontrada a verdadeira solução. Referimo-nos á possibilidade de permitir, aos que não podem despender mais que algumas dezenas de escudos no sonho de uma sorte grande, a obtenção de prémio que justifique tal sacrifício. — Por que razão não terão direito a uma fortuna — mas que o seja de facto — os que não podem adquirir mais que uma simples «cautela»? — Não visará a solução encontrada uma mais ampla justiça social?

Alegremo-nos portanto, e felicitemo-nos, pelo critério agora adoptado nas lotarias especiais. Os dez mil contos da «taluda» do dia 3 de Maio constituem cabal exemplo do raciocínio que vimos expondo. Repartidos por dez «cautelas», se for caso da sorte assim caprichar, podem constituir fortuna verdadeira de outros tantos lares modestos.

Ganharão os que mais precisam de sorte e ganhará, principalmente, a Lotaria Nacional, com a perspectiva de maiores êxitos que talvez a curto prazo permitam tornar o sistema extensivo a todos os sorteios.

DIÁLOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

JÁ certamente foi verificado por todos os leitores desta secção que me não proponho informar. Raras vezes utilizo factos, afasto-me de pormenores, desconheço cifras, ignoro situações claramente referenciadas, furto-me ao comentário actual, as mais das vezes não estou sequer ao corrente dos discursos ministeriais, dos diplomas legislativos, da acção do executivo. Leio, como todos, tais matérias nas secções do jornal que quotidianamente se ocupa, quanto lhe é dado e possível, delas. Entendamo-nos: concedo importância relevante à reflexão. Parto da premissa que ensinar a pensar, a inflectir no discurso das coisas, a procurar o valor das margens, a filosofar sobre o quotidiano, a cultura, a relação humana, a relação entre a palavra e o pensamento, a expor gravemente o que merece gravidade, a usar a ironia, a metáfora, a sugestão ambígua, aí onde isso se impõe, tudo, enfim, que constitui forma flexível de um conteúdo pressupostamente conhecido ou a conhecer. Quando, por exemplo, falo em Escolástica, fica implícito que o leitor ou já sabe o que isso signifique ou, se é, de facto, um ser curioso e com ambição de conhecer, irá executar os movimentos indispensáveis para enquadrar a palavra ou noção desconhecidas no contexto exposto, de tal modo que o texto se lhe torne claro, senão mesmo familiar. Lembra-me, a propósito que, muitas vezes, ouvi a alguns meus companheiros, quando liam António Sérgio, esta observação: para compreender este sujeito é preciso estudar. Ou a respeito desse sedutor artista que foi Aquilino: para o entender preciso de ir ao dicionário! Pois bem, afigura-se-me que tais companheiros estavam errados. Um texto relativamente denso pede, sobretudo, concentração e um esforço de autonomia reflexiva. O estudo e o dicionário só se impõem quando o próprio se propõe discutir ou expor os problemas que os mestres de pensar e de escrever nos inculcaram.

A ambição destes diálogos é, pois, formativa e a menos informativa possível, fiando-se o autor na pertinácia de quem o lê em procurar dentro de si, ou em obras ou revistas e jornais adequados, o que dentro de si mesmo não encontrar. Aos que temem o exercício do difícil diálogo consigo a respeito de problemas e temas que aqui e ali vão topando, digo eu que, ou são de todo incapazes de vencer a preguiça mental que o hábito lhes alojou na sensibilidade e na vontade, ou ignoram a força explosiva do acto de reflectir. Quer dizer: desconhecem o poder da razão e da inteligência, nunca se deram conta de que possuem aptidões prontas a funcionar. Aos que, de certo modo, ainda se não encontraram a si próprios como seres pensantes, direi que o primeiro grande momento da reflexão se inicia solitàriamente. Para pensar é indispensável aquele mínimo de abstracção tanto do mundo exterior como da totalidade ideias, raciocínios, crenças, juizos que assaltam o campo da consciência psicológica. Tal abstracção implica escolha de elementos significativos. Opção da inteligência em frente de um conjunto excessivamente povoado de elementos. Significa obrigar o intelecto a descobrir relações de conveniência entre tais elementos até apreender uma estrutura. A operação é tanto mais extenuante e, porventura, improficua quanto menor for a cultura de base. Porém a carência mais grave afigura-se-me ser aquela que resulta da inexistência de um sistema conceptual consolidado numa visão filosófica do mundo e do homem. A maioria das pessoas, incluindo professores e alunos, governantes e governados, patrões e empregados, pais e filhos, dirigentes e dirigidos, escritores e leitores, não possui, de facto, um quadro racional de conhecimento. Perante tal situação só existe um caminho urgente e rapidíssimo: a constituição dos quadros necessários para preparar o ensino acelerado, a criação imediata de escolas de formação de professores e de escolas de pais ou encarregados de educação. Tal tarefa não se compadece de soluções de compromisso nem de prudentes reservas de tempo e estudo. O problema está estudado: basta recorrer aos arquivos.

Conforme ontem noticiámos, esteve reunido em Lisboa o Conselho da Europa Continental da I. A. A. Entre os participantes contava-se o representante de Portugal, Jorge Tavares Rodrigues, delegado ao Conselho Mundial, secretário-geral do «chapter» português e director-geral da Latina. Na comunicação que apresentou, Jorge Rodrigues afirmou, a finalizar: «Com toda a objectividade, podemos concluir que na publicidade portuguesa, como em tantos outros sectores, se respira hoje uma atmosfera de justificado optimismo. Na verdade a transformação iniciada nas estruturas, nos métodos e nas mentalidades, criando perspectivas particularmente favoráveis a mais efectiva aplicação das capacidades do País e a mais larga comunicação e cooperação no plano internacional, não pode deixar de dar os seus frutos. Felizmente eles tomam já hoje a forma de uma nítida e estimulante realidade»

TÉCNICOS DA O. C. D. E. FAZEM CONFERÊNCIAS

«Consequências das disparidades tecnológicas entre sociedades industriais» foi o tema da conferência pronunciada hoje pelo dr. Peter Mencke-Gluckert, chefe da Divisão das Fontes Científicas da O. C. D. E., no decorrer do almoço com que foi distinguido pelo Lions Clube de Lisboa na Casa do Leão.

Ao fim da tarde, e dentro do mesmo ciclo de conferências por técnicos daquela organização, o dr. Alexander King, director-geral dos Assuntos Científicos, falou no Instituto Superior Técnico sobre «Educação e Ciência—instrumentos de crescimento económico».

A O. C. D. E. oferece ainda hoje um jantar, no Hotel Tivoli, a todas as entidades participantes na organização do ciclo de conferências. Preside o dr. Alexander King.

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CHOCOLATES TAGIDES
S. JURIBRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrando todas as ofertas ●
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
T. 306364

Actualidade internacional

NOVO PRESIDENTE DA LIGA SINDICAL ALEMÃ

A Liga Sindical da República Federal alemã vai ter um novo presidente. Em Maio próximo, quando se reunir em Munique o congresso federal da Liga, Kurt Gscheidle, vice-presidente do Sindicato dos Correios, desde 1957, sucederá a Ludwig Rosenberg, na presidência da organização de cúpula dos 16 sindicatos existentes na Alemanha Ocidental.

Kurt Gscheidle, de 44 anos, é deputado á dieta federal alemã desde 1961. Faz parte da direcção da facção social democrata. O ano passado, atraiu sobre si a atenção não só dos deputados mas também do grande publico quando interveio nos debates em torno da legislação sobre o estado de emergência, declarando por que motivos votaria contra a lei.

Após cursar a escola pública geral, Gscheidle fez aprendizagem de mecânico. Depois da guerra, seguiu cursos de promoção e passou o exame de técnico de telecomunicações e, subindo mais um degrau, formou-se em engenharia de racionalização. Em seguida, graças a uma bolsa da Liga Sindical alemã, frequentou a Academia Social em Dortmund. Estágios na Grã-Bretanha, na França, na Escandinávia e nos Estados Unidos completaram a sua formação neste domínio.

Na direcção da Liga estão representados os presidentes dos 16 sindicatos alemães. O presidente nunca pode tomar qualquer decisão que vá contra a vontade da maioria.

Embora se desconheçam ainda os planos de Gscheidle no cargo de chefe da Liga Sindical, sabe-se que o sucessor de Rosenberg insistirá na cooperação dos vários sindicatos, promoverá as actividades no sector das relações públicas e definirá mais nitidamente a posição social dos sindicatos na Alemanha Ocidental.

Destruídas pelos israelitas duas estações de radar em território da Jordânia

TEL-AVIV, 22 — (R.) — Aviões a jacto israelitas destruíram hoje duas estações de radar egípcias situadas no sul da Jordania, durante um ataque aéreo que se prolongou por uma hora.

Um informador militar anunciou hoje nesta cidade que os jactos israelitas bombardearam também outros objectivos durante o ataque, realizado depois do amanhecer, incluindo uma base de operações dos guerrilheiros árabes, nomeadamente da Frente Popular para a Libertação da Palestina.

Foi atingido um avião israelita que explodiu no ar. Julga-se que o piloto tenha morrido.

O informador revelou que as estações militares de radar estavam situadas a cerca de 25 quilómetros da linha de cessar-fogo, uma em Mazar, a 15 quilómetros de Karak, e a outra em Jebel Dweijjat, a 25 quilómetros a oeste de Maan.

Essas duas estações de radar encontravam-se sob comando egípcio, eram guarnecidas por unidades egípcias e deviam comunicar ao Egipto informações sobre actividade da Força Aérea israelita dentro de Israel — acrescentou o informador.

O ataque aéreo seguiu-se a um dia de intensa luta entre forças israelitas e jordanas no sector norte do vale do Jordão, onde um grupo de pequenas aldeias israelitas foram alvejadas pela artilharia, disparada da margem oriental do rio.

ABATIDOS DOIS AVIÕES?

AMMAN, 22 — (F. P.) — A D. C. A. jordana abateu dois aparelhos israelitas hoje de manhã — anunciou um informador militar.

Os dois aparelhos despenharam-se em chamas em território jordano. O primeiro, um «Mirage», caiu a oeste de Ilmazar, na região sul de Amman. O piloto morreu a bordo. Continuam as pesquisas para encontrar o segundo aparelho caído na zona de Kafar Sada, no distrito de Karak, ao sul da capital, indicou o informador.

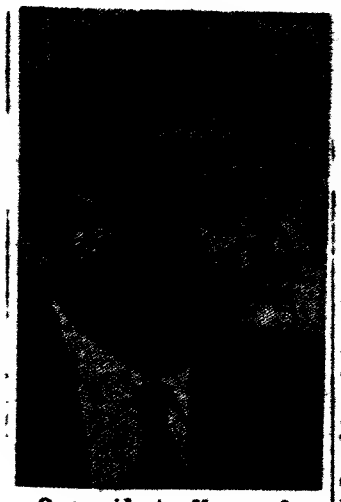
RÁDIO AMMAN: «TODO O TERRITÓRIO... ESTÁ A SER ATACADO»

Entretanto, Rádio Amman, interrompeu, bruscamente o seu programa habitual para anunciar:

«Todo o território do reino jordano está a ser atacado pela aviação inimiga. Depois dos dois «raids», ás primeiras horas da manhã, os caças israelitas atacam agora o país inteiro».

A Rádio Amman interrompeu as suas emissões normais para passar a difundir comunicados militares, marchas e cantos patrióticos.

«As nossas Forças Armadas resistem ao inimigo, ripostando com valentia e coragem... Vibramos violentos golpes ao inimigo... Infligir-lhe-emos pesadas baixas», declara aquela emissora.



O presidente Nasser do Egipto, que, numa entrevista concedida á TV norte-americana, declarou ser contrário a negociações directas com Israel para solucionar o problema do Médio Oriente

Permanecem escondido durante 33 anos

LAS PALMAS (Ilhas Canárias), 22 — (A. N. I.) — Depois de ter passado 33 anos oculto, apresentou-se ás autoridades de Las Palmas, nas Ilhas Canárias, o espanhol Pedro Nolasco Perdomo, de 63 anos.

Um decreto do Governo, recentemente publicado, determinou que não seriam julgados os crimes cometidos antes e durante a guerra civil espanhola.

Perdomo declarou que, seis dias depois de começar a guerra, em 1936, as autoridades o procuraram, sob a acusação de simpatias socialistas. Perdomo desapareceu, passando desde então a viver oculto, alternadamente, nas casas de três irmãs. Nem os seus próprios filhos sabiam que ele vivia com eles na mesma casa.

Perdomo acrescentou que a Polícia o recebeu cordialmente, fornecendo-lhe documentos provisórios.

A Polónia e a Hungria apoiam (no Comecon) a integração económica da Europa Oriental

VARSOVIA, 22 — (R.) — Espera-se nesta capital que a Polónia e a Húngria sejam os principais paladinos de integração económica europeia oriental, na reunião comunista de alto nível que se inicia amanhã em Moscovo.

A conferência, destinada principalmente a estudar, assuntos económicos, reunirá os chefes de partidos comunistas e os primeiros-ministros da União Soviética e dos seus aliados no Comecon, a organização de coordenação económica dos países socialistas.

Realiza-se seis semanas antes da há muito anunciada conferência comunista mundial marcada para Junho.

Como aconteceu com a conferência comunista mundial, a reunião europeia oriental materializou-se após algumas demoras, que se crê terem sido o resultado de divergências profundas entre os oito membros do Comecon acerca de um grande número de questões.

Sabe-se que a Polónia e a Hungria apoiam a integração económica, e fontes comunistas bem informadas desta capital afirmam que o Kremlin é também a favor da integração quase completa de economias comunistas sob uma planificação única.

Contudo, essas fontes julgam que os russos estão dispostos a perfilhar as opiniões dos associados mais pequenos no Comecon, se estes revelarem uma vontade comum suficientemente forte de seguirem nessa direcção.

Gustav Husak em Moscovo

MOSCOVO, 22 — (R.) — Uma delegação checoslovaca, chefiada pelo dr. Gustav Husak, o novo dirigente comunista do país, chegou de avião a esta capital, a fim de participar numa sessão de Comecon, a organização económica da Europa Oriental, segundo anunciou hoje a Tass.

AGRADECIMENTO DE HUSAK A BREJNEV

PRAGA, 22 — (F. P.) — «Estou muito satisfeito por ter encontrado a plena compreensão e o apoio do Partido Comunista Soviético, bem como o vosso próprio apoio», escreveu Gustav Husak, primeiro-secretário do Partido Comunista checoslovaco, num telegrama que enviou a Leonid Brejenev, primeiro-secretário do Partido Comunista Soviético.

Husak garantiu também a Brejnev a «sincera solidariedade internacional» da Checoslováquia e saudou em nome do novo presidium e em nome da Comissão Central do P. C. Checoslovaco todos os comunistas soviéticos e todo o povo soviético».

MENSAGEM DE APOIO SINDICAL A HUSAK

PRAGA, 22. — (R.) — As manifestações estudantis contra o afastamento do chefe reformista Alexandre Dubcek entraram hoje no segundo dia, não havendo ainda indícios de medidas repressivas por parte das autoridades.

Estudantes da Faculdade de Filosofia da Universidade de Carlos, nesta capital, votaram para continuar até amanhã a sua manifestação sentada, que é a primeira prova de força contra o dr. Gustav Husak, o sucessor de Dubcek.

Outros estudantes de Praga, Ceske Budejovice e Plzen realizaram, também, ontem manifestações sentadas, embora muitos alunos das 11 Faculdades da Universidade Carlos se tivessem recusado a participar.

Entretanto, o dr. Husak avisou que a sua tolerância quanto á agitação universitária seria limitada.

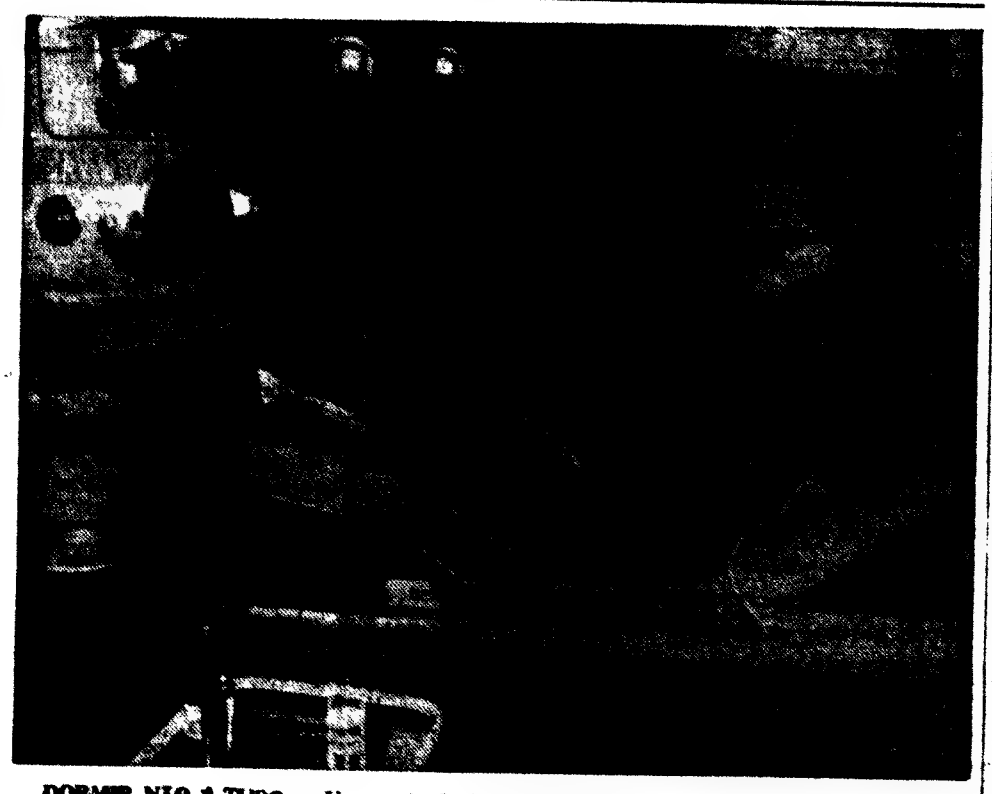
Espera-se, por outro lado, que a visita do novo primeiro-secretário do Partido Comunista checoslovaco a Moscovo, onde vai assistir á reunião do Comecon, permitirá o primeiro encontro do novo chefe checoslovaco com os dirigentes do Krem, lin. Afirma-se que poderiam ser feitas a Husak importantes concessões.

As mesmas fontes disseram que as concessões poderiam incluir acordos de transferência de tropas de ocupação soviéticas das cidades para áreas desabitadas. Permitiriam também pôr termo á publicação do «Zprovy», o jornal de propaganda soviética em língua checa.

O dr. Husak, elogiado na semana passada pelo chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, como «um dirigente que aderiu firmemente ás posições do marxismo-leninismo», poderá vir a obter um grande crédito político.

O dr. Husak recebeu ontem uma mensagem de apoio dos sindicatos checoslovacos, que apoiavam enérgicamente o movimento de reforma de Dubcek.

A Federação dos Sindicatos declarou na mensagem que auxiliaria o dr. Husak a fortalecer o papel preeminente do Partido e avisou os seus filiados contra possíveis acções de protesto.



DORMIR NÃO É TUDO — Um quarto de dormir não serve só para fechar os olhos e repousar umas tantas horas. Isto pensam os alemães ocidentais, que na recente Feira do Mobiliário de Colónia apresentaram o modelo do futuro — com telefone de ambos os lados da cama, bar, televisor, rádio-gira-discos e projector de filmes e diapositivos. Um luxo para quem pode

Causa surpresa o projecto de levar à O. N. U. a questão do Ulster

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 22 — (R.) — Os diplomatas acreditados na O. N. U. reagiram a noite passada com surpresa ás notícias de que o Governo irlandês estava a pensar em apresentar a questão das desordens na Irlanda do Norte ás Nações Unidas.

Segundo fontes bem informadas de Dublin, o ministro dos Negócios Estrangeiros irlandês, Frank Aiken, discutirá a possibilidade de enviar tropas da O. N. U. para manter a ordem na Irlanda do Norte com o secretário-geral U Thant ainda esta semana.

Aiken é esperado hoje á tarde em Nova York, onde se deverá avistar com U Thant amanhã. Na quinta-feira, o secretário-geral parte desta cidade para uma visita a Londres, Roma e Genebra.

Uma comunicação do Governo de Dublin dizia que o ministro dos Negócios Estrangeiros informaria U Thant acerca da situação «nos seis condados».

Fontes bem informadas desta cidade indicaram que a Grã-Bretanha se oporia á discussão pública na O. N. U. das recentes desordens e sobretudo das reivindicações da República Irlandesa ás províncias da Irlanda do Norte, governadas pelos britânicos.

TRÊS CHEFES DE GOVERNO OCUPAM-SE DA CRISE DA IRLANDA DO NORTE

BELFAST, 22 — (R.) — Três primeiros-ministros estudarão hoje com urgência medidas para evitar que no Ulster, assolado pelas desordens, rebente uma guerra civil em grande escala.

Ao mesmo tempo, cerca de 2500 soldados britanicos, estacionados na Irlanda do Norte, vão guardar edifícios importantes e centros de abastecimento para evitarem actos de sabotagem.

Em Belfast capital do Ulster, o primeiro-ministro Terence O'Neill e o seu Gabinete estão a considerar novas leis para «fomentar o bem-estar de todos os sectores da comunidade».

O'Neill é esperado em Londres esta semana, para consultas urgentes.

Em Londres, o primeiro-ministro Harold Wilson prepara-se para assumir uma atitude de dureza quanto á questão de «um homem, um voto», nas eleições locais na Irlanda do Norte.

O problema principal dos direitos civis é que as leis actuais, que proibem cerca de 250 000 pessoas de votarem nas eleições locais devido a não serem chefes de familia, visam injustamente os católicos romanos.

Em Dublin, capital da vizinha Republica Irlandesa, predominantemente católica, o primeiro-ministro Jack Lynch tentava arranjar uma conferência de emergência para discutir a crise com Wilson.

O Parlamento de Westminster deverá realizar hoje um debate de três horas sobre a questão. O ministro do Interior, James Callaghan, declarou ontem na Camara dos Comuns: «Claramente, o nosso objectivo primário é evitar a guerra civil, com a qual ninguém pode beneficiar...»

O debate poderá assinalar o primeiro discurso na Camara da deputada, recentemente eleita pelo Ulster, Bernardette Devlin, de 21 anos.

Embora Bernardette Devlin, que gosta de usar «blue-jeans» e seja uma dirigente dos direitos civicos, não tenha ainda prestado juramento, alguns deputados esperam que a Camara realize a tempo a cerimónia, de forma a que ela possa discursar a favor dos manifestantes pró-católicos.

Quarenta e quatro mortos na queda de um avião

CALCUTA 22 — (R.) — Morreram quarenta passageiros e quatro tripulantes na queda de um avião «Fokker Friendship» próximo de Khulna, no Paquistão Oriental. Segundo noticias recebidas hoje nesta cidade o acidente ocorreu ontem á noite.

O avião seguia com rumo a Calcutá, vindo de Assam, no nordeste da India, e perdeu contacto com a torre de «contrôle» quando atravessava o Paquistão Oriental.

A Indian Airlines, companhia aérea interna do país, estava em contacto com as autoridades da Aeronáutica Civil do Paquistão para a trasladação dos corpos das vitimas através da fronteira, para Road, declarou um informador.

Um informador da Indian Airlines em Nova Delhi disse que todos os passageiros e tripulantes eram indianos.

Segundo se calcula o avião teria sido apanhado num violento temporal que fora ontem anunciado sobre a zona do desastre.

DIMINUIU A ACTIVIDADE «VIETCONG»

SAIGÃO, 22 — (A. N. I.). — Durante a noite passada os «vietcongs» apenas bombardearam seis instalações militares e povoações no Vietname do Sul, sendo esta a mais reduzida actividade bélica dos comunistas desde que iniciaram a sua ofensiva em 22 de Fevereiro ultimo.

«Comandos» atravessam o canal de Suez

(Continuação da 1.ª página)

atingir objectivos civis e militares no Egipto.

QUEIXA DE ISRAEL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 22 — (R.) — Israel queixou-se, a noite passada, ao Conselho de Segurança da O. N. U. que em duas ocasiões no ultimo fim-de-semana forças egípcias atravessaram o Canal de Suez para atacar posições israelitas.

Contudo, o embaixador israelita, Yosef Tekoah, sublinhou que os ataques não obtiveram êxito e que as Forças egipcias abandonaram armas e cargas explosivas quando foram obrigadas a debandar para a margem ocidental.

Os ataques «seguiram-se a três semanas de violações incessantes do cessar-fogo pelas Forças da R. A. U. na margem ocidental do canal, conforme comunicações feitas pelo general Odd Bull, o principal observador da O. N. U. no Médio Oriente» — prosseguiu Tekoah. «O motivo desses actos premeditados de agressão é bem conhecido».

O foguetão russo de ogiva múltipla foi experimentado no Pacífico

NOVA YORK, 22 — (F. P.) — A União Soviética experimentou a semana passada, no Pacífico, o enorme foguetão de ogiva múltipla «SS-9», revelou ontem o secretário de Estado William Rogers, durante o almoço anual da Associated Press.

«Tudo o que podemos fazer é prever que os ensaios do míssil vão prosseguir regularmente», acrescentou Rogers, recordando que os soviéticos tinham anunciado a intenção de efectuar ensaios balísticos no Pacífico até meados de Junho.

SEIS ESPANHÓIS VÃO SER JULGADOS EM CONSELHO DE GUERRA

BARCELONA, 22 — (A. N. I.) — Seis espanhois acusados de pertencer ao Partido Socialista Unificado da Catalunha (comunista), comparecerão perante o Conselho de Guerra de Barcelona no próximo sábado. Os seus advogados declararam que o procurador tencionava pedir penas entre seis e doze anos de prisão contra os acusados, três dos quais têm 19 anos.

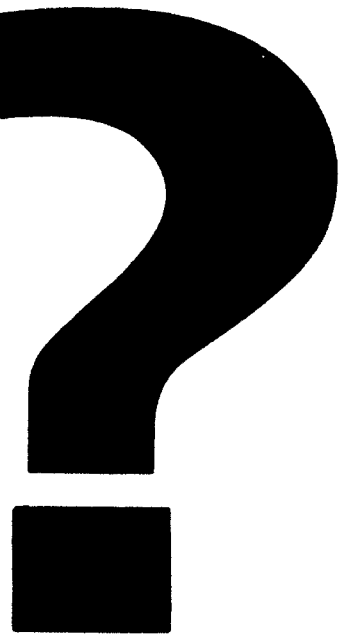
A noticia provocou admiração na cidade. Na verdade, o cardeal Tarancon, primaz de Espanha e Don Cassia Just, pároco de Montserat, tinham intervindo junto do capitão-general da Catalunha pedindo que o Exército se desligasse, entregando-os á jurisdição civil, dos delitos politicos que não comportassem actos de terrorismo. Várias ordens religiosas, como os jesuitas e os franciscanos, tinham adoptado posição semelhante.

Além disso, no domingo, em mais de trinta igrejas católicas os padres propuseram que fossem feitas orações pelos acusados e protestam contra o facto de eles serem julgados em Conselho de Guerra.

PADRES PRESOS

BILBAU, 22 — (F. P.) — Dois padres, um de Bilbau e outro de Ceanuri, foram presos e apresentados á Justiça Militar, acusados de terem prestado auxilio a elementos terroristas da E. T. A. (Organização clandestina de separatistas bascos), segundo se anuncia de fonte fidedigna.

Por outro lado, afirma-se oficiosamente que, após interrogatório a outros eclesiásticos e buscas efectuadas em nove conventos, igrejas e instituições religiosas, foram apreendidas armas, bandeiras bascas e abundante material de propaganda separatista.



PORQUE SOU RECEBIDO COMO UM AMIGO.
PORQUE NÃO PERCO TEMPO.
PORQUE ENCONTRO EFICIÊNCIA.
PORQUE ESTÃO LÁ QUANDO EU PRECISO.
É POR TUDO ISTO QUE EU SOU CLIENTE DO

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

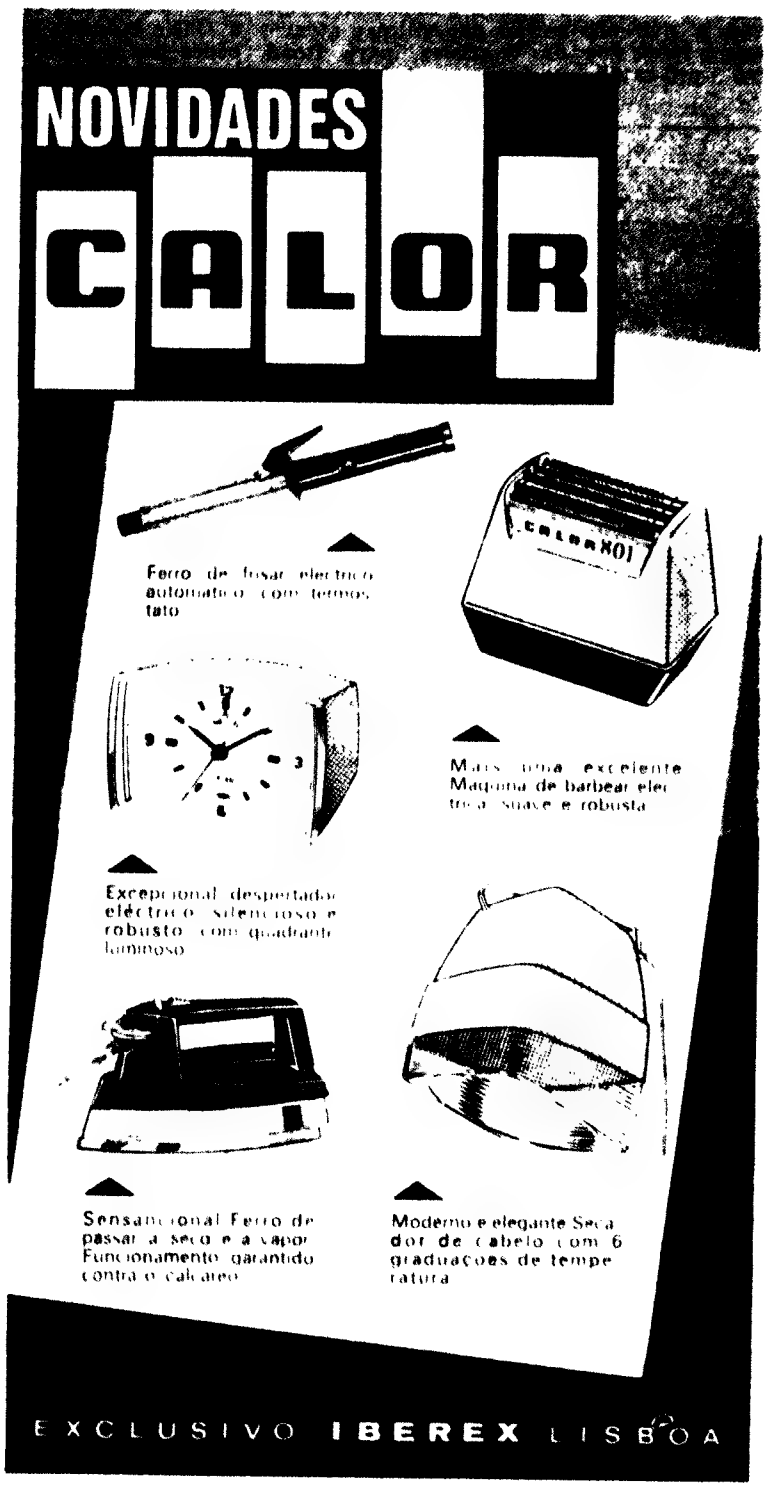
INFORMAÇÕES Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa Telefones 45843-47843

QUEIJO TIGRE

AO PÚBLICO

A SENHA COM O N.º 3865 REFERENTE A MARÇO DE 1969 FOI PREMIADA COM O TELEVISOR «NATIONAL»

Foi contemplado a sr.ª D. Maria V. da Costa Campos — Rua João de Penha, 16 — LISBOA



ALTO DO DAFUNDO

Bons andares com 5 e 6 assoalhadas, arrecadação e garagem privativa.

Vendem-se na Rua Joseph Bleck, 34-36 e 38.

Trata:

FERMIN GALLEGO

Av. 5 de Outubro, 23-1.º
Telef.: 4 59 34

UM FOLHETO DA C. P. SOBRE CIRCUITOS TURÍSTICOS

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada Rua do Carmo, 98-2. — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — ás 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — ás 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — ás 16 horas.
Dr. Romão Lofi — Doenças nervosas electroterapia — ás 14 horas.
Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e coração — ás 18 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — ás 14 horas.
Dr.ª Ana Bela Maria — Ginecologia — ás terças e quintas-feiras — ás 16 horas.

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO, 27 DE ABRIL

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 27, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Portas de Ródão, Castelo Branco e Monsanto, incluindo a viagem no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em auto-carro.

PREÇOS

Modalidade 1
(Inclui pequeno-almoço no comboio e almoço regional em Castelo Branco)
270$00

Modalidade 2
(Inclui pequeno-almoço e jantar no comboio e almoço regional em Castelo Branco)
325$00

Só transporte em caminho de ferro (com serviço de pequeno almoço no comboio)

Lisboa a Abrantes, e volta	83$50
Lisboa a Ródão, e volta	116$00
Lisboa a Castelo Branco, e volta ...	131$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho de ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«LUANDA» a sair em 24 de Abril	Com escala por **LEIXÕES**, para: **S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES**. Carrega até 22 de Abril
«PÁTRIA» a sair em 6 de Maio às 12 horas	Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA**. Carrega de 25 a 28 de Abril.
«BENGUELA» a sair em 6 de Maio	Com escala por **LEIXÕES**, para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 1 a 4 de Maio
«LOBITO» a sair em 17 de Maio	Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 11 a 15 de Maio.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 30 de Maio às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA**. Carrega de 24 a 28 de Maio.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 25 de Abril e em 27 de Maio às 18 horas	Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 —— Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 e 725$00 no caso de não terem vaga nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 262

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 93, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

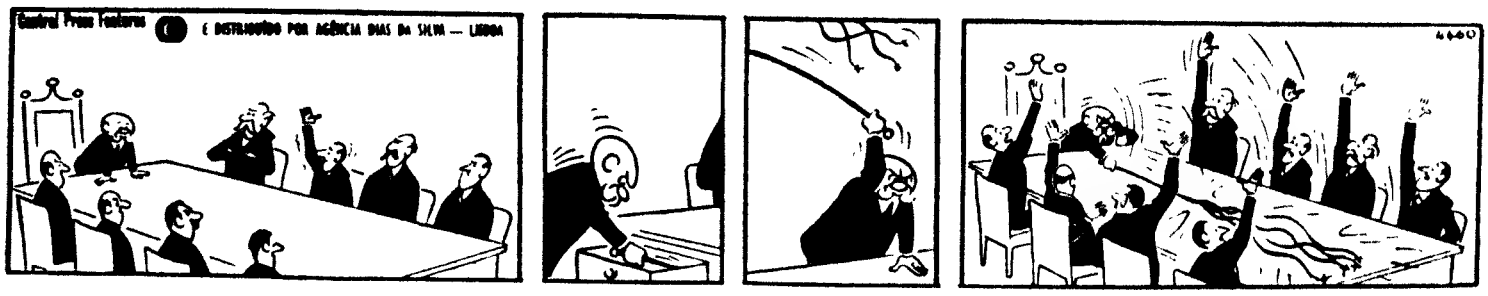
SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Abril de 1939 publicava:

«LONDRES, 22 — Um jornal desta cidade informa que se tem aqui como certo que a Alemanha vai prosseguir na sua política agressiva, utilizando todas as armas que tenha boas.

«Dantzig será o primeiro objectivo da política alemã. Em seguida, iniciar-se-á um período de provação para a Polónia.

«Nestes últimos dias o Governo nazi convenceu-se de que poderá romper o cerco.»

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

União de Tomar-Benfica

Domingo, 27 de Abril

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 27 de Abril, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar - Benfica» ao preço de 50$00

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	8-42 h.
Chegada a Tomar ...	10-48 h.
Partida de Tomar ...	19 35 h.
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	21-40 h.

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia)

Palavras cruzadas

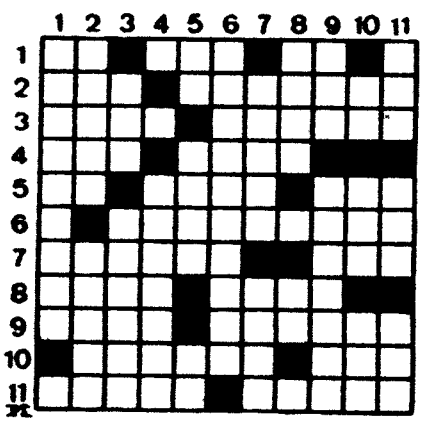
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5155

HORIZONTAIS: 1 — Artigo (pl.). Concava. Antes de Cristo. 2 — Rente. Enramar. 3 — Cursos de água. Muito bom. 4 — Nome de letra grega. Perante. 5 — Nociva. Esta coisa Debaixo 6 — Que criou casca. 7 — Desfazias. Um cento 8 — Correlacionado. Rio que banha Setubal 9 — Avaliei. Sem nós 10 — Casado com duas mulheres ao mesmo tempo. Pronome pessoal 11 — Enrubesceu. Juntei.

VERTICAIS: 1 — Imitam 2 — Bondo. Moço que chegou á idade da puberdade 3 — Ecoa. Suprimir. 4 — Adverso. 5 — Utensílio doméstico. Nojo. Símbolo químico do ouro. 6 — Indicassem. 7 — Capazes. Aniversário. 8 — Perícia. Compaixão. 9 — Aceditei. Abalam 10 — Símbolo químico do amónio. Poesia. Olá. 11 — Rezo Benigno. Conheço

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5154

HORIZONTAIS: 1—Prós. Lancem. 2—Récua. O. Aio. 3 — Ecoora. Atro. 4 — Já Réu. QUE. 5 — Uma. Artur. 6 — Deliro. Eros. 7 — Animam. 8 — Cara. Ar. Rir. 9 — Abade. Ré Mi. 10 — ABUNDA. NÃO. 11 — Prezar. Pois.

VERTICAIS: 1 — PREJUDICA 2 — Recame. Abar. 3 — Oco. Aldrabe. 4 — Suar. Aduz. 5 — Areora. Ena. 6 — Aurana. Dr. 7 — Ao. Irra. 8 — Aquém. 9 — Caturrar. Nó. 10 — Elre. Amimai. 11 — Moo. És. Rios.

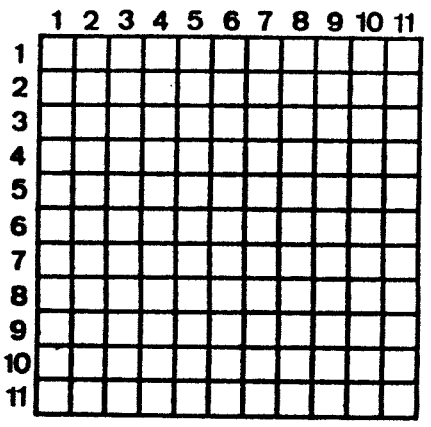
(Provérbio: O QUE ABUNDA NÃO PREJUDICA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8998

HORIZONTAIS: 1 — Instrumento para cardar A morte. 2 — A Pérsia Pronome possessivo (pl.) 3 — Chefe etíope Possu. Suspiros 4 — Amónio (s. q.). Secai ao fumo (castanhas). Letra grega 5 — Aluga 6 — Queimava Moeda asiática 7 — Fiz desaparecer Transfere para outro dia 8 — Pêlos de certos animais Preposição. 9 — Apelido Caruma 10 — Duzentos e cinco em romano Rio de Portugal Com'nhe. para cá 11 — Filtrara Transpirava

VERTICAIS: 1 — Corsário M.I e setecentos em romano. 2 — Estavam Reis Ergo 3 — Em as Lisonjeava 4 — Porco Feminino de primo (pl.). 5 — Sacais. Oferece 6 — Resfrie Rádio (s. q.). 7 — Cobertores. Artigo definido. 8 — Campeão. Tempos 9 — Artéria Alentava 10 — Tombar Gálio (s. q.). Mil e quatro em romano 11 — Sobe ao cume Série



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8997

HORIZONTAIS: 1 — Opino. Coção 2 — Pamir. Acaba. 3 — Alisa. Lobas 4 — Lata. Reli. 5 — Asa. Ará. Lás 6 — Res. São. 7 — Al. Mi Cr. Ps. 8 — Gemer. Aérea. 9 — Irás Meti. 10 — Tal. Bem. Mar. 11 — Amago. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Opala. Agita. 2 — Palas. Leram. 3 — Imitar. Mala. 4 — Nisa. Emes. 5 — Ara. Asir. Bo. 6 — Er Te. 7 — Cal. Ascá. Má. 8 — Açor. Arem. 9 — Cabelo. Remo 10 — Abafo. Petas. 11 — Oásis Saíra

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 12 — Fornecimento de MEDICAMENTOS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 7 de Maio próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições, excepto aos sábado que é das 9 às 12 horas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 18 de Abril de 1969

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

MANUEL FERREIRA BICHO

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Laura Ferreira Bicho e seus filhos participam que será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma, amanhã, quarta-feira, dia 23, pelas 19 horas e um quarto na Igreja de S. João de Deus. Agradecem a todas as pessoas amigas que possam assistir.

UM BRILHANTE SUCESSO TÉCNICO!

Um tipo de ligante **inteiramente diferente**, de resultados seguros na colagem de

AÇO - METAIS - VIDRO - CERÂMICA BORRACHA - PLÁSTICOS (não moldáveis) e todo o material de uso corrente resiste a

CALOR, HUMIDADE, ÁCIDOS, SOLVENTES

As ligações com **ARALDITE** mantêm-se

Liga materiais da mesma natureza e de natureza diferente

Um produto suiço da **CIBA**

TOLDOS METÁLICOS
EXECUÇÃO — RAPIDA
RECLA INDÚSTRIAS TÉCNICAS
CALÇ. MESTRES, 55 — T. 682916

Em ÁGUEDA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência Conde, Rua Vasco da Gama, 12.

IV Semana de Engenharia Química

Começou hoje a IV Semana de Engenharia Química, organizada pelos estudantes finalistas de química do Instituto Superior Técnico. Ao contrário do que sucedeu em anos anteriores, desta vez não se realizam exposições de engenharia química, mas enveredou-se pelo processo das conferências a cargo de técnicos designados pelas indústrias, seguidas de visitas guiadas a unidades industriais especialmente representativas.

Hoje, o primeiro dia da semana foi dedicado aos Nitratos de Portugal, tendo a conferência (que de manhã deu início ao certame) estado a cargo dos eng.os Humberto Santos e Luís Ramalhete. Ao princípio da tarde os participantes na Semana visitaram as instalações dos Nitratos de Alverca.

A intervenção neste conjunto de iniciativas ligadas á engenharia química é livre para todos os que se interessam pelos problemas técnicos, económicos e sociais que ela levanta.

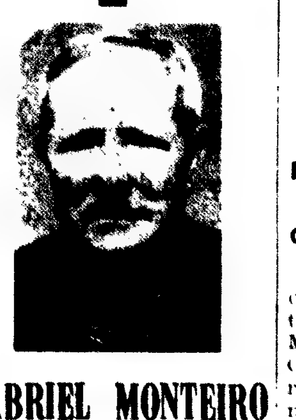
Este empreendimento decorre até ao próximo dia 29.

Comunhão Pascal na Escola Francisco de Arruda

Realiza-se, depois de amanhã, ás 9 horas, a festa da Comunhão Pascal dos professores, alunos e empregados da Escola Preparatória Francisco de Arruda. Será celebrante o bispo de Telepte, acolitado por alunos.

A parte coral estará a cargo do orfeão escolar, sendo acompanhado a órgão pelo professor Santana de Brito.

CAÑIZA
Pontevedra



GABRIEL MONTEIRO PINTELOS

FALECEU

Maria Lealdina Gomes Monteiro, Fernando Gomes Monteiro Robelo, seu marido e filho, Alice Gomes Monteiro Henriques e suas filhas, Manuel Gomes Monteiro, Teresa Monteiro e mais família participam que foi Deus Servido chamar á sua Divina presença o seu muito querido pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, da igreja de Santa Isabel para o jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA BARATA

Manhã na praça

PEIXE ABUNDANTE

Mercado do Bairro dos Actores, 10 da manhã, secção do peixe. O movimento é escasso, o peixe mostra-se abundante nos balcões. Por isso, as vendedeiras estavam mais solicitas, mais gritantes, mais persuasivas das qualidades do seu produto. É preciso avançar as carreiras nas alas que ficam entre as filas de postos de venda, para se escapar às peixeiras cheias de energia vendedeira. As faltas de corpo são indispensáveis para não se ser mesmo cado com um peixe ou uma rapula nas costas.

Movimento escasso na secção do peixe

Mas também há horas para conversas. E diz-nos a sr.ª D. Domitília, peixeira do mercado no canto, levantando os braços ao céu:

— Isto, meu caro senhor, é que não há o diabo... Não compram peixe, não o comem, isso sei como é! Cada vez mais se comem coisas feitas, vendidas em supermercados, e se compra menos peixe.

E abanava a cabeça, com desânimo, designando com o dedo o peixe-espada que atestava a variedade das abundâncias produzidas.

PREÇO DOS PRODUTOS

Encontramos o caldo verde a dez tostões a porção, a alface a quinze tostões, a couve portuguesa a um escudo, os nabos, também a dez tostões, a couve-coração ou muito alta a três escudos, o grelo de 1$00 a 6$00, a couve-flor de 2$50 a 4$00; a cebola a 9$00, a azeitona a 2$00; a ervilha a 5$00; as favas a 2$50; a couve de 2$00 a 2$50; a cenoura de 2$50 a 6$70, o coelho vivo a 25$00 o quilo; os ovos de 11$70 a 13$00; e o frango vivo a 25$00.

FRUTAS

As nêsperas estavam a 13$00 o quilo; as bananas a 11$70, as peras de 12$00 a 15$00, as laranjas de 7$80 a 10$10; os limões de 7$80 a 6$50; e a maçã reineta a 13$00.

PEIXE

Os preços das espécies são os seguintes: peixe-espada a 15$00; a pescadinha a 20$00; o goraz a 24$00; o sável a 20$00, a pescada branca a 26$00; a garoupa a 22$00, o linguado a 38$00; o berbigão a 5$00; o camarão a 28$00; as cadelinhas a 12$00; e a ameijoa a 20$00.

A abertura das nove propostas para a exploração das zonas de jogo da Póvoa de Varzim e de Espinho

No Ministério do Interior (Inspecção do Conselho de Jogos) procedeu-se á abertura das propostas para a exploração das zonas de jogo temporárias da Póvoa de Varzim e de Espinho, a que se apresentam, respectivamente três e seis concorrentes.

À zona da Póvoa de Varzim concorreram a Empresa de Turismo Praia-Póvoa de Varzim (anterior concessionária, de cujo conselho de administração é presidente o dr. Nuno Salvação Barreto), Sopete (Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos, S. A. R. L.) e Firma Gama e Gomes. À zona de Espinho concorreram Sociedade de Turismo de Espinho (anterior concessionária), Amadeu de Assunção Delgado, Industrial de Construções Cruz e Cruz, Lda., Empresa de Turismo Praia-Póvoa de Varzim, Humberto Madeira e Carlos Santos, Américo Ferreira de Amorim e Marcelino José Coelho.

Ao acto assistiram, além de concorrentes ou seus delegados, um numeroso grupo de algumas dezenas de poveiros, que em número se deslocaram para esse fim propositadamente á capital, como ontem noticiámos. Lembra-se que a Sopete é uma sociedade constituída por poveiros (320 accionistas actualmente, nenhum podendo ter mais de 100 contos de acções) para promover o desenvolvimento turístico e a propaganda da sua terra.

Da proposta da Sopete constam, além das outras exigências legais, a oferta de 4600 contos, nos termos da alínea b) do art.º 2.º do Decreto n.º 48 913 (o E. T. P. P. U. ofereceu três mil contos, e a Firma Gomes & Gomes 4100), um investimento da ordem dos dois mil contos em obras e equipamentos no Casino, a construção de um hotel no valor mínimo de 15 mil contos e de um grande imóvel comercial no valor mínimo de 20 mil contos (em pleno centro da zona balnear, onde agora existe um velho e inestético prédio), duas estalagens no valor global de cinco mil contos, etc.

Uma comissão dos poveiros que se deslocou á capital foi, depois, recebida pelo sr. Presidente da República.

A decisão das entidades competentes deve ser tomada dentro de alguns dias, sendo, depois, sujeita a ratificação do Conselho de Ministros, que atribuirá as concessões para as duas zonas de jogo temporárias.

Os premiados no concurso Philips

Apresentados à Imprensa os vencedores do I Concurso Nacional Philips

Durante um «cocktail», foram, ontem, apresentados aos orgãos de Informação os vencedores do I Concurso Nacional Philips para Jovens Cientistas e Inventores. Estiveram presentes o dr. Mário de Castro, secretário da administração da empresa: eng.º Meleiro de Sousa, director da F. A. P. A. E.; dr. Edmundo Santos Sousa, eng.º Ricardo Barahona e Joaquim Faísca, chefes de departamento da Philips; os membros do juri, prof. dr. Sebastião e Silva, dr. Carlos Cacho e eng.º Luís Vicente; dr. Mário da Cunha Mora, reitor do Liceu D. João de Castro, e três dos quatro premiados.

Na ausência do administrador-delegado da Philips, sr. J. J. Van de Panne, o dr. Mário de Castro falou da realização do concurso ter merecido o interesse do próprio ministro da Educação, agradecendo ainda a projecção dada ao mesmo pelos órgãos da Informação e a colaboração preciosa dos elementos do juri ali presentes e ainda do major Picolo. Disse, depois, que foram apresentados trinta e três trabalhos, o que, se não revela uma afluência muito grande, não é, no entanto, desanimador, dado a que a nossa juventude não tem ao seu alcance grandes meios para se dedicar á investigação científica.

Após ter referido que outros concursos se seguirão a este, o dr. Mário de Castro felicitou os premiados, salientando que, apesar da dura tarefa que os espera no Concurso Europeu Philips para Jovens Cientistas e Inventores, a realizar na Holanda, podem bem representar o nosso País e conseguir alcançar dois dos seis primeiros prémios que irão ser atribuídos, ou sejam, duas bolsas de estudo no valor de cerca de oitenta contos.

Os dois primeiros classificados nas respectivas categorias foram os estudantes José Augusto Legatheaux Martins (categoria dos 12 aos 17 anos), aluno do Liceu D. João de Castro, com o trabalho «Computador Digital Didáctico Centauro 6», e Luís Henriques Martins Borges de Almeida (categoria dos 18 aos 26 anos), aluno do Instituto Superior Técnico, com o trabalho «Computador para Valores Lógicos». Estes dois jovens devem seguir no dia 21 para a Holanda e têm direito, para já, a produtos Philips, á sua escolha, no valor de doze mil escudos cada um.

Em segundo lugar ficaram os estudantes António Vítor Adragão Anunciada, aluno do I. S. T., e Armando da Silva Teixeira, aluno do Instituto Industrial do Porto, que receberão produtos Philips, igualmente á sua escolha, no valor de oito mil escudos cada um.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art.º 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Monte de Caparica, concelho de Almada, de uma modificação sem alteração de comprimento da linha aérea dupla a 30 kV Laranjeiro-Lazarete, entre os apoios n.os 34 e 37, incluindo a substituição de 3 apoios por 2 de maior altura.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Abril de 1969.

PELO ENGENHEIRO-CHEFE

Joaquim Gonçalves dos Santos

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Manuela de Mira Godinho Gomes da Costa

No Hospital do Ultramar onde se achava internada ultimamente faleceu a sr.ª D. Manuela de Mira Godinho Gomes da Costa, filha do marechal Gomes da Costa. Tinha 79 anos.

A extinta era mãe dos srs. tenente-coronel João Herculano Rodrigues de Moura, actual governador do distrito do Bié; D. Maria do Rosário da Fátima Gomes da Costa de Mello e Moura, Manuel Gomes da Costa de Mello e Moura e Nuno António Gomes da Costa de Mello e Moura.

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da capela do Hospital do Ultramar para cemitério a determinar. Os serviços funebras foram confiados á Antiga Agência Lourenço, da Rua da Junqueira.

Gabriel Monteiro Pintelos

Faleceu o sr. Gabriel Monteiro Pintelos, de 76 anos, viuvo, comerciante, natural de Santa Curtina do Valejo, La Caniza, Pontevedra. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 16 horas, da igreja de Santa Isabel para o seu jazigo, no cemitério dos Prazeres.

António Eduardo Monteiro da Cunha e Costa (Picoas)

Faleceu esta manhã, na sua casa de Carcavelos, o sr. António Eduardo Monteiro da Cunha e Costa (Picoas), proprietário, casado com a sr.ª D. Olinda Faria da Conceição Cunha e Costa. O falecido, que contava 71 anos e era muito estimado pelas suas qualidades de carácter, era natural de Lombos.

O funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, da casa mortuária da igreja de S. João de Deus, onde o corpo se encontra em camara-ardente, para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

SUFRÁGIOS

Emídio Pina Godinho

Sua família manda celebrar amanhã, pelas 18 e 30, missa do 7.º dia do seu falecimento na igreja de S. José, ao Largo da Anunciada.

JOSÉ MENDES

(VIOLINISTA)

Sua família participa que amanhã, dia 23, ás 12.30, na Igreja dos Mártires se realiza missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que assistirem.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Que quer ouvir? 16 e 30: Programa da tarde; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 45: Quinze minutos com Beatriz de Sousa Santos; 18 e 05: Novos ritmos; 18 e 20: Tempo de Juventude, por Odette de Saint-Maurice; 18 e 50: Novos ritmos; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 40: Reportagem da chegada do Presidente do Conselho; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias do passado; 20 e 40: 3.º episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Vamos ouvir música de Cabo Verde, por Mário de Melo e Conjunto Típico; 22: A ciência ao serviço do homem, pelo dr. Artur Marques da Costa; 22 e 20: As nossas melodias; 22 e 50: Conjuntos ligeiros 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 15 e 30: Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão; 17 e 30: O compositor interpretando a sua obra; 18 e 20: Música de tecla; 18 e 40: Crítica literária, pelo padre João Maio; 18 e 50: Semanário musical; 19 e 40: Reportagem da chegada do Presidente do Conselho; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Aldo Ciccolini — interpreta obras de Debussy e Grieg; 20 e 30: Música vocal de Haendel; 21: Concerto pelo «Quarteto Elyséen»; 21 e 16: Seca, Cantata (Guarnieri) — solistas, Coro Feminino da Associação Sinfónica Brasileira; 21 e 30: Música sinfónica; 23: A voz do Ocidente; e 15: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 8: E o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa ó tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 07: Selecção; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Isto é Brasil; 21 e 03: Alegria no trabalho; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e Noticiário; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gá-Gá; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 08: Miscelânea; 19 e 17: ...Dirige o ritmo; 19 e 30: Vozes e orquestras; 19 e 45: Conjuntos; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto vocal; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: Mensagens bíblicas; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: O Caminho da vida; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Acordeões; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Melodias; 18 e 15: Noticiário regional e boletim de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 11 ás 17 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 11 e 19 e 30 ás 22 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e 22 ás 2.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ — **I Programe** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa — Educação Musical (adultos), por José Atayde, 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Nos bastidores da aventura; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: Nós, as Mulheres («A Mulher e o Livro»); 20 e 45: «A Fragata Magalhães Correia»; 21 e 10: Se bem me lembro, pelo prof. doutor Vitorino Nemésio; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Folhetim «Bela e Sebastião»; 22 e 23: Concerto pela Orquestra de Câmara da Sinfónica de Viena sob a direcção do maestro Eduard Von Remoortel. No programa: Serenata Nocturna K. 525. Realização de Luís Miranda; 22 e 55: Série Policial Telejornal e Fecho.

«NOITE DE TEATRO»

«FANTASIO»

EDUARDO JACQUES traduziu e adaptou para a TV o original «Fantasio», de Alfredo de Musset, que será representado em «Noite de Teatro», pelas 21 e 55.

A realização é de Félix Ferreira e a interpretação de Álvaro Benamor, Couto Viana, Juan Soutullo, Jorge Vale, Eduardo Jacques, Costa Vaz, António Anjos, João Perry, Rui Teixeira, Luís Cerqueira, Canto e Castro, Hortense Luz, Irene Cruz, Vítor de Sousa e João Manuel.

Alfredo de Musset, embora representante de uma época bem definida do teatro, terá sempre um público interessado pela qualidade da sua obra teatral. «Fantasio» é uma das peças bem representativas deste grande autor.

«AS AVENTURAS DE SEASPRAY»

CERCA das 19 e 50 será exibido um episódio da série juvenil «As Aventuras de Seaspray». Com Walter Brown, Walter Sullivan e Susanne Haworth nos principais papéis, além de Gary Gray.

2.º PROGRAMA SILVIE, TV CLUBE E «DANGER MAN»

DEPOIS da edição da noite do telejornal, o emissor U H F. transmitirá pelas 21 e 50, um episódio do folhetim «Silvie dos 3 Ulmeiros» com Evelyne Dandry na protagonista.

Às 22 e 15, com os cançonetistas Susy Paula, Dino Rodrigues e Toni de Almeida, será apresentado o «TV Clube», realizado por Vítor Manuel. Participam ainda a acordeonista Belinha Costa e o conjunto de Shegundo Galarza.

Completa a emissão, um episódio filmado da movimentada série de aventuras «Danger Man» com Patrick Mc Goohan, no principal desempenho.

Todos estes programas foram apresentados na rede Nacional.

canal da crítica

«BELA E SEBASTIÃO»: SUPOSITÓRIO INFANTIL... PARA OS ADULTOS

Alguns dos telespectadores devem lembrar-se ainda do folhetim para as crianças «Poly». Especialmente nos episódios da sua primeira fase, «Poly» era uma série cheia de interesse. O seu êxito junto dos pequeninos telespectadores fez que se mantivesse na televisão francesa cerca de seis anos.

A criadora de «Poly» chama-se Cécile Aubry, pseudónimo de Anne-José Bénard, e é igualmente a responsável de «Bela e Sebastião», série infantil na linha de «Poly».

Apresentada desde ontem na televisão portuguesa, «Bela e Sebastião» nasceu no ano de 1965. Não se pode dizer que andamos muito actualizados. Não importa, porém, sublinhar esse aspecto a traço vermelho, o que importa é que, ao contrário do que muita gente (boa gente, claro) afirma, existe mercado infantil a explorar intensamente, sem falarmos já do mercado nacional. Belíssimas coisas vamos oferecer aos nossos meninos quando nos lembrarmos de recorrer á produção italiana, checoslovaca, polaca, etc. E também americana, meus senhores! Texas não é só isto! Felizmente, a América não é só idiotice. Bem explorada ainda se encontram umas pepitas de ouro.

Bom. «Bela e Sebastião» adivinha-se desde o princípio como vai ser uma história cheia de humanidade de encanto, de poesia. Obra imprópria para os adultos? Nada disso. A poesia não tem idade. O adulto também precisa da sua dose de «menino da mata» e do seu «cão Piloto». De vez em quando, um banho no Jordão da infância pode tornar o homem mais adulto, quer dizer: mais humano.

Não se condene, pois, a inclusão de «Bela e Sebastião» na programação dedicada aos maiores de 12 anos. Lamente-se, apenas que os pequenos telespectadores portugueses não possam assistir a uma rubrica que para os mais novos nasceu. Talvez não tivesse sido impossível conciliar a necessidade das crianças e o prazer dos adultos. Com boa vontade talvez se encontrasse a hora justa.

Oxalá tudo possa, em breve encontrar o equilíbrio desejado. O público telespectador começa também, a ficar desorientado. O que não aproveita a ninguém.

PORTUGÁLIA EDITORA

Brevemente, na Colecção

OS ROMANCES UNIVERSAIS

a imortal obra-prima de

CHARLES DICKENS

DAVID COPPERFIELD

em versão integral

(volume de cerca de 700 págs.)

tradução de Cabral do Nascimento

PORTUGÁLIA EDITORA • Av. da Liberdade 19 3.º - LISBOA

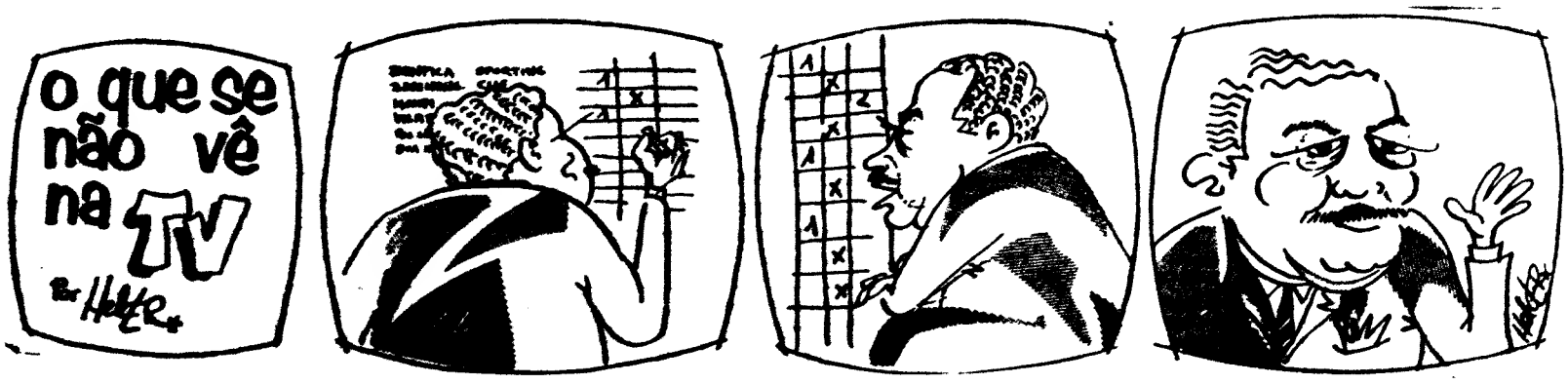
BIBLIOTECA À ITALIANA

...e no fim, mais um programa de variedades italiano, na já famosa colecção da «Biblioteca do Estúdio Um».

Tal como das outras vezes, tudo foi dito e cantado em italiano. De português, nicles. Minto! Agora, houve uma explicação pela voz de Maria Fernanda, no início do espectáculo, para salientar a riqueza do vestuário, da coreografia, do talento e da graça que caracterizam os italianos.

Seria cómico, se não fosse

(Continua na página seguinte)



— ...Ainda não acertei! Portanto... esta semana tenho fé... no seu palpite!

CAMINHOS DE FERRO

A C P acaba de editar um folheto descritivo com o plano das «EXCURSÕES» a realizar no corrente ano, que poderá ser solicitado nas Secções de Informações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

DE COIMBRA

Uma cidade nova diante de Coimbra em vasta zona de Santa Clara

Aspecto geral da Quinta da Várzea, que vai ser urbanizada

COIMBRA, 22 — Já há muito tempo que foi apresentado numa sessão da Câmara Municipal, um anteprojecto de urbanização particular da Quinta ou Insua da Várzea, na margem esquerda do Mondego, a montante da ponte de Santa Clara.

A Insua, que tem uma enorme área, é cortada pela variante da Estrada Nacional n.º 1, conhecida pela variante de Cernache, e pela antiga estrada das Lajes, em todo o seu comprimento paralelo ao rio, do lado da cidade.

Lembramo-nos muito bem de que na referida sessão camarária, na qual aquele anteprojecto foi apresentado, tanto o presidente da edilidade, então o sr. dr. Moura Relvas, como todos os vereadores, manifestaram o seu grande entusiasmo pelo empreendimento e chegaram, mesmo, a discutir quanto aos edifícios a construir e estilos a adoptar, para que a zona não ficasse com o aspecto de um bairro de renda económica. Depois, nunca mais se ouviu falar do anteprojecto, nem de qualquer diligência que nos desse a ideia de que tudo não passou de mais um projecto para se juntar á já grande colecção que existe na Câmara Municipal — se é que os não mutilizam.

● Aprovação camarária

Agora, numa das ultimas reuniões, voltou a ser presente um anteprojecto, não sabemos se aquele que já fora apresentado e ao que fazemos referência, se outro, modificado, e dizemos modificado, que os proprietários do terreno mandaram executar, pois, desde então, podiam ter mudado de ideias ou entendido introduzir-lhe modificações.

Ao apresentá-lo o presidente do Município, sr. eng.º Araujo Vieira esclareceu a Câmara de que o anteprojecto sofria, desde logo, alguns condicionamentos provocados pelo «Plano Regulador», a vigorar, e manifestou, ainda, o interesse pelo empreendimento, em face do que ele apresenta de valorização da zona onde todos esperam ver surgir uma nova Coimbra.

O anteprojecto foi apreciado pelos vereadores, e o sr. eng.º Azevedo Sobral, a quem está confiado o pelouro das Obras Urbanas, depois de o analisar convenientemente, emitidos o parecer de que concordava com o estudo feito para a encosta, mas não com o da Insua, por lhe parecer um tanto desligado do conjunto.

Este parecer provocou a intervenção do vereador sr. dr. Francisco Cortês, para declarar que aprovava o anteprojecto, especialmente pelo que representa para o progresso da cidade.

No final, a Câmara aprovou o referido anteprojecto, que já foi ou vai ser remetido à Direcção-Geral, afim de ser devidamente aprovado.

● Que se evitem erros cometidos

Não há duvida de que a iniciativa particular merece os maiores louvores, e há que ponderar na declaração do presidente, segundo a qual o anteprojecto estava condicionado pelo estabelecido no «Plano Regulador», e ainda na intervenção do sr. eng.º Azevedo Sobral, quanto á aprovação dos estudos feitos, pois ela não deve ser dada ao anteprojecto sem que tudo seja devidamente ponderado, no sentido de se criar uma zona nova na cidade que não fique defeituosa.

No local, devido á sua grande área e ao facto de ser terreno plano, pode nascer uma nova Coimbra, diferente da que já existe, com avenidas e ruas largas e direitas, o que não acontece no resto da cidade, dado o declive dos terrenos. E, assim, devem os responsáveis estudar com a maior atenção o anteprojecto, para que, no futuro não se verifiquem tantos males como os que a urbanização da cidade tem sofrido nos ultimos anos.

Pena foi que se tivesse «implantado» nos terrenos que se seguem a juzante da ponte e do Estádio Universitário, para que a nova cidade se estendesse com as mesmas características, pois só a partir da Azinhaga da Guarda Inglesa tal prolongamento se poderá fazer, tanto mais que todos esses terrenos são, quase na totalidade, já propriedade do Município.

Aguardamos que a Direcção-Geral dê a sua aprovação ao anteprojecto e que a entidade particular proceda á referida urbanização para que a nova Coimbra surja no mais breve espaço de tempo possível.

J. M. S.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	530$	528$	532$
Consolidado 5%	550$	549$	550$
Consolidado 4 1/2%	650$	650$	655$
Centenários 4%	1 518$	515$	520$
Obrigs Tesouro 5%	1 010$	1 009$	0' $
Externo 1.ª Série	—	600$	—
Externo Série C	830$	870$	870$
Externo 2.ª Série	—	780$	850$
Externo 3.ª Série C	910$	900$	970$
Cauções 1.ª Série	—	90$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	480$	495$
A. P. I 5% 56	970$	960$	970$
A. P. I 5% 58	—	—	970$
A. P. I 4 1/2 60	910$	905$	915$
E. P. 5 1/2% 67	—	1 009$	1 015$
E. U. P. 6%	—	1 000$	1 005$
E. U. P. 6% 68	1 015$	1 013$	1 015$
Gás Electr 4% 48	—	860$	—
Gás Electr 4 1/2 % 51	—	900$	—
Gás Electr 5% 52	—	900$	—
Gás Electr 5% 58	—	900$	940$
Gás Electr 5% 59	—	900$	940$
Gás Electr 5% 62	—	931$	—
Gás Electr 5% 63	—	925$	—
Gás Electr 5% 66	—	925$	—
Gás Electr 5% 67	—	1 015$	030$
H. E. A. Alentejo 5%	—	840$	860$
H. E. Cávado 5%	830$	—	855$
H. E. Cávado 6%	—	017$	—
H. E. Douro 5%	850$	84 $	850$
H. E. Douro 6%	1.003$	—	1 003$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	1 016$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	840$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	840$	—
Lianave 6%	—	1 016$	—
Metropolitano 4%	940$	940$	945$
Metropolitano 5 3/4%	1 010$	1 005$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac. Electr 5%	—	—	865$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimica 5%	—	900$	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	935$	—
Sacor 5% 60	—	—	935$
Siderurgia 5% 2.ª	—	832$	850$
Siderurgia 5% 3.ª	—	850$	860$
Siderurgia 5% 4.ª	—	826$	—
Sonafe 5%	—	830$	—
T. A. P. 4%	—	—	960$
Termoelect. Port. 5%	—	840$	860$
U. E. P. 5 3/4%	—	825$	—
U. E. P. 4%	84$	84$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	90$	—
U. E. P. 5%	84$5	84$	—
U. E. P. 5% 60	—	830$	—
U. E. P. 5% 63	—	860$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1 020$	1 020$	1 022$
Alentejo	788$	—	788$
Angola	2 300$	2 280$	2.350$
Burnay	—	—	—
Crédi Predial	—	2 100$	2.200$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S.	—	—	—
L. & Açores p.	4 020$	4 000$	4.020$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	5 400$	—
Portugal n.	—	2 400$	—
Portugal p.	2 900$	—	—
Totta Allança	5 450$	5 450$	5 500$
Ultramarino n.	1.900$	1 900$	1 920$
Ultramarino p.	2 230$	2 220$	2.240$
Seguros			
Alentejo	—	74$	75$
Douro	—	—	—
Mundial	460$	455$	465$
Seguros	—	1 400$	2.400$
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8 500$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	750$	745$	760$
Ag. Cassequel	645$	645$	650$
Ag. Incomati	—	1.600$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Principe	—	—	—
Boror	1.160$	1.160$	1.170$
Buzi	83$5	83$	84$
Cabinda	212$	212$	215$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	—	—	1 470$
H. & Revue	600$	—	605$
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	—	—	112$
Sonefe n.	—	375$	—
Sonefe p.	—	380$	385$
Zambésia	76$	7 $	76$
C.ª Diversos			
Cuf	—	1 700$	1 300$
Cim. Leiria	—	2 800$	2 900$
Cim. Tejo	—	4 600$	5 000$
Cel. Navegação	860$	860$	875$
C. U. F.	—	050$	—
Ind. Aliança	—	—	695$
Nac. Navegação	2 950$	2 900$	2 950$
Petroquimica	—	2 100$	2 200$
Port. e Colónias	1 400$	1 390$	1 420$
Port. Celulose	—	3 150$	3 200$
Port. Pesca	930$	910$	925$
Port. Tabacos	—	515$	520$
Sacor	—	—	4 850$
Siderurgia Nac.	1 370$	350$	1 400$
Sacor	—	2 700$	2 245$
Tabacos de Portugal	—	850$	—
Tabaqueira	—	11 600$	11 700$
U. E. Azote	—	740$	750$
Aguas Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Elect. Beiras	—	1 525$	540$
Gás Electr.	383$5	383$	386$
H. E. Alto Alentejo	155$5	155$	56$
H. E. Cávado	—	1 310$	325$
H. E. Douro	1 292$	1 290$	293$
H. E. Norte Portugal	—	305$	310$
H. E. S. Estrela	—	1 700$	—
H. E. Zêzere	1 285$	1 285$	290$
Nac. Electricidade	1 300$	1 300$	320$
Termoelectr. Port.	—	1 375$	—
U. E. P.	—	193$	20 $
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	161$4	66$2
F. I. D. E. S.	—	107$	110$2

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	14/4/69	18/4/69	21/4/69
GERAL	114,9	116,7	116,7
METROP.	112,0	114,0	113,7
ULTRAM.	136,0	136,7	135,9

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	$6$00	$8$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollars de 5 e 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$02	7$22
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$78	8$08
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53	$56
França — Franco	5$20	5$60
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 78 Papéis de crédito
Tel. 321273

Profissionais da indústria hoteleira

Foi marcada para o dia 26 do corrente, pelas 17 horas, a assembleia geral extraordinária do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares dos Distritos de Coimbra, Leiria, Guarda e Castelo Branco, para alteração do n.º 1 do art.º 9.º dos Estatutos.

Farmácias de serviço

Luciano & Matos (Tels 22147 e 22148).

Higiene — Rua Fernandes Tomás (Tel. 22631).

Machado — Rua Bernardo de Albuquerque (T. 23767)

M. Nazaré — Av. João das Regras (Tel. 23033).

Percurso alterado na linha n.º 11 de autocarros

A partir de ontem, foi alterado o percurso das carreiras de autocarros n.º 11 (com traço) dos Transportes Colectivos, entre os Bairros Brinca e Marechal Carmona, que no sentido Bairro Brinca-Marechal Carmona, e a partir da Solum, passa a circular em direcção á passagem de nível, Rua D. João III (a nascente do Estádio Municipal). Mantém-se os horários e os restantes percursos.

Centro de Estudos Teológicos

O padre Bernhard Haering, conhecido teólogo alemão, vem a esta cidade proferir duas conferências no Centro de Estudos Teológicos.

Assim, no próximo dia 25, ás 18 e ás 21.30, em local a anunciar oportunamente, falará sobre os temas «A contestação dos não violentos», «O cristão no mundo secularizado» e «A problemática da Humanae Vitae», que abordará também nas conferências que depois irá proferir no Porto, Lisboa e Braga.

Espectáculos Para hoje

CINEMAS

Gil Vicente — Às 21 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos).

Avenida — Às 21 e 30: «Um homem sem medo» (12 anos).

Tivoli — Às 21 e 30: «Argoman, superdiabólico» (12 anos).

Sousa Bastos — Às 21 e 30: «Dois contra o Texas» (12 anos).

CIRCO

New York Circus (ao Arnado) — Às 21 e 30: Atracções várias (12 anos).

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

inerível. Reparem: a R. T. P. chama a atenção para a «graça» que os telespectadores portugueses não podem entender! Isto não é graça: é desgraça. Com a apresentação desta série excepcional, a R. T. P. meteu-se num beco sem saída. A qualidade, responde com a indiferença. De modo que a «explicação» prévia tem qualquer coisa de gozo, de inconsciência, de brincadeira irresponsável que não pode senão provocar reacções desfavoráveis por parte do publico.

A crítica recusa-se a comentar um espectáculo que o publico não pode apreender na sua totalidade. Seria colaborar com um estado de coisas, com um processo que não pode tolerar-se. Dar-se a um publico que tem fome comida que ele não pode utilizar, é muita crueldade. A crítica mais não pode fazer do que chamar a atenção para as incongruências que, ao longo dos anos, se têm acumulado. Pois então, no que respeita a organização e a bom-senso, nunca mais é sábado?

M. C.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

NOVOS COMANDOS NO SPORT LISBOA E BENFICA

Tomou posse a direcção presidida por Borges Coutinho

Pronto. Está feita a rendição dos Corpos Sociais do Sport Lisboa e Benfica. A partir das 23 horas de ontem são outros os dirigentes do clube de Cosme Damião. Justino Pinheiro Machado, figura de singular relevo e prestígio no meio desportivo nacional é, a partir de agora, o mais alto expoente do clube de que Luís Gato é associado n.º 1. António José de Melo, desportista da mais elevada estirpe, foi «chamado» a ocupar o cargo de presidente do Conselho Fiscal. O dr. Borges Coutinho, benfiquista ilustre, vencedor incontestável de uma campanha «agitada» e efervescente, «foi posto» pelos benfiquistas (maioria esmagadora) no cargo até ontem ocupado pelo comendador Adolfo Vieira de Brito. Francisco Calado, antigo futebolista do clube, passou a «comandar» o pelouro do futebol.

Cerimónia grandiosa. Manifestação plena e insofismável de crença clubista. Mais de mil associados. Ilustres e humildes. Dirigentes antigos. Diversos elementos pertencentes ás «listas» vencidas no sufrágio eleitoral.

Presentes ainda a A. F. L. representada pelo dr. Garcia Branco (presidente), eng.º Alfredo Valverde (vice-presidente) e Silva Santos (secretário permanente).

As federações de ciclismo e atletismo estiveram igualmente representadas pelos seus presidentes, Idalino de Freitas e José Arrais.

Clubes adversários nas pugnas, quiseram demonstrar que a ética não é inimiga do desporto. Lá estiveram o F. C. do Porto — adversário de domingo — com toda a sua imensa massa associativa representada pelo dr. Ponciano Serrano (presidente da Assembleia Geral) e Afonso Pinto de Magalhães (presidente da Direcção); o C. F. «Os Belenenses» teve no seu presidente, dr. Gouveia da Veiga, o representante digno e Fernando Pedrosa não quis que o grande clube sadino ignorasse o momento alto vivido pela colectividade benfiquista.

Magnífica lição de salutar fraternidade desportiva. Outros clubes e entidades fizeram remeter telegramas de saudação. Barreirense, Oriental, Acácio Rosa, António Adão, drs. Mesquita e Carmo, Paulino Gomes Junior e Pereira da Silva (vice-presidente do Sporting), entre muitos outros. É assim — com franca amizade e amistosas relações — que o Desporto deverá ser interpretado. O contrário significa desunião que contraria os salutares princípios em que assente toda a estrutura desportiva.

Justino Pinheiro Machado rubrica o acto de posse

Calorosos aplausos para os que entram ... e os que partem

Depois do dr. José Maria Gaspar haver feito as considerações tradicionais do acto, procedeu-se á chamada dos trinta e três benfiquistas a quem foi confiado o mandato nos próximos dois anos. Todos responderam á chamada e a vincar a sua assinatura no livro de posse começou a árdua tarefa de dirigir e governar um dos maiores — quiça o maior — baluarte desportivo português. Todos certamente confiam nas suas possibilidades, na sua inteligência, no seu benfiquismo, na sua dedicação. Todos depositam fé e esperança numa colaboração exigível aos restantes associados. Todos quererão servir com aprumo, lealdade e zelo. São trinta e três... e não serão demais para prestigiar um clube de tantas e tão gloriosas tradições no desporto nacional.

Os aplausos que escutaram — uns e outros — os que

(Continua na página seguinte)

O dr. Borges Coutinho no uso da palavra

Na digressão aos Estad. Unidos PEDROTO JÁ DEVE DIRIGIR O VIT. SETÚBAL

Desde sábado á noite, que Pedroto e o Vitória de Setubal, chegaram a acordo: na próxima época o conceituado técnico nortenho será o responsável pela equipa setubalense.

Entretanto parece ser desejo dos dirigentes do Vitória que Pedroto dirija já a equipa na digressão que se projecta, no próximo mês, aos Estados Unidos, onde deve realizar encontros em Los Angeles e San Francisco.

PARA O JOGO DE S. JOÃO DA MADEIRA

CRUZ ESTÁ EM DÚVIDA

• NA SANJOANENSE SÓ NÃO JOGARÁ LOURO

O caso sucedeu em 29 de Setembro de 1968 quando, em São João da Madeira, Jaime Graça entrou em campo para substituir um companheiro sem ter pedido a necessária autorização. Resolvido o problema, o jogo continuou e o Benfica venceu por 2-0. Surgiu o protesto da Sanjoanense e, a seguir, toda uma complicada manobra e maquinaria de recursos, despachos, etc., etc.

Sete meses depois o jogo, finalmente, vai ser repetido. Precisamente, amanhã, ás 16 horas. Exactamente uma hora aguda e decisiva do Campeonato.

O que torna o jogo sensacional e fundamental. Agora, mais pelo resultado possível, que pelo clima que se gerou...

Porque agora são Benfica, F. C. do Porto e até V. de Guimarães que têm os olhos colocados naquilo que o marcador «contará» no final dos 90 minutos...

• Problemas nos campeões

Como se sabe o Benfica não poderá apresentar dois dos seus famosos dianteiros: Eusébio, que se encontrava castigado na altura do jogo anulado e Torres que está, no momento, a cumprir idêntica pena. No entanto, depois do jogo de domingo, surgiu outra preocupação aos responsáveis «encarnados»: Cruz magoou-se num joelho e é muito problemático que possa oferecer a sua colaboração á equipa. Só hoje o Departamento Médico poderá chegar a uma conclusão. Entretanto, está de prevenção, o reservista Fernandes.

Os jogadores benfiquistas estão em estágio desde ontem e seguirão hoje, de comboio, para Espinho. A comitiva ficará instalada na vila donde só partirá para São João da Madeira, já muito próximo da hora do jogo.

Segundo informação que colhemos junto dos técnicos do Benfica, os campeões nacionais devem alinhar com a seguinte constituição: José Henrique; Adolfo (Malta da Silva), Humberto, Zeca e Cruz (Adolfo); Jaime Graça e Toni; José Augusto, Praia, Abel (Águas) e Simões.

• Ambiente de calma

Entretanto, em São João da Madeira vivem-se, calma e serenamente, as horas que antecedem o encontro. Aliás até esta manhã tinha sido visivelmente diminuta a procura de bilhetes para o que deve ter influido o facto de ontem ter feito na localidade, um dia de verdadeiro Inverno.

É evidente que se espera melhoria e, consequentemente, venda rendosa...

Entretanto a equipa foi sujeita, ontem, de manhã, a uma sessão de banhos e massagens e, hoje, realizam uma sessão muito ligeira de preparação. Quanto a jogadores a Sanjoanense só não poderá utilizar o seu dianteiro Louro que não estava inscrito na data do encontro anulado.

Desta forma os nortenhos devem alinhar da seguinte maneira: Fidalgo; Faria, Caneira, Zequinha e Almeida; Moreira, Jambane e Orlando; Adé, Videira e Vítor Silva.

BASQUETEBOL

VASCO DA GAMA CAMPEÃO NACIONAL DE JUNIORES

Realizaram-se ontem á noite no pavilhão do Infante de Sagres, no Porto, os jogos da ultima jornada da fase final do campeonato nacional de juniores de basquetebol.

O Vasco da Gama foi o campeão e embora tenha conquistado o título não conseguiu a proeza de se conservar totalmente vitorioso na fase final. Os «vascaínos» deixaram que fosse o adversário (Vila Clotilde) a tomar a iniciativa do jogo.

No outro jogo, entre o Malhangalene e o Galitos, os moçambicanos venceram também por escassa diferença. Tal como o anterior, este encontro foi de excelente nível técnico.

Foram os seguintes os resultados da jornada de ontem:

VASCO DA GAMA, 63-VILA CLOTILDE, 67

Arbitros: José Cardoso e André Costa e Silva, de Lisboa.

VASCO DA GAMA — Aniceto, Arlindo, António, Gomes, Madureira e Lima.

VILA CLOTILDE — Roque, Andrade, Loureiro, Henrique, Alves, Vítor, Paiva e Armindo.

GALITOS, 64-MALHANGALENE, 67

Arbitros: Luís Pina e Adriano Morgado, de Moçambique.

GALITOS — Madureira, Farela, Engueirão, Neves, Nascimento, Alves e Jorge.

MALHANGALENE — Aveiro, José Manuel, Toni, Paiva, Leonel, J. Luís, Armindo e Pina.

NÃO VIU GANHAR O «SEU CLUBE» — MAS GANHOU ELE 1000 CONTOS NO TOTOBOLA

Vieram do Porto, numa excursão em autocarro. Vieram muitos. Para fazer «claque» pelo F. C. Porto, no jogo com o Benfica no Estádio da Luz. Entre os muitos e vibrantes adeptos portenses viajou até á capital o sr. Augusto Ribeiro, morador em Pedrouços — Maia — Porto. Trouxe a mulher, os filhos e bandeiras azuis-brancas. No sábado á noite, andava pelo Rossio e foi tentar — no Serviço de «Ultima Hora» — a sua sorte no Totobola. Seis apostas simples — nove escudos. Foi o suficiente. Não, o sr. Augusto Ribeiro não teria a satisfação de ver o Porto ganhar, mas ganhou ele: nada menos de 1021 contos no Totobola. Foi um dos três totalistas do concurso do passado domingo. O F. C. Porto não assegurou, como o sr. Ribeiro desejava, o título de campeão. Mas assegurou ele próprio um estupendo «título individual»: o de campeão do Totobola.

As fotos não elucidam totalmente. Mas, de qualquer modo depõem no julgamento de Manuel Fortunato, o árbitro da partida Benfica-Porto. Tão depressa estava por terra um futebolista portuense como tocava a vez de se assistir a um lesionado benfiquista. Em grande parte do primeiro período de jogo houve mais semelhanças com escaramuças pugilísticas do que com futebol. E, porquê? Porque um juiz totalmente inapto para a tarefa que «a priori» lhe era exigível foi o primeiro a dar o tom. A entender (no seu douto arbítrio que o futebol pode ser «catch-as-catch-can», uma espécie de «vale tudo» sem lei nem regra. Então assistiu-se a uma inacreditável parada de violências, qual delas mais digna de censura. Os dirigentes e os técnicos das a apostrofarem-se. Os jogadores a injuriarem-se, a agredirem-se. Os fiscais de linha impotentes para conseguirem alterar o «doloso farniente» de Fortunato. Enfim: um péssimo exemplo para milhares de assistentes. E uma única certeza: a de que Manuel Fortunato não reune os requisitos necessários para arbitrar jogos de nível médio. Daí o colocar-se a interrogação, que exige imediata resposta dos «responsáveis» pela vida da Comissão Central de Arbitros a confirmar-se a notícia da elevação do juiz oberense a árbitro internacional: quem se lembrou de Manuel Fortunato para os grandes cotejos á escala europeia?

Acontecimentos DE ONTEM

Andebol

Iniciou-se a segunda fase do Torneio de Encerramento de Lisboa, da variante de sete, tendo-se registado os seguintes resultados: Sporting-C. I. F., 31-19; Boa Hora-Santa Catarina, 29-17; e Faculdade de Ciências-Sporting da Penha, 24-20

Ténis de mesa

Na Associação de Lisboa procedeu-se ao sorteio da Taça de Portugal de senhoras e de juniores, que ficou assim ordenado:

SENHORAS — Benfica-Sporting, no Arroios; e Ateneu-Paço de Arcos, no Benfica. Ficou isento o Ferroviário. Os jogos realizam-se, na quinta-feira, ás 21 e 30.

JUNIORES — C. Católico-Ateneu, no Ateneu; Sporting-Lisgás, no Lisgás; e Benfica-Intendente, no Desportivo Operário, amanhã, ás 21 e 30. Ficou isento o Armadorense.

Futebol

Efectuou-se, no Estádio do Bonfim (Setubal) o ultimo treino do selecionado juvenil setubalense, que, na próxima quinta-feira, pelas 18 horas, actua perante os representantes de Lisboa. Os jogadores são os seguintes: João Manuel (V de Setubal) e Ramires (Moitense) — guarda-redes; Joaquim Henriques (Seixal), Rogério (Sarilhense), Quebrós (Almada), Vitor Pereira (C U F.) e Jacinto Ribeiro (Sesimbra) — defesas; Severo (Sarilhense), Tavares (Almada) e Simões (Sesimbra) — médios; Serranho, Garrudo e César, todos do V Setubal, Ruas (C. U F.), Manuel José Montijo) e Fernando Marques (Pinhalnovense) — avançados.

A concentração dos jogadores está marcada para as 10 horas do próprio dia do encontro, em Cacilhas

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE ONZE — Campeonato de Lisboa de Seniores: Cova da Piedade-Belenenses, ás 21 e 30, no campo Silva Marques, na Cova da Piedade.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal Masculina: Belenenses-C. U F., ás 21 e 30, no pavilhão da Ajuda.

Grande Prémio Feminino: Educação Física-C. D. U. L. (B), ás 22, no pavilhão do Estádio Universitário.

FUTEBOL — Taça Tejo, em reservas: Belenenses-Sporting, ás 21 e 45, no Restelo.

Sorteio do Torneio de Encerramento de Seniores, na Associação de Évora, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Aniversário da Juventude Salesiana: J. Salesiana C. Queluz (Juvenis); J. Salesiana-Cascais (honra); e Paço de Arcos (honra), a partir das 21, no pavilhão da J. Salesiana, no Estoril.

TÉNIS DE MESA — Taça de Portugal, em seniores: Benfica-Sporting na mesa do Armadorense (Rua do Cruzeiro, 236) ás 21 e 30.

Porto

VOLEIBOL — Campeonato Regional de Reservas: Milheirós-Ledxões, ás 21 horas, no campo do primeiro.

BILHAR — Torneio do F. C. Porto: Jogos no salão do Café Ceuta, a partir das 21 e 30 horas.

JUDO

COSTA MATOS

CAMPEÃO NACIONAL ABSOLUTO

O Campeonato Nacional Absoluto de Judo reuniu a inscrição de 36 judocas, que produziram um bom espectáculo perante numerosa assistência.

A classificação final ficou assim estabelecida: 1.º, Fernando Costa Matos, 3.º Dan, Judo Clube de Portugal; 2.º, Henrique Nunes, 2.º Dan, Associação Académica de Coimbra; 3.º, Francisco Aguiar, 2.º Dan, J. C. P. e Carlos Oliveira, 1.º Dan, do mesmo clube.

No final o dr. Wata representante do Japão entregou a Costa Matos a «Taça Embaixador do Japão» e ao campeão e aos restantes classificados as medalhas instituídas pela Federação Portuguesa de Judo.

POSSE NO BENFICA

(Continuação da pág. anterior)

participaram para lá do «muro das decisões» e os que lhes sucederam, são bem uma prova inequívoca de estímulo e confiança. O dr. Martins Canaverde, Romão Martins e o comandante Adolfo Vieira de Brito, escutaram, ao depor os seus cargos, o «obrigado» dos seus consócios. Testemunho de gratidão. Reconhecimento de trabalho útil e válido. O dr. Borges Coutinho, Geminiano Campos, Pinheiro Machado, Francisco Calado e todos os demais novos dirigentes, ouviram o eco estrondoso e vibrante da confiança com que foram investidos nos cargos que ora assumiram.

Os discursos

Findo o cerimonial da posse e depois de Justino Pinheiro Machado ter lido o teor de um telegrama endereçado ao sr. Presidente do Conselho de congratulação pelo êxito da sua visita ao Ultramar falou em primeiro lugar o dr. Borges Coutinho, Coutinho a iniciar a série. Sobre o acto eleitoral escutámos: *«a apresentação de três listas não só facultou aos sócios a possibilidade de uma opção real e efectiva, mas também que o Benfica possui um vasto escol de dirigentes e não corre o perigo de depender de personalidades isoladas ou grupos minoritários»*. Focou seguidamente o grau de civismo com que a campanha eleitoral decorreu salientando que *«as eleições não foram um factor de divisão, mas uma forma de fazer chegar junto dos sócios os problemas e anseios do clube»*, terminando com considerações sobre o trabalho desenvolvido pela direcção cessante e manifestando a certeza de que pode contar com a sua colaboração do mesmo modo que sabe que conta com o auxílio dos elementos que fizeram parte de outras listas no acto eleitoral.

O presidente da A. F. L. (dr. Garcia Branco) e José Arrais pela F. P. Atletismo, usaram da palavra para enaltecer o significado do acto e felicitar os empossados

Dr. Couveia da Veiga («Os Belenenses»): «Unidos seremos mais poderosos»

Entusiásticamente saudado, o dr. Luiz Gouveia da Veiga, foi o orador seguinte. Disse a dado momento: «é tradição deste clube a chamada de homens de rara capacidade e incontestáveis méritos, e tanto assim é que o novo presidente da assembleia geral não pertence em exclusividade a este clube porque também é, e de mérito, do clube que aqui me apraz representar. Homem bom, digno e justo ao qual «os belenenses» testemunham o seu apreço. Quando uma colectividade tem á frente dos seus destinos um homem desta categoria moral quedamo-nos todos perante uma certeza — a do respeito e consideração de todos os outros clubes». *E seguidamente adiantou:* «Unidos seremos cada vez mais poderosos, pois se ambos somos «pares» nos mesmos princípios e objectivos, isolados tropeçaremos nas nossas próprias ambições e passaremos de condutores a conduzidos». *E terminou, assim:* «A massa associativa do Benfica aqui deixo o nosso mais ardente voto para que sempre, e em glória possa bradar bem alto pelo seu Benfica». As suas últimas palavras foram arrebatadas com calorosos aplausos e ecoou na sala um estridente grito de «viva o Belenenses».

Coube ao dr. *Ponciano Serrano,* presidente da assembleia geral do F. C Porto, de transmitir a mensagem do grande clube nortenho, tendo nós registado as seguintes palavras:

«O F. C. do Porto, o maior clube do Norte, não poderia deixar de estar presente e trazer o testemunho da sua admiração pelo maior clube de Portugal». Estas palavras tocaram na sensibilidade do vasto auditório e foram agradecidas com justificados aplausos. Prosseguindo na sua brilhante dissertação, o dr. Ponciano Serrano agradeceu as atenções sempre dispensadas pelos *responsáveis* benfiquistas e dirigindo-se a Pinheiro Machado afirmou: «V. Ex.ª, figura veneranda deste glorioso clube, saltou a esfera clubista sendo um dirigente nacional, mais, é um dirigente de projecção internacional». *E a terminar:* «para a gloriosa família benfiquista deixo as saudações da massa associativa do F. C. Porto e estou certo de que estes dirigentes vão fazer deste Benfica um Benfica ainda maior».

Fernando Pedrosa, presidente do Vitória de Setubal, proferiu palavras de cativante simpatia e focou o prestígio desfrutado pelo Benfica.

Justino Pinheiro Machado: «O futebol português não está a caminhar bem»

E a Pinheiro Machado coube o discurso de encerramento. Falou de improviso. Saudou a massa associativa.

Não esqueceu a Imprensa, que considerou «o alicerce firme do desporto». Sobre o dr José Maria Gaspar, louvou a «árdua missão que sempre soube desempenhar, pois a ele se fica a dever a unificação dos benfiquistas». E com o calor próprio da exaltação clubista e da sua dedicação pelo futebol, reconheceu que «o futebol português não está a caminhar bem: Todos temos que fazer alguma coisa por forma a fazer reviver a gloriosa campanha do último mundial».

Ao terminar, apelou para a união e firmeza de todos em defesa dos interesses do clube.

...E muitos benfiquistas ficaram abraçados no Pavilhão da Luz. Era quase meia noite.

NATAÇÃO

Queda de «records» em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 22 — (A. N. I.) — Foram estabelecidos novos «records» nacionais e regionais absolutos durante o torneio de encerramento de natação, em Lourenço Marques.

Nos cem metros-mariposa, Susana Abreu, do Desportivo, fez um minuto e 12,8 segundos. Carlos Oliveira, também do Desportivo, fez um minuto e 19 segundos nos cem metros bruços e Dulce Gouveia, do mesmo clube, fez dois minutos e 54,7 segundos nos duzentos metros mariposa, estabelecendo também absolutos regionais e regional seniores.

VOLEIBOL

Técnico — campeão invicto no Regional de Lisboa

Concluiu-se ontem o campeonato regional de voleibol (qualificação do 1.º ao 4.º lugar)

O Técnico, que renovou o título contando por vitórias os encontros efectuados, venceu o L. Ginásio por 3-0 (15/9; 15/7; 15/11).

Sob a direcção de Fernando Rodolfo e Oliveira Dias, as equipas formaram:

TÉCNICO — André Mendes, Ernesto Esteves, Costa Reis, Carlos Canas, Raul Carregoso, Luís Briz, António Correia e Cunha Pereira.

L. GINÁSIO — Cazal-Ribeiro, Armando Jerónimo, Rodrigo Carvalho, Fernando Simões, Marques Pereira, António Ribeiro, Joaquim Azevedo e Fernando Cavaco.

Vitória justa dos campeões de Lisboa após um encontro que pouco interesse oferecia para a classificação e que serviu, apenas, para cumprimento do calendário. Registe-se, no entanto, a excelente exibição de Jerónimo na equipa do L. Ginásio.

No ginásio do I. S. Técnico decidiu-se o 2.º lugar da competição, tendo o Benfica vencido o Nacional.

Este encontro, que teve um desfecho sensacional e imprevisto, foi dirigido por Oliveira e Silva e Reinaldo Rodrigues, tendo as equipas alinhado:

BENFICA — José Magalhães, Artur Monteiro, Vítor Carvalho, João Nogueira, Carlos Figueiredo, João Arouca, Orlando Casanova, João Carlos e António Ricardo.

NACIONAL — Vilar Moreira, José Pimpão, José Custódio, António Resende, Manuel Andrade, João Silveira e Manuel Pires.

O encontro, até determinada altura estava a ser equilibrado e disputado com muita emoção.

Quando o resultado se encontrava em 2-2 (10/15; 15/11; 15/10; 12/15) e favorável ao Benfica no último «set» por 14/9, os jogadores do Nacional, que já vinham a discordar de algumas decisões da equipa de arbitragem, resolveram abandonar o recinto quando foi atribuído ao Benfica o 14.º ponto.

Esta atitude acarreta por certo, uma falta de comparência à equipa da Costa do Sol.

Vejamos se não haverá mais consequências...

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 535743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Edward G. Robinson e Janet Leigh na empolgante história de um roubo audacioso
O ÚLTIMO TRUNFO
Cinemascope — Technicolor
Um filme que é um êxito!
Metro: Estação Picoas

IMPERIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
A maior produção cinematográfica do mundo!
5.ª e última semana
AUSTERLITZ
1.º episódio de
«GUERRA E PAZ»
70 mm — Moscolor
Realiz. de Sergei Bondarchuk segundo a obra de Leo Tolstoy
Horário das sessões:

Sessão	Filme
15.00	15,13
21.30	21.43

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 68560
Às 15.30 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Technicolor — Tehniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
DANY CARREL em
A PEQUENA VIRTUDE
com Jaques Perrin — Robert Rossein — Pierre Brasseur
(EASTMANCOLOR)

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326385
HOJE: Às 15.15 e 18.15 (p. r.)
UM FILME EMOCIONANTE
com MARTIN MILNER
UM IMPÉRIO NA SELVA

HOJE, às 21.45 (M. 17 anos)
ESPECTÁCULO DE TEATRO

ODEON
Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDIOSO ÊXITO
Uma comédia em alto estilo de fascinação espectacular
AMOR ANDALUZ
com Carmen Sevilla Francisco Rabal e Arturo Fernandez
LINDAS CANÇÕES
Eastmancolor

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2. SEMANA
O maior filme policial dos últimos vinte anos
SETEVE MCQUEEN é
BULLITT
TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
O maior filme policial dos últimos vinte anos
SETEVE MCQUEEN é
BULLITT
Você jamais o esquecerá

EDEN
(Adultos) Telef. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Dean Martin a braços com quatro aventuras...
São elas... Elke Sommer, Sharon, Tate Tina Louise e Nancy Kwan
UM PERIGO EM CADA «CURVA»

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
A completa dissecação do homem pelos processos mais femininos!
FALEMOS DE HOMENS
c/ Nino Manfredi e Margaret Lee — Luciana Paluzzi

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
O MARIDO É MEU... MATO-O QUANDO ME APETECER!
O DUELO NA ILHA

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21 e 30
Acção! Suspense! Um filme que prende e emociona
CHAMPANHE ESCANDALOSO
com Anthony Perkins e Yvone Furneaux

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45033
Às 21 horas
A VIÚVA SOLTEIRA
O GRITO DE GUERRA DOS COMANCHES

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
AS 21 H
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
SERVIDÃO HUMANA

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50696
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
1.ª SEMANA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma verdadeira pandega cinematográfica
A FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
O amor transformou-se em violência, a amizade em ódio, a confiança em traição...
HISTÓRIA DE UM ASSALTO
Eastmancolor — Deltascope
c/ Tomas Millian e Anita Ekberg

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15 e 21.15 (Adultos)
1.ª SEMANA
70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.30 e 21.30
Um «Western» dos autênticos, pleno de acção!
c/ Lee Van Cleef, Tomas Millian e Walter Barnes em
O GRANDE PISTOLEIRO

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
com Jean Marais e Danielle Evenon

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610275
Às 21.30
24 HORAS NA VIDA DE UMA MULHER
com Danielle Darrieux e Robert Hoffmann

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 558131
Às 15 e 21.30
5.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

QUINZENA
O AMOR NO CINEMA
Amanhã — 18.30 h. — Adultos
ESPLENDOR NA RELVA
de Elia Kazan, com Nathalie Wood, Warren Beatty, Pat Hingle, etc.
Dia 25: «A Flor à Beira do Pântano» (Adultos)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e às 23: «Mãos à obra» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Golpe de mestre à napolitana» (12 anos)
PARIS — Às 21: «O bom o mau e o vilão» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Ballada no gelo» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Anastasia» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Diabolik» (17 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Kiowa» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE—Às 21: «Blue» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A noiva estava de luto» (17 anos).
CINE-ORIENTE—Às 21: «Django» (17 anos).
A VOZ DO OPERARIO — Às 21: «Cinco anos depois» (17 anos).

● **Linha de Cascais**

ESTORIL — CASINO — Às 7 e 21 e 30: «O cinto da Castidade» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A minha senhora» (17 anos).

● **Linha de Sintra**

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «No calor da noite» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Os voluntários» e «O crítico da família» (12 anos).

● **Outra Banda**

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Adeus amigos» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «As férias grandes» (17 anos).

PRÉMIO ROMA

Sob o patrocinio do ministro do Turismo e dos Espectáculos, do município e da Delegação Provincial de Turismo de Roma e com a colaboração da Alitalia, foi ontem inaugurado, por ocasião do 2722.º aniversário da cidade, o Prémio Roma dos Espectáculos. Trata-se de um festival do teatro mundial, que, no período de 35 dias (de 21 de Abril a 25 de Maio) apresentará 21 representações diferentes, provenientes de onze paises.

A característica principal do «Prémio Roma» é, sem dúvida, a sua internacionalidade. Por isso se intitula Revista Internacional das Artes do Espectáculo e nele participarão países de idioma, tradições e situação geográfica totalmente diferentes: da Itália ao Canadá, da França ao México, da Espanha aos Estados Unidos, Inglaterra, União Soviética e Checoslováquia.

Outra característica fundamental do festival é a sua variedade. Cada país apresentará as formas mais interessantes do seu teatro, incluindo não sòmente as expressões clássicas do teatro de prosa, tragédia e drama, mas também as expressões mais modernas, tais como o «teatro documento» e o «happening».

Simultâneamente, a dança clássica tradicional alternará com o «ballet» moderno, o canto lírico repartirá o palco com o cantar popular e com a pantomima, ao «music-hall» seguir-se-á o recital e o «ballet» folclórico.

No acto do encerramento será entregue a cada grupo e a cada companhia uma «máscara» em tudo igual àquelas que adornam o teatro romano da Ostia antiga.

VINICIUS DE MORAES (com Chico Buarque e Nara Leão) de novo no Villaret

A partir de sexta-feira, às 21 e 45, mas sòmente durante cinco dias, o público de Lisboa voltará a aplaudir o poeta Vinicius, que tanto e justificado êxito alcançou quando do seu espectáculo de há meses no Teatro Villaret.

Vinicius vai voltar e desta vez com dois nomes famosos da actual música brasileira São eles Chico Buarque e Nara Leão, artistas que dispensam apresentação

Os bilhetes para esta curta série de espectáculos intitulados «A Pobre Menina Rica» encontram-se já à venda nas bilheteiras do Teatro Villaret.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno H**

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 17 (633288) ● Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (7 2070) ● Gasparinha, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) ● Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ● Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Agua (71013'))
ALCANTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 ' '2) ● São José, R. dos Anjos, 4 (50730)
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842 52)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-E (72494) ● Onilde, Av. João XXI, 3-A (726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 2'5 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (40592) ● Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (472'3) ● Cordeiro, Av. Duque de Avila, 32-C (43495)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B, à Rua Marquês de Olhão, 7 (383800)
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 88 (321211) ● Unita, R. da Vitória, 21 (323793)
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (6'0256)
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica 678-E (720532) ● Sousa, Est. Benfica 429-43 (780027)
CAMPO GRANDE — Nesterápia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPO DE OURIQUE — Porfirio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) ● Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (6803)4)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa 33-35, (780'8')
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. de Redondo, 9-A (44'58)
ESTRELA e LAPA — Paivas & Parente R. de St. António à Estrela 96 98 (665196) ● S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (66'0'0)
GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940)
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 20-B (790942) ● S. Tomé Est. do Desvio, lote 2-C (790704)
MARVILA — Tavares, R. Direita de Marvila, 25 (381612).
MOURARIA — Tavares, R. do Palma 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4 Lote 43 zona poente ● São Paulo — Rua 2 Lote 823 (à Estrada de Moscavide) (Tel. 310711)
PENHA DE FRANÇA — Zienal, R. Morais Soares, 56-C (847708)
PICHELEIRA — Marius, Calç. do Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — Tenera — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo—próximo dos Moinhos) Telefone: 61 814
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc. Politécnica, 82-A (660280) ● São Bento, R. dos Poiais de S. Bento 3 (679673)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ● Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (25'8520).

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (21208')
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2432034)
OEIRAS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
PAREDE — Alzir, Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (2472948)
ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 3 (260'91)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis 24-C (2802'4)

● **Linha de Sintra**

AMADORA — Cevaca, R. Elias Garcia, 209 (9300 9) — Flama, R. Elias Garcia, 78-'3 Tel. 932485 — Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (938 49)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel. 97 10 23).
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 5 (950045) — Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (95'84)
CACÉM — Central R. Elias Garcia, 55 (940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins 185, (29'00'2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim. (980456
SINTRA — Misericórdia, Largo dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 98039
COLARES — Colares, Abrolo, (Tel. 299088)

● **Outra Banda**

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa 0 (Tel. 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 14 (224302)
BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (22732 4)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues P. 5 de Outubro 62 (270'21)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (239029)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis 42 (230032).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (2290 8)
SETUBAL — Normal do Sul — P. do Bocage (Tel. 222'6)
SEIXAL — Godinho L. da Igreja, 5 (22 8580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 561353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla dom. e feriados 552069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43735 ● Hospital de Santa Maria 775171 ● Hospital de S. José 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 - 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém) 638531

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz
CHAO CHAO

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-59
(Alberto 408 A, 2 M)
Telefones: 55 07 59

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM
AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Setúbal
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ E JANTAR

MONTE ALTO
Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 790211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

COMEÇARAM HOJE AS SESSÕES DO COLÓQUIO «AO SERVIÇO DA EXPORTAÇÃO»

Como era de prever, foi num clima de grande interesse, autenticidade e vivacidade invulgares, que esta manhã se iniciaram, na Feira Internacional de Lisboa, as sessões de trabalho do Colóquio «Ao Serviço da Exportação». A iniciativa, da maior oportunidade, deve-se ao Fundo de Fomento de Exportação.

Presidiu o sr. dr. Fernando Alves Machado, presidente da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa. Presentes, além de representantes de departamentos oficiais ligados ao sector da Economia e, particularmente, á exportação, viam-se economistas e numerosos representantes da industria privada.

Na sessão da manhã foram apresentadas as seguintes teses: «Tendências e perspectivas da exportação portuguesa», pelo dr. Silva Lopes; «Efeitos directos e indirectos das exportações», pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial; e «O problema do espaço económico português», pela Comissão de Coordenação Económica.

Á tarde, o eng.° Carlos Lourenço apresentou uma tese da Comissão Técnica de Cooperação Económica Externa, sobre «Cooperação e integração económicas — aspectos relativos a Portugal»; o dr. Repolho Correia referiu-se á exportação portuguesa e aos movimentos de integração e de desarmamento aduaneiro; a Associação Comercial de Lisboa apresentou uma tese sobre «Alguns aspectos das exportações metropolitanas»; e a Direcção-Geral de Economia do Ministério do Ultramar apresentou um trabalho sobre «Exportação do Ultramar Português para os paises da CEE e EFTA no periodo de 1961-67».

Intervenções livres

Cada tese era posta á discussão, sendo a palavra dada a quantos a solicitavam. Livre discussão numa assembleia verdadeiramente interessada.

A tese do dr. Silva Lopes, por exemplo, provocou uma meia duzia de intervenções de interesse. Algumas perguntas e objecções. Um dos intervenientes, a certa altura, disse que o orgulho de se não querer considerar país subdesenvolvido prejudicava económicamente Portugal. «Entretanto, disse, a Espanha, Israel, a India e o Brasil não tinham vergonha de serem considerados paises subdesenvolvidos. E disso tiravam vantagem».

Em resposta, o dr. Silva Lopes deu explicações e informações de interesse. A certa altura, a propósito do nosso subdesenvolvimento, afirmou que estamos mais desenvolvidos que o Paquistão. Levamos um avanço e, por isso, podemos pagar salários mais altos que o Paquistão. Temos que caminhar mais rápidamente que o Paquistão. Quanto a isenções de impostos sobre a importação de bens de equipamento não produzidos em Portugal — assunto de uma intervenção — concordou que isso era desagradável e, até, indispensável. Mas acentuou que não era de estranhar que um pais subdesenvolvido fosse subadministrado (risos).

Manteve a sua tese de que podiamos e deviamos exportar, quer para paises desenvolvidos, quer para paises subdesenvolvidos. Para os primeiros, tinhamos a vantagem dos baixos salários, e para os segundos a vantagem de uma melhor técnica. E defendeu a ideia de que era ao Estado que competia correr os riscos da montagem de industrias novas e os riscos comerciais das exportações para os paises subdesenvolvidos, que geralmente compram a crédito.

Da tese da Associação Comercial de Lisboa, apresentada de tarde, respigamos a seguinte afirmação:

«Quanto á participação do Ultramar português no comércio da exportação da Metrópole, a sua evolução futura muito depende do ritmo de desenvolvimento económico das provincias e da definitiva solução dos problemas de pagamento interterritoriais que têm obstado ao desenvolvimento normal das relações económicas no espaço português.»

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE —Máximo: Fonte Boa, 18°,5; mínimo: Penhas da Saude, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 15°,3; na água do mar, 14°,6

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, periodos de chuva ou chuvisco em especial nas regiões a norte do rio Tejo. Vento moderado dos quadrantes de Oeste.

Amanhã
Nascer às 6 e 50
Ocaso ás 20 e 21

Dia 24 Dia 2 Dia 8 Dia 16

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 22 — 7 e 38 (3,2 m); 19 e 55 (3,4 m) Dia 23 — 8 e 28 (3,0 m); 20 e 52 (3,2 m). Dia 24 — 9 e 35 (2,9 m), 22 e 01 (3,1 m) BAIXA-MAR: Dia 22 — 0 e 56 (1,5 m); 13 e 07 (1,6 m). Dia 23 — 1 e 42 (1,7 m); 13 e 50 (1,8 m). Dia 24 — 2 e 40 (1,8 m); 14 e 57 (2,0 m).

VAMOS ELEGER A «PRINCESA DAS TEEN-AGERS»

O «Diário de Lisboa» volta a organizar o certame para eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas», concurso que, no ano passado, proporcionou o triunfo de Rita Matos Chaves e, como prémio maior, uma maravilhosa viagem aos Estados Unidos da América do Norte.

A nova edição do concurso podem habilitar-se todas as raparigas portuguesas, solteiras, nascidas entre 15 de Junho de 1950 e 15 de Maio de 1955, bastando para o efeito recortar e preencher um boletim que amanhã começa a ser publicado nas nossas colunas e remetê-lo á secretaria do «Diaário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) juntamente com duas fotos: uma de corpo inteiro e outra de busto.

Os cupões de inscrição recebem-se até ao próximo dia 5 de Maio, prevendo-se que a cerimónia de eleição se processe três dias mais tarde, a tempo de a eleita preparar a sua bagagem paraa viagem-passeio a Chicago num avião da TAP (Transportes Aéreos Portugueses).

Em Chicago, nos primeiros dias de Junho, a representante de Portugal vai desfilar na eleição da «International Teen Princess», habilitando-se (portanto) a prémios sensacionais.

A partir de amanhã aguardamos as candidaturas das jovens de Portugal. Beleza, fotogenia e grociosidade — eis os requisitos essenciais que podem proporcionar um passeio inolvidável.

Construção nos Açores de um Laboratório de Acústica Submarina com a participação da N. A. T. O.

VILA DO PORTO (Ilha de Santa Maria), 22. — (A. N. I.) — É amanhã lançada a primeira pedra da construção do Laboratório de Acustica Submarina, para fins de investigação oceanográfica, com a participação de paises da N. A. T. O.

Preside á cerimónia o ministro da Defesa Nacional, general Sá Viana Rebelo, que chegará amanhã a Santa Maria.

Na quinta-feira, o ministro visita a ilha de São Miguel, regressando a Santa Maria no mesmo dia, onde o Municipio de Vila do Porto oferece um jantar em sua homenagem, no hotel «Terra Nostra». No dia seguinte o general Sá Viana Rebelo deve seguir para a ilha da Madeira.

Temperatura média próxima do normal da época (até ao dia 5)

Segundo o boletim para a agricultura editado pelo Serviço Meteorológico Nacional, o estado do tempo em Portugal continental, até 5 de Maio, deverá, na generalidade, ser influenciado por massas de ar transportadas na circulação do anticiclone dos Açores, que por vezes se estenderá até á Península Ibérica.

A antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até 5 de Maio é a seguinte: até 24 — céu muito nublado passando gradualmente a pouco nublado. Vento fraco. Periodos de chuvisco ou chuva fraca passando a regime de aguaceiros que irão diminuindo de frequência; de 25 a 30 de Abril: céu pouco nublado, com excepção das regiões de noroeste e eventualmente das regiões litorais do centro onde poderá haver periodos de céu muito nublado e aguaceiros fracos. Vento fraco, por vezes moderado do quadrante sudoeste nas regiões litorais do Norte; de 1 a 5 de Maio: céu pouco nublado, por vezes muito nublado. Vento fraco, possibilidade de aguaceiros e trovoadas dispersas nalguns locais, sobretudo nas regiões montanhosas da Beira; em todo o periodo: temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.

CURIA
PALACE HOTEL
Aberto até 31 de Outubro

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

MORREU ATAULFO ALVES

RIO DE JANEIRO, 22 — (F. P.) — O compositor brasileiro Ataulfo Alves faleceu nesta cidade, com 59 anos, vitimado por uma afecção pancreática. Foi autor de numerosas canções populares, entre as quais «Amélia», «Caminhando» e «Atire a primeira pedra».

Ataulfo Alves tinha nascido no Estado de Minas Gerais em 2 de Maio de 1909.

■

Em Portugal era muito conhecido, especialmente após ter actuado no Casino Estoril, com o seu «show» intitulado «Ataulfo Alves e as cabrochas do samba».

ALTERAÇÃO NA ROTA DOS CACILHEIROS

Em consequência de trabalhos a efectuar junto do Cais de Alfandega, foram hoje desviadas as carreiras dos cacilheiros para a estação fluvial do Terreiro do Paço.

A alteração manter-se-á por seis dias.

Os cacilheiros, durante esse periodo, atracarão no cais que se situa logo para além da estação Sul-Sueste.

As obras aludidas dizem respeito á pintura e ajustamento dos pontões de embarque.

PARA BEM EXPORTAR — Nunca servir mercadoria inferior à amostra enviada

EXPORTAÇÃO EM DEBATE

Na sessão inaugural do Colóquio «Ao Serviço da Exportação», o secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado, afirmou:

«Nos ultimos anos novas industrias surgiram para a exportação ou adquiriram estatura. Foram a pasta de papel, o concentrado de tomate, as confecções, a electrónica, para não falar em outras de menor representatividade ou de expansão menos espectacular como as máquinas e aparelhos eléctricos, os medicamentos, o cordame de sisal e o ferro e aço em obra. E, todavia, na nossa exportação continua a manter peso muito elevado meia duzia de produtos tradicionais com um reduzido conteudo tecnológico. Assistimos, sem duvida, a um progresso, mas não ao progresso que desejaríamos, e se torna necessário que realizemos: a transformação da estrutura da exportação que nos coloque ao abrigo da concorrência dos países de mão-de-obra barata, produtores de mercadorias de manufactura simples, em cuja gama de produtos se inclui ainda parte muito importante das nossas exportações.»

Disse ainda o secretário de Estado do Comércio:

«Há que definir critérios de prioridade em matéria de política de fomento industrial com vista á exportação, em que a participação do valor acrescentado em território nacional, o nível tecnológico da industria, a proporção da respectiva produção que se orienta para os mercados externos e a contribuição por ela fornecida para o desenvolvimento de outras industrias constituam factores de ponderação muito elevada a considerar na concessão dos benefícios.» *E a concluir:* «Venham as sugestões, precisas, positivas, orientadas por uma preocupação de eficácia. Escutaremos, estaremos atentos a tudo quanto constitua autêntico interesse nacional.»

Por sua vez, o minisro das Finanças e da Economia, dr. João Dias Rosas, acentuou:

«Estamos a abrir um novo Colóquio sobre a exportação nacional. E os meus votos são no sentido de que daqui saia a exacta consciência de que a exportação ao serviço da economia e do progresso da Nação terá de ser o produto de uma política global do Governo e da actividade da sua Administração; mas terá de ser, do mesmo modo, também, o fruto do esforço diligente e competente dos empresários confiantes e receptivos áquela política, que eles próprios terão de ajudar a formular, com a informação que tragam, com as observações que suscitem, e, muito particularmente, com a colaboração que dêem á sua execução. Estão em causa aspectos fundamentais da nossa expansão económica. Teremos de tudo fazer, com dedicação e com eficiência, para, ao serviço da exportação, levar por diante e a bom ritmo essa expansão.»

DESLUSTRAGEM A SECO
Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 135, s/l. (unico no género).

Diário de Lisboa
Juvenil
N.º 619
DOS JOVENS PARA TODOS

ERVILHAS COM OVOS FAZ FAVOR

por Maria José Branquinho

Olhei o quadro que indicava os pratos diários. Os meus olhos deslizaram por todas aquelas palavras. Pensei o que gostaria de comer naquela altura. Não sabia, ou melhor nada em especial que me fizesse sair do supermercado habitual para qualquer restaurante vizinho. Não me apetecia engolir nada do que significavam aquelas letras brancas, mas também não havia outra coisa que desejasse. No entanto, teria que comer e lá estava o empregado olhando-me com um ar inquiridor, talvez pensando: «Estas meninas, julgam que nós estamos aqui sujeitos ás suas meditações sobre aquilo que devem almoçar. Escolher uma «ervilhas com ovos» ou «frango de caril» não é bem a mesma coisa que hesitar entre duas amostras de seda natural.» Teria que decidir precisamente naquele momento. Frente ao olhar deste estava uma senhora idosa, que aguardava lugar, esperando que eu fizesse a minha refeição. E assim, entre o olhar revelador daquele homem e os gestos de impaciência da senhora de cabeça branca, eu disse, quase explosivamente: «Ervilhas com ovos, faz favor!»

O empregado levou os olhos ao da minha vizinha e, por pouco, como resultado daquela comunhão de pensamentos, patente nas suas expressões, não saiu da sua boca: «Enfim, resolveu-se». Essa, já não tinha a cabeça levantada, os seus ouvidos já não estavam atentos, os ombros tinham voltado ao seu lugar. Por uns segundos podia descansar, quem agora tomava o tempo era o seu aliado (que me estava a servir), cuja idade estava-se aproximando da sua. Talvez por isso os seus pensamentos chegassem a ser paralelos em determinados momentos. Ou não, as circunstâncias decerto eram o motivo: a senhora queria comer, o empregado queria servir. Eu era o objecto. Tudo aquilo rodava á minha volta.

Diante de mim, sobre o guardanapo branco de papel, no prato, o verde das ervilhas reluzia, a gema cozida do ovo parecia querer saltar, como se estivesse comprimida no lugar que a natureza lhe concedeu. Até eles pareciam querer ordenar: «Comemos, estamos aqui para isso!» Sim, eles tinham tomado o partido daquele que dava agora uma volta á manivela da caixa registadora e da, talvez, sr.ª D Berta, ou Sofia e, quem sabe, mesmo Angélica: teria que comer e o mais ràpidamente possível. Apercebi-me disso e tive uma enorme vontade de os contrariar, a todos. Olhei-os: atrás do balcão, o homem, com um ar bonacheirão, segurando um «ticket», parecia estar alheio á minha presença e daí, talvez já nem se recordasse do tempo que «aquela menina» tinha demorado a pedir um prato do dia. A sr.ª D.... mirava-se no pequeno espelho da sua caixa de pó-de-arroz, dourada, com umas pedras brilhantes (tinha que ter umas pedras brilhantes, ela era mesmo assim), a sua atenção parecia estar atraída pelas rugas, já tão vincadas, do seu rosto ainda com traços de uma beleza já longínqua. Não, era impossível que se apercebesse de que quem estava na sua frente era eu. Por fim, e observando o último vértice do triângulo, mas... as ervilhas já não eram tão verdes, a gema parecia menos inchada, o seu conjunto tinha um aspecto vencido. Engoli tudo, num ápice. Estava saborosíssimo!

Paguei, o senhor empregado deixou que eu visse os seus dentes pouco brancos, num sorriso demasiado aberto, pouco estético (como decerto diria a senhora que aguardava ao meu lugar), na expectativa da respectiva gratificação. Peguei na mala, dei quarto de volta para ficar na direcção do corredor que teria de andar até á porta de saída e, eis que encontro os olhos daquela que já há algum tempo esperava aquele momento: eram expressivos, quase radiantes, de tal modo que lhe sorri, sorriso que percorreu comigo o caminho até á porta de saída, mas que, subitamente, foi derrotado por duas leves rugas oblíquas ao nariz do meu rosto: Chovia torrencialmente.

PARA O INVERNO

por Mário Gabriel Bonito

I

As noites que duram mais que um sono.

O frio que não é ausência de outro corpo.

A chuva que não são lágrimas de desespero.

Isso é o Inverno. Quando há sempre o momento seguinte. E a falta de horizonte porque o mau tempo nos arqueia.

E o dever. Faça-se o que não se quer, só assim se triunfará (também naquilo que não se quer).

Mudar de sítio é como descruzar as pernas (sentado) para voltar a cruzá-las inversamente. A razão é a mesma: não adormecer os pés (com o formigueiro), nem a cabeça (com a dor de).

Olhar por cima do ombro, julgando que se conhece o sorriso dirigido, mas não corresponder, pelo receio de um compromisso.

Ouvir a melodia que se identifica mas esquecê-la para muito mais tarde recordar.

Gastar o tempo com as pequenas coisas quotidianas, tornando-as as mais verdadeiras.

Sintetizar antes de adormecer, ou nem isso, pelo cansaço.

Afastar o desconforto, mesmo que não definitivamente.

Uma alegria profunda na plenitude de um momento. O pressuposto da comparticipação: alguém.

Donde se concluiria: morrer numa altura sublime para não assistir ao esboroar do conseguido.

Como hipótese do momento citado: ter uma parede de espelho. Propor-lhe uma imagem diferente de nós e não a continuação do quarto e dos objectos, demasiado conhecidos.

Nesse prolongamento está a criação. Possuir a necessária arte. A queda natural, como lhe chamam, ou o trabalho estudado.

Inventar os enquadramentos, distribuir as personagens. A escolha.

A movimentação. A velocidade de andamento. A eventual colisão. O regresso. O retomar, noutra perspectiva na consecução de outra ideia. Ou da mesma, com outras características. A definição. Se possível, a definição. Mas ela é quase sempre irrealizável.

Seja uma tentativa. Fundamentalmente colher a experiência. A concretização.

Porque as palavras são abstractizadas pela tinta, desaparece com elas o sentimento. A necessidade do interlocutor.

Afinal o espelho somos nós próprios. Com a agravante de não mostrar o relevo, de emancipar a perspectiva.

O que interessa é preencher o ambiente. Numa continuidade temporal.

Aí a mais inquietante criação.

Chamar as pessoas pelos nomes e gritar-lhes que venham. Para fundir o dia com a noite, sem que nenhum sentisse a falta do descanso.

II

A noite é importante. Com ela desaparece o mundo. E enquanto se olha o tecto existe a medida necessária de pensar nos outros. Também naquilo que somos ou representamos.

Não sei porque se minimiza tal ócio, se ele pode evocar os mais diversos frutos. Assim deixará de o ser, só interiormente. Objectivamente regressamos á palavra, tal como se nada tivesse acontecido. A palavra encerra a ideia que todos os outros fazem porque não estão dentro de nós.

É por isso que muitos aproveitam a opção do monólogo e quase se realizam.

Cai-se imediatamente no universo teórico, tal ave na armadilha. Então, estamos negando os outros e nós próprios. Verdadeiramente um ócio.

As pétalas que não são folhas de um livro aberto. Alguém que nos quis falar com tinta, o que imediatamente nos segurou, sem necessidade de cláusura.

Porque ler um livro não é uma obrigação, embora um dever de solidariedade. Sobretudo quando ele entra pela porta e se torna capaz de representar uma companhia subviva,

As vezes gostamos que alguém nos leia, ou de ler a alguém. Porque agarramos uma participação. Quando acontece, haverá sempre um abraço de despedida, um agradecimento quando se sai a porta, carregando as páginas, porque as pessoas não podem viver todas no mesmo quarto.

Lá fora está a chuva miudinha que já é suor de um exercício humano. E o vento que são vozes a conhecer.

Lá fora está o caminho que traçamos, a rua que é homem feito realidade, o asfalto que é negro de dia e branco á noite, donde a simbiose das cores, todo um espaço que se percorre sem olhar para os ponteiros.

«LUZ FORTE» PEDRO RIBEIRO SIMÕES

A VIAGEM

por António Barbedo de Oliveira

lentamente nos iniciávamos nos segredos do corpo
liberto das raízes efémero rio crescendo onde
o rosto submerso trazia ainda o sabor dos frutos em outubro
em íntima concha recolhíamos a luz de metal
e o rito do ouro principiava dentro da noite
os esqueletos tocavam-se em silêncio no tempo em que despedir-se
não era morrer apenas o gesto de lançar uma ponte
depois tudo confundíamos aves ventos nuvens barcos e
no corpo o sangue rebentava em feridas de pus e carne podre
já poucas palavras nos bastavam e se lutávamos era pelo
pão e vinho ou pelos frutos que persistiam no inverno
abandonávamos os abrigos e a neve curava as feridas
as palavras recuperavam quase o vigor antigo e a cada gesto
uma árvore ou um pássaro irrompia da terra
caminhávamos pelas margens do largo rio
e as mãos apertavam-se com o rio e novamente o silêncio
doía no peito ou no obstinado canto atravessado na garganta
então caminhávamos entre dedos de água nos lábios feridos da terra
e a voz do húmus e das sementes com as raízes envolvia o corpo
e do nosso ventre nasciam árvores mais fortes
entretanto esquecia-me no tempo regressava ao tempo
às margens onde acendia fogueiras e gravava nomes nas pedras
e no esqueleto dos pássaros mortos no último incêndio
junto ao rio deixava apenas a voz e os sinais que
guiassem os homens que chegassem depois de mim

LOUCO E CRIMINOSO, EU

por José Manuel Leão

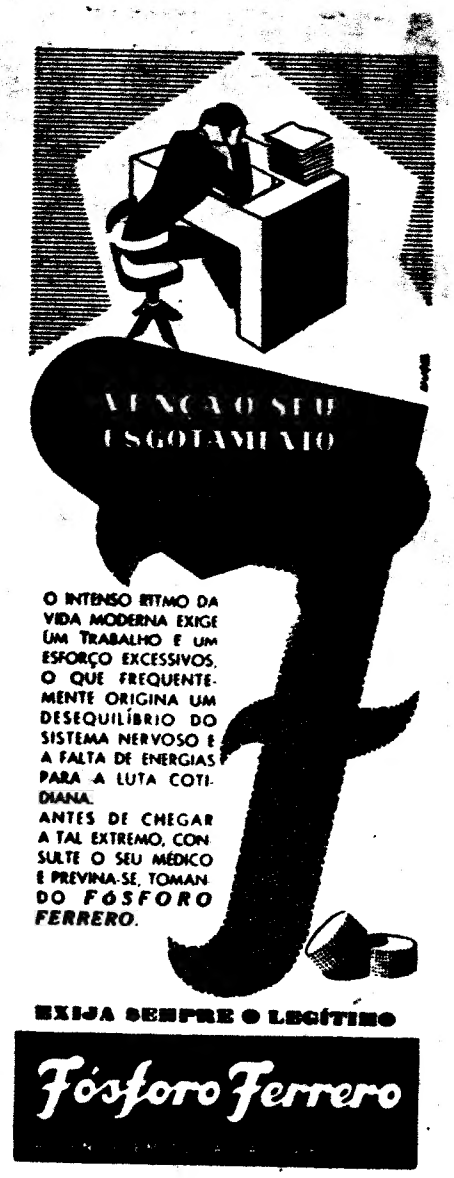
Está um calor danado. Há mais ou menos um mês que entrei para aqui e já estou farto disto. A Dora vem visitar-me muitas vezes e hoje trouxe-me cigarros. Falámos durante meia hora e tive impressão que também ela julga que estou doido. Todos pensam o mesmo excepto os meus colegas, os doidos. Ontem um deles no meio duma gargalhada perguntou-me o nome. Disse-lho, ele achou que o nome tinha piada e soltou outra gargalhada ao mesmo tempo que me deu duas pancadinhas nas costas e afirmou que haviamos de ser bons amigos. Também o desejei e ele afastou-se.

O dia de hoje acordou sem sol. Foi também numa manhã destas que dois polícias me bateram à porta e me disseram que eu estava preso. Fiquei estarrecido mas julguei que não tinha percebido bem. Pedi-lhes que esperassem um pouco e fui lavar os dentes. Depois perguntei-lhes se era preciso levar algumas roupas mas eles disseram que isso tinha tempo. Achei que tinham uma cara exageradamente dura e tive vontade de lhes dizer isto mesmo. Contudo calei-me. Levaram-me então para a esquadra e disseram-me já que tinham todas as provas. Não percebi. Esclareceram-me depois que eu tinha morto um homem e que não me armasse em não-sei-quê. Precisavam só que eu confessasse o crime. Tive vontade de rir e comecei a ver que o caso era mais sério do que eu pensava. Afirmei então que não tinha morto homem nenhum. Olhei-os sem perceber nada e repeti que não tinha morto ninguém. Mas a seguir disse que se eles achavam que era importante eu dizer que tinha morto um homem eu não me importava nada e diria isso mesmo. Olharam uns para os outros e eu olhei-os também. Depois foi tudo muito rápido. Nos três dias que se seguiram um médico observou-me fez-me perguntas e disse-me que eu não tinha cara de assassino. Uma tarde pegaram-me num braço meteram-me num carro e trouxeram-me para aqui. Só dois dias depois soube que isto era uma casa de doidos ou, como eles lhe chamavam, hospital de deficientes qualquer coisa. Sempre era um nome mais pomposo, mas nunca me dei ao trabalho de o fixar por completo.

Durante os três primeiros dias da minha estadia aqui os doidos olhavam-me com curiosidade e diziam em voz alta: «Olha mais um colega». Foi num dia desses que um doido me puxou para um canto e me disse: «Queres fugir daqui?» Disse-lhe que tanto se me dava fugir ou não. Afirmou-me, então, que eu tinha cara de esperto e que se eu quisesse podíamos disfarçar-nos de elefantes. Disse-lhe que estava bem, achara a ideia genial e que quando arranjasse as máscaras viesse falar comigo.

O sol já se pôs e está a nascer mais uma noite. Daqui a pouco levanto-me desta horrível cama e vou sentar-me em frente das grades da janela. As noites são sempre os melhores momentos da minha permanência aqui. Quando as olho revivo sempre os meus encontros com o João à mesa do café, na esplanada. Deixávamos que a brisa entrasse pelas nossas camisas desabotoadas enquanto discutíamos Berkeley ou William James. Era bom deixar que o fresco da noite pingasse sobre as nossas cabeças levando o calor todo dum dia escaldante. Revivo também os meus passeios com a Dora, pela praia, deixando marcas exageradas na areia, enquanto as luzes brancas da cidade nos batiam nos rostos.

A Dora visitou-me hoje de novo. Trouxe-me tabaco e chocolate. Disse-me que eu sairia qualquer dia daqui, mas disse também que na cidade as pessoas afirmavam que eu era um criminoso. Tive pena dela. Quis afirmar-lhe que não matara ninguém e tão-pouco estava doido. Contudo não disse nada. Olhei-a e não soube o que fazer, se fumar um cigarro se lhe dar um bocado de chocolate. Eu próprio não tinha já a certeza de nada. Via-me entre homens que me pareciam disparatados. Via-me num quarto de dois metros quadrados que tresandava a bafio, deitado todo o dia ou olhando o céu todas as noites. Que espécie de homem era eu que não conseguia gritar que estava inocente e provar que não era doido? Apeteceu esmurrar-me a mim mesmo e foi então que pensei que talvez fosse doido.



A NOSSA CONVERSA COM JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

por Gilberto Sancho

Os jovens escrevem. Publicam-se aqueles trabalhos que apresentam certa qualidade literária. Mas quem são esses jovens? Que pensam? Que coisas têm para dizer?

Raras são as oportunidades que se oferecem para que eles falem. E sem falar ninguém se entende. Ninguém se entende, também, quando a liberdade de expressão é privilégio de alguns.

Como a liberdade é de todos e para todos, vamos tentar dialogar. Esse diálogo que se apregoa em nossos dias por todo o lado, a cada instante. Nem sempre é fácil o diálogo, disso temos bastantes exemplos. Exemplos caseiros, nesses distúrbios polemizantes que sempre azedam os apetitosos «diálogos» entre a «nossa família», cá em «casa». À juventude não convém facilitar a «necessidade adulta» de dialogar, pois aos chefes compete a responsabilidade. E nós, como jovens, vamos tentar desobedecer à regra e estabelecer diálogo para experimentarmos as consequências (tão habituados que estamos às sequências).

Vamos conversar com José Agostinho Baptista, um jovem que se vem assinalando em nossa literatura juvenil.

Têm sido publicados vários textos seus neste JUVENIL; já se polemizou sobre a muita ou pouca qualidade artística desses trabalhos, e, apesar de tudo isso, continuam a ser publicados mais trabalhos seus, o que se torna significativo e exemplificativo para certa gente (referimo-nos aos ainda cépticos). A nossa conversa com J. A. B. consideramo-la útil em muitos aspectos, utilidade essa que ao leitor compete negar ou confirmar.

P. — Qual a tua opinião sobre a juventude portuguesa?

J. A. B. — Apesar dos atavismos aos quais a maior parte da juventude portuguesa se subordina, nota-se uma procura consciente de actualidade e informação, de cultura e enriquecimento espiritual.

P. — Consideras que as publicações juvenis em nosso País promovem uma educação cultural da nossa juventude?

J. A. B. — Penso que não. E não, na medida em que as criações juvenis resultam, antes do mais, da exteriorização de um estado de espírito naturalmente subjectivo e individualista. Isso verifica-se fàcilmente pela ausência (relativa) de artigos, ensaios, estudos, reportagens, etc., e pela percentagem de textos ficcionistas — sejam em poema, sejam em prosa — que é significativamente elevada.

P. — Que medidas propões para que sejam atendidas as lacunas existentes em nossa literatura juvenil, nomeadamente para a criação de maior número de publicações?

J. A. B. — Como premissa primordial coloco a necessidade de uma crítica suficiente e eficaz. A elaboração de concursos e atractivos semelhantes, também se me afigura útil. Outra medida que considero importante é a criação de mais páginas juvenis, ou, até, indo mais longe, a criação de revistas juvenis, onde os jovens colaborassem inteiramente.

P. — O conto e a poesia funcionam, quase exclusivamente, como base de nossas publicações juvenis. Em tua opinião, será correcta esta orientação?

J. A. B. — A essa pergunta aplica-se a resposta referente à segunda pergunta.

P. — Qual a tua opinião sobre o JUVENIL do «Diário de Lisboa»? Costuma-se dizer que a crítica é a base do progresso. Neste âmbito, que pensas sobre a secção «Crítica aos trabalhos recebidos», do mesmo JUVENIL?

J. A. B. — O JUVENIL do «Diário de Lisboa», apesar de uma ou de outra deficiência natural, é uma obra notável por aquilo que representa: a oportunidade quase única que se concede aos jovens com inclinações literário-artísticas.

A «Crítica aos trabalhos recebidos» de crítica tem muito pouco, por razões de espaço, aposto eu. E, acima de tudo, «Recepção» acusada e pouco mais.

P. — Dos autores portugueses que conheces, qual o que te impressionou mais? Que motivos te levaram a conceder-lhe importância?

J. A. B. — Vergílio Ferreira. Motivos? Uma observação profunda dos seres, das coisas e das situações que as envolvem. Uma análise psicológica plena de conhecimento e atenção. Um estilo que me agrada pela sua força narrativa e estética.

P. — Para ti, receber influências, adquire papel formativo no sector artístico?

J. A. B. — Apenas se, das influências recebidas, se souber tirar partido legítimo, isto é, manter uma personalidade própria e distinta, que, apesar de influenciada, não degenera. Pelo contrário, pretender imitar alguém, é, para mim, algo de vil e desonesto.

P. — O teu estilo lembra-nos, por vezes, Almeida Faria. Tratar-se-á de influência ou de simples preferência estilística?

J. A. B. — Tratar-se-á, antes, de uma tendência pessoal, de uma influência remota e primitiva, e de uma preferência estilística. Um pouco de tudo isso e talvez mais...

P. — Ao adoptares tal estilo, representas um tipo de linguagem onde se torna difícil distinguir entre poesia e prosa. Sob o ponto de vista literário, consideras válido tal tipo de linguagem?

J. A. B. — Absolutamente. Conseguir uma linguagem mista — prosaica e poética — revela-se-me de todo o interesse e validade. Isso permite-me dizer coisas que apenas em poema não poderia dizer, e dizer outras que apenas em prosa não conseguiriam o sentido, que, acima de tudo, procuro imprimir àquilo que escrevo — o SENTIDO ESTÉTICO.

P. — Em muitos dos teus trabalhos a fuga ao quotidiano é quase permanente, enquanto que o «primitivo» como base do verdadeiro viver humano adquire especial importância. Que razões te levam a adoptares tal orientação criativa?

J. A. B. — Para quem vive numa sociedade como aquela em que eu vivo, a fuga deverá ser um desejo premente, agudo, constante. A fuga ao quotidiano, pois o quotidiano é feito de convencionalismos, preconceitos, interesses mesquinhos, falsos valores. Além disso, eu procuro descobrir e revelar, um mundo que considero rico de sugestões e coisas boas. Não será um mundo «primitivo» na sua cronologia, porque esse mundo ainda hoje é impossível. Basta que todos procuremos à simplicidade de sermos verdadeiros e justos. E esse mundo aí estará, natural e incorrupto, com liberdade., fraternidade e amor. O que tento fazer é uma crítica construtiva ao quotidiano, ao mostrar por contraste um mundo melhor. Considero isto mais útil, do que revelar apenas a face suja de todos os dias, sem criar e apontar uma face limpa que possibilite uma mudança e uma opção.

P. — Quando te propões escrever um conto, pensas antecipadamente naquilo que vais fazer, ou segues apenas uma situação psicológica do momento?

J. A. B. — Os meus textos surgem a partir de uma situação psicológica do momento, mas que, depois de certa altura, começa a ganhar um significado racional, que conduz a um contexto lógico, resultante de uma situação que permanecia em mim em estado latente.

P. — Ao escreveres, preocupas-te com aqueles para quem escreves?

J. A. B. — Pois sim. De contrário, tudo aquilo que criasse seria ùnicamente para consumo próprio. E isso não me interessa.

P. — Como encaras as críticas que fazem aos teus trabalhos?

J. A. B. — Aceito-as, se possuidoras do necessário fundamento. Caso contrário, repudio-as.

APONTAMENTO

por Ana

Como ao passar numa livraria. entrar, olhar à volta e seguir a seta que indica Literatura Infantil ou Livros Estrangeiros.

Como comprar um livro de histórias (ou outro) numa língua desconhecida ou mal conhecida—sueco, holandês, árabe ou grego — para que durante meses, seja um livro indesvendável; colocá-lo em lugar bem visível. Folhear de vez em quando, 'tentar 'adivinhar de que se trata (pelos desenhos). Ler em voz alta (com erros, claro) umas linhas e pensar: pode ser isto, mas talvez não.

Como ao aprender grego ou russo ou hebráico ou, árabe, perdendo minutos incansáveis lendo correctamente palavras cheias de possíveis significados («Sinto dentro de mim reservas de palavras que amadurecem»). Uma certa embriaguez de som. E ao mesmo tempo que correctamente se lêem em voz alta linhas e linhas da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, poder pensar. As pessoas que falam essa língua e para quem cada palavra tem um sentido gasto ou novo. Cada palavra é ponderada

Como noutro país comprar um disco cantado na língua indecifrável e pela música adivinhar ou não. Uma vez, um disco que nem é cantado —poesia na língua estranha, ou uma peça de teatro— se for uma peça clássica (a língua que ali já foi falada), mesmo que conheçamos um pouco a língua, ser-nos-á difícil de entender palavras que as anónimas vozes entre si lançam.

Como guardar para os momentos casuais um antigo mapa de legendas árabes e pensar: aqui (um ponto negro) fica uma cidade (tantos mil habitantes), ali um lago (água salgada), ali uma montanha (neve perpétua). Cada um de tantos mil habitantes tem uma história, amigos e família (talvez), mas seguramente uma história. Uma história em árabe ou outra qualquer língua desconhecida e são tantos mil (na cidade) que falam a mesma língua. Entre eles, algum irá seguramente guardando para os seus casuais momentos um l i v r o, um disco, um mapa legendado numa sua-indecifrável-língua.

PARA OS MEUS AMIGOS DE MÃOS DADAS

por Vítor Oliveira Jorge

escrevendo um poema percebi que era
para denis cintra amigo. e foi como encontrá-lo numa manhã de lisboa
inesperadamente. e inesperadamente encontrar-me a boiar
com ele numa bica redonda. então eu disse a única maneira
de ser amigo de alguém é matá-lo. disse ainda a única maneira de fazer
um poema é não querer dizer nada: deixa-me pois dizer
amigo, convidá-los a beber connosco, se tanto lhes
merecermos. o que importa é que entrem, que o mesmo calor
nos envolva. é de então a espantoa ressurreição: vem o zé com
bach, o velho castanheira que escreve sempre contos novos junto
com a lívida estação de caminhos-de-ferro, o luís funcional, o silencioso
tito: peronagens da fábula célebre que se esboça, e é impressionante
como não temos uma foto junto. um de nós fala sempre
de uma foto solene e convencional como o que ainda falta fazer. mas
a foto cresce, apesar da solidão incontestável: é já o denis, é o
miguel, é o luís manuel e entretanto
todos bebemos e qualquer de nós pode falar com alguma grandeza, pelo
menos com alguma
tranquilidade.

REGULAMENTO DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

1. — FÓSFORO FERRERO organiza, com o patrocínio do «Diário de Lisboa-Juvenil», um concurso denominado «Concurso de Letras e Artes» a iniciar em 13 de Maio e com encerramento a 1 de Julho do corrente ano.

2. — O concurso fica aberto a todos os jovens de ambos os sexos até ao limite de vinte e um anos de idade que não tenham qualquer livro publicado.

3. — São abrangidas as seguintes modalidades:

Reportagem ou ensaio.
Conto.
Poesia.
Fotografia.
Desenho, Pintura ou Escultura.

4. — As reportagens poderão fazer-se acompanhar de fotografias, o que constituirá elemento valorativo.

5. — Os originais deverão ser inéditos, numca publicados antes, total ou parcialmente.

6. — Não se impõem normas relativas à extensão dos originais, sendo certo, porém, que mais nos interessa a qualidade que a quantidade O sentido das realidades dos nossos concorrentes lhes aconselhará os limites a que devem atender tomando em linha de conta as possibilidades da página do nosso «Juvenil».

Apenas para a Reportagem ou Ensaio será permitida a continuação num «Juvenil» seguinte.

7. — As fotografias devem ser em papel brilhante, sem margens, formato 18×24.

8. — Os originais destinados ao concurso devem estar em nosso poder até sábado de cada semana.

9. — Não haverá devoluções.

10. — Os originais podem ser dactilografados. Considerando, porém, a dificuldade que a cópia à máquina suscita, aceitam-se os originais manuscritos.

Neste caso, só duas normas há a considerar:

1. — A letra deve ser bem legível;
2. — Os autores devem ficar com uma cópia em seu poder.

11. — A cada original premiado será atribuída a importância de quinhentos escudos. Isto significa que, durante as oito semanas do concurso, FÓSFORO FERRERO entregará em prémios a importância de vinte mil escudos.

12. — Os originais podem ser assinados com o nome do concorrente ou, se assim o preferirem, com um pseudónimo. Mas ainda neste caso a identificação é obrigatória.

13. — Da identificação consta:

a) Nome completo.
b) Idade.
c) Profissão.
d) Morada.
e) Número de telefone. se o tiver.
f) Retrato tipo passe ou qualquer outro, para efeito de publicação, em caso de prémio.

14. — Os originais recebidos e que não tenham sido premiados ficarão em poder do «Juvenil», que poderá distingui-los com a publicação.

15. — Todos os originais deverão ser enviados a partir de hoje com o seguinte endereço:

«CONCURSO FÓSFORO FERRERO» — «Diário de Lisboa-Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa-2.

16. — Os casos omissos serão resolvidos pelo redactor-orientador do «Juvenil» tendo em atenção a valorização do concurso, o interesse do Suplemento e a justiça devida aos concorrentes.

Cada concorrente pode enviar um número ilimitado de produções, numa ou várias modalidades. Mas cada qual em seu sobrescrito.

Os concorrentes só poderão ser premiados uma vez em cada modalidade.

Basta enviar uma vez os elementos de identificação. Os retratos devem trazer no verso o nome do concorrente para evitar extravio ou confusão.

«PREGÃO»

PEDRO RIBEIRO SIMÕES

OS «HABITUÉS» ESSES DESCONHECIDOS

por Maria Armanda

Tenho sempre frio quando deslizo alameda abaixo, às oito horas, ao encontro do autocarro. A paragem é desabrigada, ventosa, monótona com a sua regular fila humana.

Existem «habitués» de estreias cinematográficas e teatrais, «habitués» de determinados restaurantes e «boîtes» e o lote especial dos «habitués» das paragens: o senhor do fato acentuadamente coçado; o senhor do fato ostensivamente exíguo, o senhor da lancheira (geralmente castanha), o senhor muito engomado e lustroso, mas que só traz trocos num porta-moedas meio-esburacado, e o senhor tímido e cabisbaixo, que desce em frente de qualquer repartição com um «dossier» de folhas amarrotadas debaixo do braço. No correspondente feminino temos a senhora anafada e tagarela das compras na praça, a senhora de grande cesta numa mão e filhos na outra, carregando um casaco pingão, a senhora de meia-idade, indicando uma bonança perdida, e a senhora-menina — eu, por exemplo — delineada segundo os moldes de uma qualquer sr.ª D. Celeste. A sr.ª D. Celeste é a gerente da «boutique» onde trabalho, e logo no primeiro dia me chamou e acentuou: que a empregada é o primeiro espelho da casa, e sendo aquela uma das escolhidas pela alta sociedade — na sua voz havia um imenso orgulho e distância desde o momento em que entreabria os lábios para pronunciar até ao ponto em que os arredondava no — de — eu me devia mostrar «à altura». Cara sempre cuidada, unhas sempre impecáveis, sobretudo sem peles — e revirava os olhos cheios de «rimmel» e tinta.

Eu dizia que sim, havia de fazer tudo, visto aquele emprego ser-me precioso para continuar a estudar. Estuda? — e o meu coração galopou de alegria por ter despertado o interesse da s.ª D. Celeste. A minha resposta já se preparava para brotar, triunfante e feliz, quando a sr.ª D. Celeste a cortou aos pedacinhos num desinteressado — não importa!

E os metros de tecido começaram a rolar, a rolar no balcão liso e lustroso, sob as minhas mãos inexperientes e agradadas. Cada dia as cores faiscam, ondulam, gesticulam, apelam no desdobrar e correr contínuo dos «chiffons», dos «lamés», dos «Jacquards». O tecto verte continuamente uma luz avermelhada e calma, que acaricia suavemente faces bonitas como a de Mademoiselle Raquel, a velhenta extraordinàriamente a figura seca de Madame Rocha e dá um toque de magia e sonho ao vestuário exposto, às jóias falsas das vitrinas douradas, à mobília de bom gosto escolhida pela sr.ª D. Celeste.

Em toda a sala a sua presença paira submissa e atenciosa para com as suas distintas clientes enquanto a sua voz adocicada aconselha risonhamente: o tom «aubergine», Madame, fica-lhe soberanamente: «Madame — só se lhes pode dirigir assim — caminha para o amplo espelho, põe o tecido na sua frente, olha-se longamente numa posição, noutra, de frente, de lado. A sr.ª D. Celeste continua a murmurar, a persuadir, a adular, a querer vender juventude uma, outra e outra vez...

E a ciciar, a dissimular se chega às sete da tarde; é necessário arrumar os cortes e pela última vez afagamos as «mousselines», os «crêpes», os «organdis». Há uma invasão de tons que nos atulham os olhos e os deixam esfomeados e sôfregos, desiludidos e penalizados.

Muda-se o fato, deixa-se o uniforme cuidadosamente dobrado, diz-se um adeus de circunstância à sr.ª D. Celeste e parte-se.

E então as ruas, as pessoas, as casas inundam, sacodem e atordoam a minha mente com a sua realidade gritante, toda feita de ruído, de encontrões, de gargalhada.

Preciso achar um porto de segurança já, depressa, em seguida e corro ziguezagueando no feixe de calças e vestidos até a placa branca e verde da paragem se tornar visível. Subitamente sinto subir em mim um sentimento de reencontro, de reidentificação, de esperança. Eles lá estão, os «habitués» das paragens, em bicha, ignorando-se pretensamente, viajantes sempre iguais, de sonhos estreitos comuns, com o objectivo único de, tal como eu, chegar a casa e amanhã alinhar de novo, esperar de novo, recomeçar de novo.

Só que eu noto — e quem sabe se eles também? — que algo de falso me acontece, me deixa perdida e vencida, um pesadelo-realidade certo com um horário fixo e inalterável num pedaço de vidro tingido de preto: ABERTO DAS 9 AS 13 e DAS 15 AS 19.

O PRIMEIRO PORQUÊ

por Maria Natália

Porque queres fazer de mim
apenas um verso?
um verso que queres inserir
na quadra da tua vida
(o verso que falta para o fazeres rimar)
porquê doce mãe?

Escuta:
Eu sei que não compreendes
versos que não rimam
sei que não compreendes
que eu não queira ser o verso
dessa quadra que é só tua
e que não posso completar
(lamento doce mãe)

mas eu quero ser eu, exterior a ti
tenho uma vida que quero viver
não quero completar quadras
nem vou ser um verso
quero ser poema
quero ser eu.

Lamento doce mãe
não queria ver-te chorar
mas o poema que quero ser
é completo e inteiro
feito de tudo
até das tuas lágrimas, mãe
que não compreendes
versos que não rimam.

Perdoa doce mãe
mas tenho de ser eu
exterior a ti.

ARQUITECTURA

por Félix Borges

linhas ao mar adivinhadas
em memórias antigas

sobre as areias aprendem
a sábia presença das mãos

verticais se erguem ao silêncio
das distâncias

ternura é o volume no
rigor dos contornos

construção líquida

DILEMA

por Carlos Pinto

a palavra que ficara
no distraído de um cabelo enrolado
permitia olhar de novo a rua
e perder-me no labirinto dos lábios
na vila já hesitante
só em vago medo de viver
ou de repetir a rua semi-fechada

A PROPÓSITO DE AUTOMÓVEIS

por R. Henrique de Vasconcelos

1

Ontem adormeci com esta frase nos olhos: é preciso escrever nos passeios que os automóveis trazem morte. Talvez assim as flores possam dormir descansadas, e os meninos brinquem ao longo das avenidas. Afixem-se avisos em cada esquina a informar que no noutro lado pode estar o vazio. É preciso que todos aprendam a ler, para entenderem as gotas de sangue nos troncos das árvores.

2

Um automóvel é um bicho de crinas ao vento, desfolhando os malmequeres do destino: bem me quer, mal me quer... Mas isso era se houvesse destino. Eu não acredito que haja, portanto tomem cuidado.

3

Notícia dos jornais: «Um grupo de crianças declarou numa conferência de Imprensa, realizada ontem, que deixará de sair à rua.

SEXTA-FEIRA 13

(à Dolores)

por Jorge Lima Alves

Nessa tarde, sentia o calor como se sente um sobretudo: pesava e incomodava. Ainda por cima está cabide de cobertura não se pode pendurar no cabide quando muito bem nos apetece. Temos de aguentá-lo. Era o que eu tentava fazer desaboteando a camisa, bebendo água, abanando-me com o caderno, etc.... Isto não é novo.

Porque tinha ido para o café para escrever, lancei-me numa panorâmica pela sala, tentando o motivo.

A fauna era a habitual aquela era o naquele género de café: Mulheres à brava e uma ou outra criancinha. Tipos sem interesse, em suma. Sobre o criado, o velho Vidal, já eu estava farto de escrever.

Nos meus arquivos interiores apenas descortinava uns dois ou três assuntos, mas tão enovelados que não tentei o aprofundamento. Ainda por cima, vocês sabem, o calor não ajuda nada, a não ser à indolência.

Já estava mesmo desanimado, a pensar em dar o salto, quando ela apareceu.

Ela, era uma moça gira. Cabelos muito curtos, de miniasaia, com um andar na moda. De especial, só tinha o ser uma rapariga nova e bonita, no meio daquelas máscaras muito quietas de gente sem vida.

Ainda esperei que ela se fosse sentar numa mesa ocupada, pela mãe ou pela avó, mas não. Sòzinha.

Antes que eu me resolvesse a amordaçá-la, ela olhou-me... e deixou-se estar. Senti que a porcaria do sobretudo pesava ainda mais, como se, lhe tivessem posto em cada bolso, um montão de tralha. Remexi-me na cadeira esquecendo-me de registar os sentimentos. E' que estava em conflito e que, devo dizer, é raro.

Quando conseguir recuperar o domínio — quase sero ao pôr o ridículo do conflito — notei que o seu olhar era daqueles a que só me habituara no cinema. Quero dizer, amarelava.

Acarinhado assim à primeira vista... vocês estão a ver...

Pensei que estava equivocado, que interpretava mal aquilo... Por pouco tempo.

Com a expressão mais apaixonada que fui capaz, tentei o sorriso. Um sorriso daqueles...

Ela sorriu também e só não desmaiei nos floreos, porque sim.